

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**AURORAS DA VITÓRIA:
LETRAS DO TREINAMENTO ESPORTIVO NO BRASIL (1920-1968)**

Carlos Rogério Ladislau

**Campinas-SP
Junho - 2010**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

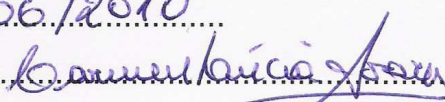
AURORAS DA VITÓRIA:

Letras do Treinamento Esportivo no Brasil (1920-1968)

Autor: Carlos Rogério Ladislau
Orientadora: Dra. Carmen Lúcia Soares

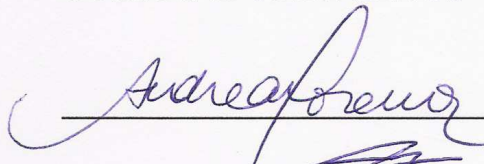
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida
por Carlos Rogério Ladislau e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 22/06/2010.....

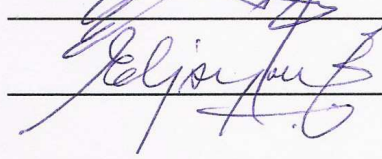
Assinatura: .....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:







**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

L125a Ladislau, Carlos Rogério.
Auroras da vitória: letras do treinamento esportivo no Brasil
(1920-1968) / Carlos Rogério Ladislau. – Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: Carmen Lúcia Soares.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Treinamento esportivo – História. 2. Educação Física – História. 3.
Educação. 4. Corpo. I Soares, Carmen Lúcia. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-141/BFE

Título em inglês: Dawns of winning: letters of Sport training in Brasil (1920-1968)

Keywords: Sport training – History; Physical Education – History; Education; Body

Área de Concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Doutor em Educação

Banca Examinadora: Profª. Drª. Carmen Lúcia Soares (Orientadora)
Profª. Drª. Andrea Moreno
Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz
Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque de Miranda
Profª. Drª. Eliana Ayoub

Data da defesa: 22/06/2010

Programa de Pós-Graduação: Educação

e-mail: crladislau@yahoo.com.br

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Carmen Lúcia Soares, pelo carinho atencioso, pela competência indiscutível e pelo exemplo de dedicação e generosidade.

Aos membros da comissão examinadora, Andrea Moreno, Eliana Ayoub, Vinícius Terra, Carlos Miranda, Alexandre Vaz, Rogério Moura e Alex Fraga, pela disponibilidade e pelas contribuições.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa, em especial a Kátia Danailof, Rodrigo Rosa, André Dalben, Marcelo Moraes, Fernanda Roveri, Sandra Siqueira, Evelise Quitzau e Luciana Bicalho, pelas trocas, pela cumplicidade e pela alegria.

Aos amigos da Universidade Estadual de Montes Claros, especialmente à Elisângela Chaves, Janice Carvalho, Paulo Eduardo Barros, Georgino Neto, Jiulliano Lopes, Rogério Othon Teixeira, Fernanda Cardoso e Luciano Pereira, pela compreensão, pelo carinho e pelo auxílio inestimável.

Aos amigos do G8, pelo afeto e pela amizade. Em especial a Bio, meu irmão do mundo.

A Ricardo Cardozo, pela amizade e pelo apoio irrestrito.

À Ana Paula Lima, pela presença constante e pelo amparo essencial.

À Luciana Portella, pela prontidão e pelo imenso carinho.

À Valderéz Portella, Milton Portella e Lya Lima, meus aconchegos da alma.

À Tuca, Clara e Fred, pela felicidade de cada minuto e de todo o tempo.

A Aelson Junior, pelo amor.

.

A todos vocês, obrigado...

*“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff,
levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.*

*Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito
caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto
seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
– Me ajuda a olhar!”
(Eduardo Galeano, O livro dos abraços)*

*Para Nilceu Ladislau e Benedita Moreira Ladislau,
por terem me treinado para a vida.*

RESUMO

Auroras da vitória: letras do treinamento esportivo no Brasil (1920-1968)

O esporte e as maneiras de ser esportivo constituem, sobretudo a partir do século XX, uma pedagogia corporal, evidenciando a importância dos modos de produzir o resultado esportivo operados nos entremeios do treinamento, modos estes que, ao longo de décadas, vão consolidando formas de jogar, formas de assistir, formas de participar, formas de competir: uma verdadeira alfabetização dos corpos e dos sentidos. Decorre daí a importância de se buscar compreender como as maneiras de treinar vão sendo conformadas na história recente do Brasil. Com essa intenção, a presente tese perscruta um conjunto de fontes bibliográficas específicas da área de Educação Física produzidas no Brasil no período de 1920 a 1968, destacadamente livros e periódicos especializados, buscando identificar continuidades e rupturas que caracterizam a definição do treinamento esportivo como um novo discurso especializado - uma nova disciplina acadêmica - fortemente engendrado nos parâmetros da ciência, sobretudo das biológicas.

ABSTRACT

Dawns of winning: letters of sport training in Brazil (1920-1968)

Mainly from the twentieth century, the sport and the ways to be sporting are a pedagogy body, highlighting the importance of the ways to produce the sporting result with the training. These modes, for decades, are consolidating ways to play, ways to watch, ways to participate, ways to compete: a real education of bodies and senses. That is the importance of seeking to understand how the ways of training are being conformed in Brazil's recent history. Thus this thesis investigates a number of specific sources from the area of Physical Education produced in Brazil in the period 1920 to 1968, notably books and journals, trying to identify continuities and ruptures that characterize the definition of athletic training as a new specialized discourse - a new academic discipline - engendered strongly on the parameters of science, especially the Biologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O imperador Carlos V
Ticiano – 1532-1533

Fonte: Robert Schneider. *A arte do retrato*, 1997.

Figura 2: “Järvinen, o famoso recordista mundial de arremesso de dardo, com 76m66”.
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.11, 1937.

Figura 3: “As reações biológicas aos estímulos do esforço físico implicam em desgaste e recuperação”.
Fonte: Brasil. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

Figura 4: “O finlandês Kolehmainen na chegada vitoriosa da Maratona dos Jogos Olímpicos de Antuérpia – 1920”
Fonte: BRASIL. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

Figura 5: “Janjão e Juca, dois entusiastas da gymnastica, na praia do Gonzaga, Santos.”
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.15, 1938.

Figura 6: “Exercícios e ginastica no treino da natação”
Fonte: Takashiro Saito. *Como vencer na natação*, 1935.

Figura 7: “H.Negami (Japão) – Como se vê nesta fotografia, a cabeça está um pouco mergulhada demais. Isto é devido a dificuldade que se tem em levar o braço para frente por ser o musculo do hombro um pouco duro.”
Fonte: Takashiro Saito. *Como vencer na natação*, 1935.

Figura 8: “Equipe de voleibol e basquetebol dos oficiais do Regimento de Cavalaria de Minas”.
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.37, 1939.

Figura 9: “O Basket Ball pela primeira vez no programa dos Jogos Olympicos. Este jogo, tão rico em imprevistos e no qual competiram em Berlim 22 nações, conseguiu rapidamente empolgar numerosos adeptos.”
Fonte: *Revista Educação Physica*, n. 7, 1937.

Figura 10: “Um instantaneo de Zabala”.
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.24, 1938.

Figura 11: Cabeçalho do artigo “Atletismo: princípios geraes do treinamento”.
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.7, 1937. p.81.

Figura 12: “Página Atlética – Ensinando por gravuras”
Fonte: *Revista de Educação Física*, n.41, 1938.

Figura 13: “Salto em altura estilo Horine – uma das formas mais belas e mais econômicas para a realização do salto em altura.”

Fonte: *Revista Educação Physica*, n. 42, 1940.

Figura 14: “Preparo físico para o basquetebol na A.C.M de S.Paulo”.

Fonte: *Revista Educação Physica*, n.53, 1941.

Figura 15: “As taboas que são empregadas nos treinos de batida de pernas”.

Fonte: Takashiro Saito. *Como vencer na natação*, 1935.

Fig. 16: “Aparelho para medir as reações rápidas de foot-ballers contra impressões breves” e “Aparelho para aferir a flexibilidade das juntas”.

Fonte: *Revista Educação Physica*, n.14, 1938

Figura 17: “Buracos feitos no solo para o apoio dos pés nas saídas ‘americanas’”.

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.51, junho 1948.

Figura 18: “Jesse Owens, a ‘flexa negra’, detentor de 4 medalhas de ouro na Olimpíada de Berlim, numa saída de 100 metros, percorridos no tempo de 10s3, utilizando ainda os buracos para a arrancada final”.

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.51, junho 1948.

Figura 19: Bloco de saída tipo T”.

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.51, junho 1948.

Figura 20: “José Bento de Assis, o maior ‘sprinter’ nacional já utilizando um tipo de bloco de saída, por ocasião do Campeonato Sul-Americano de Atletismo realizado em 1941, na cidade de Buenos Aires”.

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.51, 1948.

Figura 21: Capa da Revista Brasileira de Educação Física – Detalhe [Primeiro Congresso Panamericano de Educação Física – Rio de Janeiro – Brasil – Julho de 1943].

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.1, 1944.

Figura 22: “Máscara para examinar as modificações do ar respirado ao executar exercícios musculares.”

Fonte: *Revista Educação Physica*, n.19, 1938.

Figura 23: “Sujeito equipado para recolher o ar expirado durante um exercício de boxe.” [tradução livre].

Fonte: Maurice Boigey. *Manuel Scientifique d'Education Physique*, 1939.

Figura 24: “O Dr. Amilcar Giffoni no seu consultório, examina um dos numerosos atletas que, diariamente, se apresentam para exame físico. Para muitos casos de insuficiência física, dr. Giffoni aconselha o mate, conforme declaração que estampamos.”

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.31, 1946.

Figura 25: “O quadro da capacidade vital”.

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.18, 1945.

Figura 26: “A vitamina pode ser tomada também sob a forma de injeção no momento da execução de uma prova atlética.”

Fonte: *Revista Educação Physica*, n.68, 1942.

Figura 27: “O corredor Hakan Lindman; recordista sueco na distância de 110 metros com barreiras no tempo de 14.0 segundos”.

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.28, 1946.

Figura 28: “Tipo de competidor para os 110 metros com barreiras”

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.72, 1953.

Figura 29: “Tipos de ofensiva: o ataque em oito”.

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.57, 1948.

Figura 30: “Contador olímpico até 1/10 de segundo com agulha recobradora em funcionamento”

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.61, 1949.

Figura 31: “Aparelhos de cronometragem a oito cronógrafos”

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.61, 1949.

Figura 32: “O Sistema para cronometragem elétrica na natação – Importante invento de um jovem patricio” [Circuito aberto]

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.32, 1936.

Figura 33: “O Sistema para cronometragem elétrica na natação – Importante invento de um jovem patricio” [Circuito fechado]

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.32, 1936.

Figura 34: “A escalada dos tempos na milha”.

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.35, 1947.

Figura 35: “Ademar Ferreira da Silva, recordista olímpico e sul-americano de salto triplo, em ação”.

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.77, 1954.

Figura 36: “All Wiggins, um dos maiores e mais versáteis nadadores do mundo, durante o seu treinamento com pesos realizando um desenvolvimento supino de 97 quilos, sob os olhares atentos de Pete George.”

Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 91, 1959.

Fig. 37: “Comportamento da pressão arterial na Prova de Burger para verificação da adaptação do aparelho cardiovascular ao esforço da respiração retida”.

Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 77, 1954.

Figura 38: “Aspecto histológico de junção mio-neural”

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

Figura 39: O Exer-Genie (vista aproximada)

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

Figura 40: Multi-sporter (vista aproximada)

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

Figura 41: O multi-sporter sendo utilizado no treino da corrida com o apoio do treinador.

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968

Figura 42: “Estudo do ângulo de tração”

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

Figura 43: “Ciclo de treinamento para seis meses antes do período de competições: na última semana de cada mês diminui-se a intensidade para recuperação”

Fonte: BRASIL. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

SUMÁRIO

Apresentação	1
Introdução	11
“BÊ-Á-BÁ”: A TÍTULO DE PREPARAÇÃO	
Capítulo 1	29
PRIMEIRA PALAVRA: OLHAR	
Capítulo 2	65
PROSÓDIA E ORTOFONIA: O ESPORTE	
Capítulo 3	89
ACENTOS, HIATOS E RETICÊNCIAS: MODOS DE TREINAR	
Capítulo 4	115
NOVA SINTAXE: MODOS DE VENCER	
Capítulo 5	145
METONÍMIAS, ALITERAÇÕES, METÁFORAS: MAIS QUE VENCER, “RECORDAR”	
(In)Conclusão	155
TREINAMENTO ESPORTIVO: UMA GRAMÁTICA CORPORAL	
Fontes, Referências e Bibliografia	159
Apêndice A	171

APRESENTAÇÃO



Fig. 1 – O imperador Carlos V
Titiano – 1532-1533
Fonte: Robert Schneider. *A arte do retrato*, 1997.



Fig.2: “Järvinen, o famoso recordista mundial de arremesso de dardo, com 76m66”.
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.11, 1937.

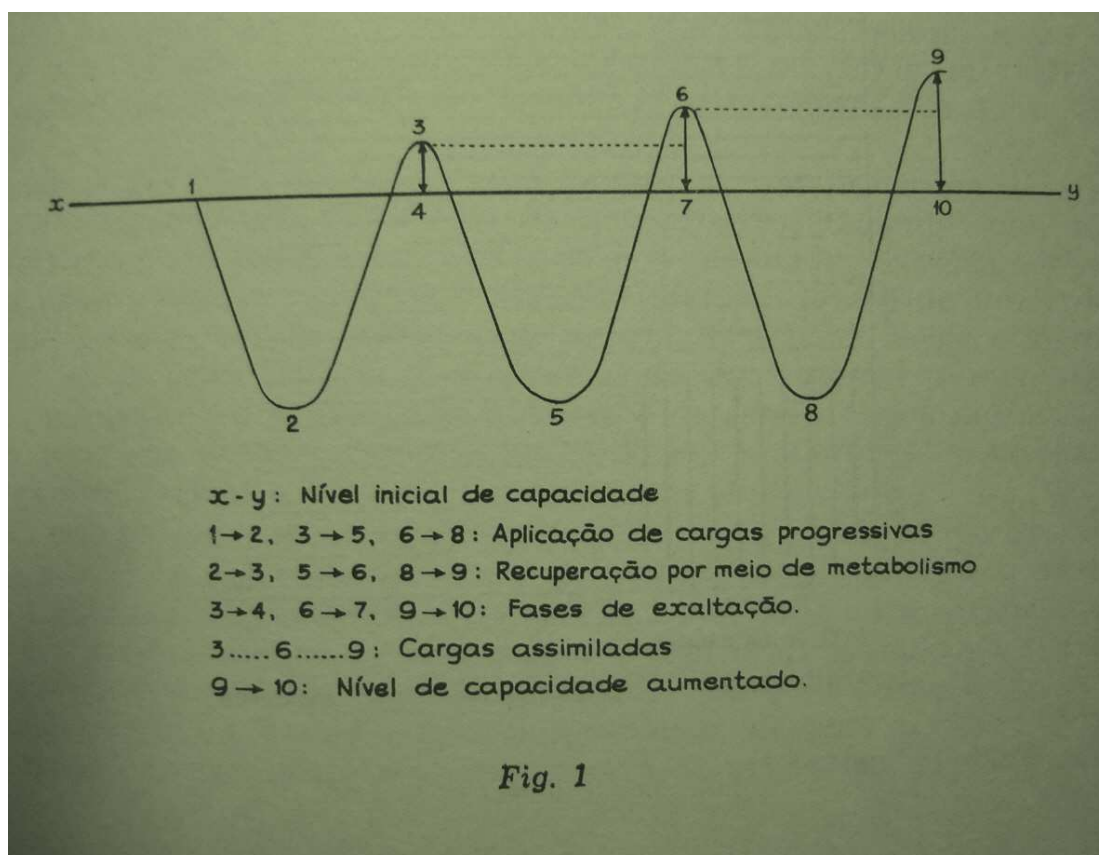


Fig. 3: "As reações biológicas aos estímulos do esforço físico implicam em desgaste e recuperação".
 Fonte: Brasil. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

No século XVI, o mundo conheceu o maior imperador da história até então. Nenhum príncipe antes dele concentrou sob seus domínios vastidões de terra e mar tão extensas como Carlos de Gante. Rei de Espanha aos 16 anos. Imperador do Sacro Império Romano-Germânico aos 19. Carlos V, como passou a ser conhecido a partir de 1519, ao contrário de tantos outros imperadores do passado, conseguiu tornar-se rei e imperador por herança e eleição, e não só pela força. Inteligente e enérgico, manteve sob seus auspícios seu gigantesco império graças a sua grande vontade e sua grande capacidade de governar¹. Um governante, um imperador, um homem: Carlos V.

Nitidamente compreensível que Ticiano o tenha *retratado*, assegurando sua representação “*au vif*”². Na tela, todo seu corpo figura, evidenciando, apenas por isso, seu pertencimento: é que, àquela época, apenas os príncipes regentes e os membros da nobreza eram retratados de corpo inteiro. A retórica gestual de Carlos V, sua postura física, seu vestuário e sua expressão facial respondem a um conjunto de códigos típicos de um momento em que os retratos pintados “foram se concentrando progressivamente nos estados íntimos, na evocação da atmosfera e na representação pictórica de atitudes mentais e morais”³. Assim, ao “registrar” a imagem de um homem, o retrato de Carlos V deveria revelar seu poderio, seus domínios, suas virtudes. Seu corpo retratado deveria mostrar a nobreza de seu sangue, de sua conduta e de sua história.

Matti Järvinen nasceu em 1909, na Finlândia. Filho de Verner Järniven, eminente atleta do lançamento de disco na década de 1910, Matti também tinha sangue “nobre”. Seus domínios, conseguidos com o uso da força, se estenderam de 1930 a 1936, período em que quebrou, por dez vezes, o recorde mundial do lançamento de dardo. Homem de

¹ SCHILLING, Voltaire. *Mundo: História*. Disponível em http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/carlos_v.htm. Acesso em 14.01.2010.

² Robert Schneider lembra que, nos séculos XV e XVI, o retrato individual tinha como função “a representação de figuras públicas que pretendiam demonstrar a sua posição social como indivíduos autônomos”. Cf. SCHNEIDER, Robert. *A arte do retrato*. Köln: Taschen, 1992. [versão em português-PT, editada em Colônia, Alemanha]. p.6.

³ Não se pode ignorar que um retrato é sempre o resultado de um pacto entre o artista e o modelo. No caso da pintura aqui considerada, é esperado que o modelo (“cliente”) pudesse “formular suas próprias intenções, e, nessa medida, determinar até certo ponto o modo como sua *imago* iria ser apreendida” (p.20-2). Cf. SCHNEIDER, Robert. *A arte do retrato...*, p.9.

determinação, em setembro de 1934, na cidade de Turin, alcançaria sua marca de 76,66m, a qual seria por ele mesmo quebrada, um ano depois, em Helsinki, quando atingiu seu último recorde: 77,23m. Um atleta, um recordista, um homem: Matti Järvinen⁴.

Talvez por isso a Revista Educação Physica o tenha “retratado” de corpo inteiro. Não num instantâneo que revelasse a “nobreza” do seu arremesso. Não numa pose que sugerisse a potência de suas formas corporais. Não. As preocupações com a composição, com uma retórica gestual, com uma postura corporal prescrita parecem não dirigir a representação. A Revista simplesmente o “retrata”. É que Matti, a despeito da conformação de sua imagem, representa o sucesso de suas marcas, ele o materializa, corporifica-o. A nota que acompanha a imagem o deixa claro: “recordista mundial de arremesso de dardo, com 76,66m”. A imagem de Matti é a imagem da sua potência de realização. É a imagem da potência de realização da humanidade e da sua garantia de franco progresso.

Progresso: “citius, altius, fortius”. Para avançar, é preciso ser mais rápido, ir mais alto, ser mais forte. O progresso conjuga o verbo aumentar e o faz em uníssono com a ciência. Juntos, representam o universo das possibilidades, que devem ser perseguidas, atingidas, ultrapassadas. Explicando relações, desvelando mecanismos e prevendo efeitos, a ciência está na salvaguarda do progresso: mira-o e por ele se desenvolve. Sua melhor tradução é a numérica: nutre-se das probabilidades, mas fala com certeza sobre as verdades que perscruta. Sua melhor imagem é a gráfica: convence o olhar mesmo sem explicações. Basta ver. Gráficos são representações de uma função mediante uma curva ou superfície num sistema de coordenadas. Pretensamente objetivos, revelam em seu traçado a relação entre números: põem em evidência o comportamento de variáveis.

A partir da década de 1950, tornam-se cada vez mais numerosos nos escritos sobre treinamento esportivo. Mostrarão distribuições, frequências, volumes e intensidades.

⁴ BRITANNICA Online Encyclopedia. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/301475/Matti-Jarvinen>. Acesso em 14.01.2010

Darão a ver inclusive o interior do corpo: respostas fisiológicas, curvas metabólicas, captação de oxigênio; para cada uma dessas funções, um desenho ideal. Aos poucos, responderão pela visibilidade da evolução nas performances. Curvas em ascensão, sempre, para evidenciar o progresso. Altius. No discurso da ciência, para mostrar os benefícios do treinamento, o gráfico ocupará o lugar do corpo.

Entre Järvinen e “o Gráfico”, existe um nítido deslocamento de sentidos. A meta do rendimento, do resultado, da performance será mantida, mas as narrativas que a configuram irão gradualmente se transformar. Do discurso da experiência, endossado pelos resultados que os atletas revelam nas competições, eclodirão as explicações e prescrições científicas, corroboradas por testes e mensurações operados em toda parte: nas pistas, nos ginásios, nos laboratórios. Das realizações do corpo, da demonstração de suas eficácias e performances, eclodirão números, fórmulas, funções. Dados que se darão a ver: corporificarão narrativas gráficas.

Movimento sutil talvez, mas de profundas repercussões.

É que do esporte emanam significados ponderosos, e suas práticas produzem percepções cuja penetração e abrangência são claras: materializam uma lógica racional, sobrescrita nos parâmetros do rendimento e do resultado, que atribui à competição a garantia da “justa” vitória do melhor. Tais práticas, engendradas com muito mais intensidade a partir do século XX, acabam por constituir uma verdadeira pedagogia corporal, ensinando modos de ser, modos de atuar, modos de sentir, modos de pensar. Alfabetizam o corpo numa gestualidade otimizada, sem faltas nem excessos, produzida por *experts* ou por cálculos de vetores e alavancas. Alfabetizam o caráter na contenção de atitudes, mirando o controle sobre si nas situações adversas da preparação e da disputa. Alfabetizam os sentidos na percepção das formas desejadas e das recusadas, dos contornos a se perseguir, das linhas a enaltecer. Alfabetizam o pensamento na compreensão da própria competição, legitimando condutas, ora reveladas ora ocultas, em prol do maior desempenho, do sucesso, da vitória. Alfabetizam a vida.

Da projeção do esporte e de sua inquestionável penetração social, decorre a importância de se perscrutar os modos de produzir o resultado esportivo operados nos entremeios do treinamento: seus fundamentos, seus métodos, seus recursos, seus planos. Suas práticas, protegidas pela forte tradição oral que cerca os procedimentos de atletas e treinadores, deixam poucos rastros: é desafiadora a captura de sua representação no tempo. Entretanto, os escritos sobre essas práticas, presentes em revistas especializadas e livros técnicos, podem configurar uma significativa possibilidade de aproximação: mesmo que seu testemunho não possa assegurar com precisão o que acontecia no cotidiano dos treinos, é certo que a sua presença forneceu pistas para que práticas fossem pensadas, analisadas, suprimidas ou executadas.

Trata-se, então, de ouvir esses sussurros e, dando voz a esses registros, tentar pensar este movimento: do “corpo inteiro” de Järvinen ao desenho das curvas do “Gráfico”. Contar uma história da constituição do treinamento esportivo como discurso especializado no âmbito da produção bibliográfica da educação física brasileira.

“Sabe, cavalheiros, aspiram a vitória tanto quanto eu, mas conseguida com a aparente falta de esforço dos deuses. Seus valores são os valores arcaicos do pátio de recreio do primário. Não enganam a ninguém mas a si mesmos. Creio na busca da excelência e carregarei o futuro comigo.”⁵

“BÊ-Á-BÁ”: A TÍTULO DE PREPARAÇÃO

Dois mil e oito. Ano Olímpico. Pequim ergueu-se no horizonte cumprindo a promessa de ser o palco do grande espetáculo esportivo do ano. Trezentos e dois eventos fizeram brilhar o espírito olímpico em 28 modalidades: novos recordes, novos talentos, novas marcas. Corpos desfilaram para expor ao mundo a excelência de suas performances, atestados materiais da superação arduamente perseguida em pesados anos de treinamento. Disciplina, dedicação, esforço. Sucesso.

Quarenta anos atrás, outros sentimentos faziam fervilhar o Brasil.

Em 1968, a ditadura militar assolava intensamente a sociedade brasileira... que reagia. Diversas passeatas de protesto, o assassinato do estudante Édson Luís, a Sexta-feira Sangrenta, a Marcha dos 100 Mil, o XXX Congresso da UNE em Ibiúna, as greves de Contagem e de Osasco, todo esse conjunto de acontecimentos⁶ revela como ebuliam os ânimos de grande parte da população naquele momento. Zuenir Ventura⁷, reconhecendo e efervescência do período e identificando seus desdobramentos para as histórias que foram contadas a partir de então, predicou-o, com muita propriedade: “1968: o ano que não terminou”⁸.

⁵ Fala de Harold Abrahams, personagem de Ben Cross em “Carruagens de Fogo”.

⁶ Cf. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 11ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

⁷ VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

⁸ Não por acaso, é de Zuenir Ventura o texto das orelhas de um livro que, entre outras coisas, revela, com “conhecimento de causa, alegria e bom humor”, o estado de fervilhamento de pensamentos e mentalidades nos anos 60 e 70 no Brasil. A obra de Heloisa Buarque de Hollanda, *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*, registra, num regime de exceção, três momentos muito significativos da produção cultural brasileira: “a participação engajada dos Centros Populares de Cultura, de 1962 a 64; a explosão anárquica do tropicalismo, de 1967 e 68; e a arte marginal do início dos anos 70. Vale lembrar, tendo em vista o contexto relatado pela autora, tratar-se de um período em que o Estado autoritário financia a crítica a tais movimentos e, portanto, investe massivamente no

Em janeiro de 1968, enquanto ebuliam os corpos no furor das massas, começava a circular o *Boletim Técnico Informativo*, uma espécie de periódico oficial da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura que veiculou artigos especificamente voltados para a educação física e os esportes. Já nos seus primeiros números, é possível localizar uma densa rede de textos dedicados à excelência esportiva, cercando a temática do treinamento desportivo em sua relação com modalidades, ambientes e bases científicas. O primeiro número⁹ traz, por exemplo, um texto bastante extenso e analítico apresentando uma discussão bem elaborada sobre “o interval training e a natação”, assinado por James Counsilman, uma das maiores autoridades no campo da natação de alto rendimento à época. No número 2¹⁰, de março do mesmo ano, é possível encontrar o artigo de Lamartine Pereira da Costa sobre a “problemática do treinamento e da competição na altitude da Cidade do México”. O número 3¹¹, por sua vez, traz, como primeiro ponto, um informe sobre o “Curso de Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”, relatando acerca da sua estrutura e organização. A apresentação da justificativa do curso deixa patente as intenções manifestas naquele contexto:

A observação do desempenho das equipes representativas nacionais, em todos os setores desportivos, tem indicado uma evidente ineficiência no que se refere à condição física. As origens do fenômeno são diversas e algumas vezes de difícil controle. Um aumento no rendimento – missão de técnicos e preparadores físicos, numa primeira instância – é problemático em face da reconhecível dificuldade no acesso às fontes de informações adequadas e atualizadas. Além disso, é sensível na atualidade que a pesquisa do treinamento desportivo, com suas implicações e novos conceitos, está influenciando preponderantemente a evolução de todos os setores da Educação Física. Neste contexto a Divisão de Educação Física e Cultura planeja um aperfeiçoamento através da disseminação dos modernos conhecimentos sobre a matéria.

esporte. Cf. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

⁹ Boletim Técnico Informativo [Publicação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura], n.1, Janeiro de 1968.

¹⁰ Boletim Técnico Informativo [Publicação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura], n.2, Março de 1968.

¹¹ Boletim Técnico Informativo [Publicação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura], n.3, Maio/Junho de 1968.

Também no ano de 1968, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura desenvolve um estágio, com duração de um mês, para capacitar professores das faculdades de Educação Física de todo o país acerca dos novos conceitos e metodologias de treinamento desportivo. Com essa intenção, são destiladas as proposições científicas mais recentes, fundamentalmente assentadas nos princípios do *Treinamento Total* postulados por Raoul Mollet¹².

Aliás, mesmo antes de 1968, as idéias desse autor, sistematizadas na obra *L'Entrainement Total* (editada pela primeira vez na Bélgica em 1961) já circulavam em língua portuguesa¹³. Nos escritos sobre ela, presentes em revistas especializadas da área, Mollet aparece defendendo a idéia de que o treinamento específico já não permite a conquista de marcas cada vez melhores, tornando-se indispensável recorrer a meios situados fora da especialidade. Enumera, então, os constituintes desse treinamento: o preparo muscular, o preparo orgânico, o aperfeiçoamento técnico, o preparo psicológico, a alimentação, os cuidados de revigoramento e de adaptação, a melhoria dos hábitos de vida, o emprego adequado das horas de lazer, as contribuições da medicina desportiva e o controle rigoroso do treinamento seriam os fatores decisivos para o alcance do êxito esportivo.

É ainda em 1968 que ocorre a publicação, pela mesma Divisão de Educação Física do MEC, do livro *Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo*, obra cujo título não deixa pairar dúvidas quanto ao seu propósito, seu endosso e seu teor. Temas como “Cinesiologia da ação muscular”, “Regulação cardiovascular e respiratória durante o exercício”, “Obtenção da resistência e da Endurance” e “Controle do Treinamento” não encontram correlatos na bibliografia de períodos anteriores: trata-se de concepções muito recentemente adotadas para o treinamento esportivo, as quais subsidiam

¹² DaCOSTA, Lamartine Pereira. Treinamento Esportivo. In: _____. (Org.). *Atlas de Educação Física e Esporte*. Rio de Janeiro, Shape, 2005.

¹³ Cf. RAMOS, Jair Jordão. Os cânones atuais do treinamento desportivo. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964. Fazendo uso de larga fundamentação biomédica, “o comandante Mollet acredita, como muitos outros, que o esporte moderno de alta competição, já não comporta mais o uso de métodos empíricos. Não se restringe a expressá-lo com gratuitas afirmações mas participa na elaboração de novos métodos e na síntese das novas idéias.” (Trechos extraídos do Prefácio escrito por Max Wasterlain, Secretário Geral do Instituto Nacional de Educação Física e Esportes da Bélgica). Cf. MOLLET, Raoul. *Treinamento de Força*. [s.l.]: Honor Editorial, 1972

propostas metodológicas diferenciadas para o preparo do atleta, sistematizando procedimentos em bases científicas tão sólidas que perduram até os dias atuais¹⁴.

Logo no início do livro, Lamartine Pereira da Costa - nome de grande relevância na produção acerca do treinamento a partir da década de 1960 – apresenta “Histórico, evolução e fundamentos do treinamento desportivo moderno¹⁵”, expondo fatos que atestam como se deu, na história recente, o crescente interesse por meios de se aperfeiçoar o rendimento esportivo:

Entre os corredores, a ênfase sobre uma preparação sistematizada surgiu com o atleta finlandês Hans Kolehmainen, vencedor dos 5000 e 10000 metros na Olimpíada de Estocolmo (1912) e da Maratona na de Antuérpia (1920). A diferença de resultados entre Kolehmainen e seus competidores chamou a atenção para um processo de preparação, inédito para a época, em que se estabelecia uma rotina rígida de trabalho, com percursos através de bosques e aplicações metódicas de massagens e banhos de sauna. Em seguida, apareceu Paavo Nurmi (*destacou-se nas Olimpíadas de Amsterdã, em 1928*), também finlandês, que comprovou efetivamente a eficiência do trabalho organizado e rotineiro, apoiado por uma doutrina de hábitos de vida. Nurmi, por suas marcas e vitórias, consagrou-se um dos maiores atletas de todos os tempos e é, hoje, herói nacional da Finlândia; sua atuação, na realidade, não traduzia um fenômeno de capacidade pessoal, mas sim uma “filosofia” de treinamento.

O autor continua expondo os principais aspectos dessa “filosofia”¹⁶, afirmando que os pontos básicos seguidos por Nurmi no seu treinamento consistiam na noção fundamental de “ritmo” com ênfase no esforço e não na passada; no trabalho sistemático e específico;

¹⁴ Em termos de constituição das bases de uma teoria geral do treinamento esportivo, Platonov lembra que, no mundo, “o primeiro trabalho importante desse gênero foi o livro *Atletismo* (Bogdanov et al., 1936), editado pela ‘Fizkultura i sport’, e considerado notável por diferentes motivos. Em primeiro lugar, pelo ‘fundamentalismo’ [sic]. A exposição dos princípios da técnica desportiva, da metodologia de ensinamento, do treinamento, etc., se baseia em fundamento biológico sólido. Um dos capítulos é dedicado às bases fisiológicas e bioquímicas da preparação de atletas. A análise da técnica desportiva foi realizada com base na eficiência biomecânica avaliada através da utilização de materiais fotográficos e cinematográficos que refletiam a habilidade desportiva dos melhores atletas da época. A predisposição morfo-funcional dos atletas para sua dedicação a diferentes desportos se determinava com base nas investigações antropométricas, fisiológicas e psicológicas. O livro centra-se na periodização do treinamento desportivo, na classificação das modalidades do atletismo, na formação do processo de ensinamento e treinamento, etc.” PLATONOV, V.N. Teoria geral do treinamento desportivo olímpico. Porto Alegre-RS: Artmed, 2004. (p.66)

¹⁵ Da COSTA, Lamartine Pereira. Histórico, evolução e fundamentos do treinamento desportivo moderno. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: MEC/DEF, 1968

¹⁶ Para tal, Lamartine Pereira da Costa faz uso das elaborações de Tõivo J. Kaila.

no fracionamento do trabalho em sessões mais numerosas e mais curtas; e no aperfeiçoamento das condições ambientais: vida ao ar livre, alimentação sadia e abundante, sem excessos, e utilização frequente da sauna. “As variações em torno desses fundamentos constituíram doutrina de toda uma geração de corredores finlandeses, além de Kolehmainen e Nurmi [...], que dominaram as provas de resistência em seis Olimpíadas, de 1912 a 1936”¹⁷.

Além de considerar os resultados alcançados no atletismo, no primeiro capítulo do livro de 1968, Lamartine da Costa faz ainda uma exposição sobre a ocorrência desse mesmo processo na natação. O autor destaca que, após tentativas isoladas de condicionamento físico programado, na década de 1920 surgiu, nos Estados Unidos, o nadador Johnny Weissmüller, um ícone na história dos resultados esportivos na natação. Como Nurmi, Weissmüller marcou efetivamente uma fase de transformação nos processos de treinamento, assinalando, nas palavras de Lamartine, “a passagem entre a improvisação e a sistematização”.

Convém destacar que essa geração de grandes nadadores que então apareceu vinha acompanhada de treinadores de base intelectual superior que procuravam dar dimensões científicas aos seus sistemas de treinamento. Bachrach, preparador de Weissmüller, planejava seu trabalho procurando abarcar todos os fatores influenciadores do rendimento de seu discípulo, numa antevisão pioneira do Treinamento Total, o postulado que Raoul Mollet só sistematizaria quase quarenta anos depois. O resultado dessa ação se fez ver nos mais de 50 recordes mundiais que foram batidos pelo notável nadador americano¹⁸.

Apresentando diversos fatos que balizam o movimento no campo do treinamento esportivo mundial, o texto de Lamartine da Costa percorre um longo período até o momento da publicação da obra em que escreve. Mil novecentos e sessenta e oito.

¹⁷ Da COSTA, Lamartine Pereira. Histórico, evolução e fundamentos..., p.9.

¹⁸ Da COSTA, Lamartine Pereira. Histórico, evolução e fundamentos..., p.10.

Mil novecentos e sessenta e oito foi também um ano olímpico. A Cidade do México, a 2260m de altitude, foi o cenário de fantásticas quebras de recordes¹⁹. O ar rarefeito do local “fez voar” os velocistas do atletismo, modalidade responsável pelos maiores destaques daquela edição das olimpíadas. O Brasil, com uma delegação de 84 pessoas (81 homens e 3 mulheres), conseguiu três medalhas, uma de prata (no salto triplo, com Nelson Prudêncio) e duas de bronze (no Boxe, com Servílio de Oliveira, e na Vela, com Burkhard Cordes e Reinaldo Conrad), chegando ao final da competição em 35º lugar no quadro de medalhas²⁰. Era a décima olimpíada da qual o país participava.

Quase cinqüenta anos antes, o Brasil estreava em Olimpíadas. Era 1920. Depois de uma viagem “hercúlea” de quase trinta dias em navio, a representação brasileira chegou a Antuérpia para participar das competições de esportes aquáticos (natação, pólo aquático e saltos ornamentais), remo e tiro esportivo. Com um grupo de 21 atletas (todos homens), o país destacou-se nas provas dessa última modalidade, o que rendeu três medalhas ao quadro nacional, uma de ouro, uma de prata e uma de bronze²¹.

Mil novecentos e vinte, seguindo um impulso que então já era possível identificar na Educação Física Brasileira²², foi também o primeiro de vários anos vindouros em que muitas obras especializadas foram publicadas abordando a Educação Física, a Ginástica, o Esporte e suas tangências²³. É desse ano, por exemplo, o livro de Fernando

¹⁹ Ao atingir 8,90m no salto em distância, o americano Bob Beamon estabeleceu uma marca tão espetacular que seu recorde só foi superado 20 anos depois, em Seul.

²⁰ Comitê Olímpico Internacional. Disponível em www.cob.org.br.

²¹ Comitê Olímpico Internacional. Disponível em www.cob.org.br. Vários acontecimentos interessantes cercaram o desempenho do Brasil nos Jogos Olímpicos da Antuérpia, destacadamente o fato de a medalha de ouro do Tenente Guilherme Paraense na prova de tiro rápido ter sido conquistada com uma pistola emprestada pela equipe norte-americana, que ficou com a medalha de prata na competição. Outro dado interessante é que o melhor representante brasileiro de esportes aquáticos à época era Abrahão Saliture, com 37 anos e então campeão de natação, remo e pólo aquático. Portador de uma deficiência no braço, Abrahão não conseguiu atingir, nas águas geladas da piscina olímpica de Antuérpia, os resultados que lhe renderam glória nos mares brasileiros nas décadas iniciais do século XX.

²² Cf. MARINHO, Inezil Penna. *Contribuição para a história da Educação Física no Brasil*. [s.l]: [s.n], [1942?].

²³ Entre as obras de maior destaque, Inezil Penna Marinho elenca “Sirena: romance em prol da cultura física”, obra de Gonzaga Filho; “Guia Prático de Educação Física”, de Arnaldo Guinle e Mario Paolo; “Jogos Ginásticos Escolares”, de Ernani Joppert; “Coisas do Futebol”, de Odilon Penteado do Amaral; e “A Educação Física como base da Educação Integral”, de Ambrosio Torres.

de Azevedo “Da Educação Física”²⁴, obra em que o autor apresenta e discute, em três momentos, a situação da Educação Física no país. Temas como “Bases científicas da Educação Física”, “Fadiga e exercício”, “Esportes e sua justa situação num programa escolar” e “Predominância esportiva na escola anglo-saxônica” aparecem já no sumário da obra, anunciando a importância atribuída a tais questões.

No primeiro desses tópicos (“Bases científicas, objeto e concepção moderna da Educação Física”), Fernando de Azevedo apresenta a biomecânica²⁵ como o alicerce científico no qual está assentada a Educação Física:

A biomecânica ou mecânica do desenvolvimento, - que demonstra o papel das ações mecânicas e dos excitantes funcionais sobre o desenvolvimento e a reparação dos órgãos, ou a ação das influências externas sobre a estrutura dos seres vivos e a adaptação dos órgãos as suas funções – constitui a base científica em que se assenta a educação física, como o mecanismo da transmissão hereditária, descoberto por Gregor Mendel, lhe fixa os limites de sua ação, que não se estende além das capacidades inatas da natureza individual.²⁶

²⁴ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física: O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. In: _____. *Obras completas*. V.1 - 3ª ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1960. É importante frisar que no presente estudo foram empregados os textos da terceira edição, conforme citação acima. Isto explica, entre outras coisas, a forma como são feitos os registros linguísticos. Convém ainda lembrar que o livro publicado em 1920 corresponde à tese elaborada por Fernando de Azevedo em 1916 intitulada “A poesia do corpo”, e depois publicada sob o título *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. Cf. PAGNI, Pedro Ângelo. *Fernando de Azevedo Educador do Corpo (1916-1933)*. 1994, 195f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

²⁵ Conforme é possível observar na própria definição oferecida pelo autor, a “biomecânica” a qual Fernando de Azevedo se refere constitui uma área significativamente mais ampla do que aquela hoje designada pela mesma palavra. Dito de outra forma, biomecânica, na perspectiva posta pelo autor, não é aquele ramo da cinesiologia que se ocupa do estudo das forças físicas que agem sobre os corpos e dos aspectos físicos e biofísicos das articulações, dos ossos e dos tecidos do organismo, mas sim “a mecânica do desenvolvimento, que demonstra o papel das ações mecânicas e dos excitantes funcionais sobre o desenvolvimento e a reparação dos órgãos”.

²⁶ AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...*, p.37. Os apontamentos de Fernando de Azevedo encontram forte ressonância nas elaborações de G.Demeny, cuja obra *Les bases scientifiques de l'Éducation Physique* é farta em explicações sobre o “papel das ações mecânicas e dos excitantes funcionais sobre o desenvolvimento” e sobre “a adaptação dos órgãos as suas funções”. Do primeiro capítulo da segunda parte do livro, cujo título é “Influência do exercício sobre as principais funções – Funções de nutrição – Condições higiênicas do exercício”, constam explanações tais como “Educação da função circulatória”, “Educação da função respiratória” e “Educação das funções de eliminação da fadiga e treinamento”. Cf. DEMENY, George. *Les bases scientifiques de l'Éducation Physique*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1931 [1ª edição de 1903]. *Tradução livre*.

Outro aspecto que chama a atenção nesse tópico é a enunciação de um dos princípios mais importantes – senão o mais importante – das ações no campo dos exercícios corporais:

As adaptações de estruturas, que podem resultar de simples modificações funcionais, ou, por outra, as adaptações de um órgão à sua função, cuja prova é fornecida pelo fato de que um órgão, que cessa de funcionar, se atrofia, e de que, ao contrário se hipertrofia o órgão, que hiperfunciona, explicam cientificamente os resultados seguros a que pode atingir a educação física, transformada assim num método rigorosamente científico, por seus princípios e pelos detalhes de suas aplicações, que se relacionam com os mais altos problemas da biologia.²⁷

Não obstante o forte apelo educacional do discurso presente em sua obra, é interessante observar nesse trecho a busca explícita de Fernando de Azevedo por um diálogo com as ciências, destacadamente aquelas pautadas nas biológicas. Tal fato em nada surpreende em se tratando de uma obra escrita no começo do século XX e destinada a refletir acerca da Educação Física, pois, como lembra Carmen Soares, “a Educação Física, no século XIX, constitui-se basicamente, a partir de um conceito anatomofisiológico do corpo e dos movimentos que este realiza. O seu referencial estará carregado de intenções tais como: regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria. As ciências biológicas e a moral burguesa estão na base de suas formulações práticas”.²⁸

Cinquenta anos após Fernando de Azevedo ter apresentado sua tese, seria possível perceber a eminência dessa proposição no campo do treinamento esportivo, cujas bases científicas definitivamente buscarão guarita junto às Biologias:

Desde que surgiu a preocupação de se verificar as condições orgânicas em relação à atividade física, as diversas provas foram

²⁷ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física..., p.37. No campo do treinamento esportivo, esse enunciado corresponde ao “princípio da adaptação”, ponto de partida para proposição de qualquer estratégia que vise a melhoria das condições esportivas do atleta.”

²⁸ SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 2ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 49. Denise Sant’anna acrescenta uma interessante observação a esse respeito: “... o ideário burguês de civilidade [do século XIX] teceu laços estreitos entre a biologia e a cultura, graças ao apoio de eugenistas, políticos e educadores: destes laços resultou uma nova forma de lidar com o corpo e de conceber a vida, doravante pautada pela busca da conquista individual do organismo sadio e da vontade disciplinada”. (SANT’ANNA, Denise Berluzzi. Prefácio à segunda edição. In: SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 2ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001. p.2.)

sendo moldadas tendo como base alterações que o organismo do atleta treinado apresenta de forma mais ou menos constante. O avanço dos conhecimentos no setor da fisiologia aplicada, as novas teorias sobre homeostase, a contribuição de Selye em sua Síndrome de adaptação geral, etc., possibilitaram, ao lado do avanço da tecnologia, da eletrônica sobretudo, criar formas mais perfeitas de controle [do treinamento] que, embora ainda não apresentem uma aplicabilidade global simplificada, possibilitam a obtenção de dados mais eficientes.²⁹

A importância dada ao pressuposto da adaptação (mais tarde, no âmbito do treinamento esportivo, nomeado de “princípio da adaptação”) pode ser também ilustrada nessa passagem do livro de Fernando de Azevedo:

[...] pode-se dizer que se a estrutura dum órgão vivo determina sua função, a função modifica por sua vez esta estrutura, e que ao aforismo de Jules Guérin: “A função cria o órgão”, podem-se ajuntar dois corolários, que constituem a base da educação física: “o desenvolvimento progressivo da função chega ao desenvolvimento progressivo do órgão”, e “a restituição integral da função dirige a reparação integral do órgão.”³⁰

Em diversos outros momentos do texto, o autor reforça a importância desse princípio. Atento às leis da hereditariedade propostas por Mendel, Fernando de Azevedo defende que todo indivíduo deve realizar o exercício, “este grande modificador higiênico e plástico”, a fim de que “a continuidade, através das gerações, de uma ação sistemática, ampla e pertinaz” possa contribuir para “enrobustecer” os indivíduos que se sucedem e assim, “concorrer por igual para melhorar as condições gerais de saúde, vitalidade e resistência de todo um povo”³¹.

Essa evidente preocupação eugênica, embora traga consigo elementos centrais do treinamento corporal, em nada se assemelha à preocupação colocada quarenta anos mais tarde por Raoul Mollet, na proposição do “treinamento total” como base metodológica do treinamento esportivo: trata-se, pois, de um novo vetor a preconizar o

²⁹ PINTO, José Rizzo. O controle do treinamento. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: MEC/DEF, 1968. p.370.

³⁰ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física..., p.37.

³¹ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física..., p.38.

“enrobustecimento” dos indivíduos: o esporte, em nome do qual supremacias serão confrontadas, economias serão forjadas e corpos serão produzidos.

A ascensão do esporte era também já anunciada na obra de Azevedo. Considerando seu caráter recreativo e a não aplicação “dosimétrica”, em qualidade e quantidade, do movimento às articulações, Fernando de Azevedo tece ponderações sobre o advento esportivo na sociedade, expondo seus argumentos a favor da prática esportiva (devidamente antecedida por sessões de ginástica preparatória!) tendo em vista serem os esportes “um meio agradabilíssimo de se *utilizar* e *aperfeiçoar* a musculatura, constituindo um fator notável da extensão da educação física”³².

Os esportes – do pedestrianismo em suas múltiplas formas até o salto, do futebol ao tênis, dos pesos aos halteres e todo o esporte aéreo da ginástica de aparelhos, sôbre beneficiarem o organismo de notáveis efeitos fisiológicos e porem os músculos em jôgo, têm grande utilidade psíquica e moral, exaltando o gôsto da luta com as dificuldades, a atividade perseverante, adestrando nos lances de coragem e sangue frio, e conquistando aos que os praticam todo êsse conjunto rítmico de qualidades do caráter anglo-americano, que se apóia no hábito de contar cada um consigo (o *self-support*) e na posse completa de si mesmo, ou no *self-control*, como se diria na técnica inglesa³³.

Essa obra de Fernando de Azevedo é rica em muitos outros elementos para pensarmos a constituição do campo esportivo no primeiro quartil do século XX. Igualmente oferece informações reveladoras das estreitas relações então estabelecidas entre a “ciência” daquele momento e as práticas ligadas à educação física, destacadamente as ginásticas. Entretanto, no âmbito desses dois aspectos e para além deles, um terceiro chama a atenção: trata-se da “Bibliografia” que ele apresenta ao final do livro: das 92 obras elencadas, apenas duas (ARNULPHI. *A cultura física pela respiração*. 1912; VASCONCELOS. F. DE – *Lições de Pedagogia e Pedologia Experimental*, 1902.) estão em língua portuguesa. Todo o restante está listado em espanhol, inglês, alemão e, principalmente, francês. Tal fato é revelador do estado da arte da literatura especializada de então: para se escrever um obra de tais proporções, não havia recurso senão fazer o que fez Fernando de Azevedo: recorrer à bibliografia estrangeira. É desse pressuposto,

³² AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...*, p.75. Grifos do autor.

³³ AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...*, p.75.

pois, que parto: o de que, em 1920, a área da Educação Física dava os primeiros passos, no Brasil, no sentido da organização e consolidação da sua produção teórica e bibliográfica³⁴.

Além disso, no mesmo período, paralelamente à realização de várias disputas nacionais de basquete, remo, futebol e natação, a primeira participação brasileira numa olimpíada aproximou ainda mais do foco da área esse “novo” esporte, agora mais voltado para a vitória, para o sucesso, para a superação de marcas. Tal fato conduziu ao surgimento de uma preocupação até então pouco evidente: a necessidade da preparação dos “atletas”³⁵ a partir de bases científicas sólidas para participação em competições, criando a demanda para o surgimento de um novo campo, uma nova especialidade, um novo discurso: o treinamento esportivo. O próprio Fernando de Azevedo, inegável defensor da ginástica, preocupou-se, já em 1916, em nomear esse elemento na sua obra: “O treinamento, no ponto de vista do esporte, “é a arte de conduzir o homem a um grau de força suficiente para suportar uma prova determinada”³⁶.

Pois bem, é justamente acerca do cruzamento desses elementos que pretendo elaborar: localizar, na produção bibliográfica da educação física brasileira, os movimentos da construção desse novo campo do saber especializado: o treinamento esportivo.

Mas convém desde já esclarecer: a idéia de treinamento é bastante remota. Registros arqueológicos da antiguidade clássica permitem sugerir a utilização de rotinas de treino há cerca de 3000 anos pelo menos. Inscrições em paredes, pinturas em vasos, “halteres” de pedra, fortes indícios de que a *arte* do treinamento era uma preocupação helênica, com aspectos organizacionais próximos aos que encontraremos no século XX: aumentos de carga, frequências de treino, distribuição do tempo, organização. Apenas o

³⁴ O próprio Fernando de Azevedo ratifica essa idéia no prefácio da 3ª edição de seu livro: “Mas não se limitaram à difusão dos esportes e das atividades atléticas os progressos da educação física no país. [...] a bibliografia quase inexistente em 1920 (são de minha mão as primeiras obras que, sobre a matéria, se editaram no país), enriqueceu-se de livros, folhetos e comunicações que acompanharam de perto os progressos realizados nesse domínio de atividades”. Cf. AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...* p.14, prefácio da 3ª edição.

³⁵ Faço uso da palavra “atleta” com muito cuidado aqui, já que os “esportistas” de 1920 em nada se parecem com os que competiram nas Olimpíadas de 1968, na Cidade do México, e menos ainda com os que vimos competir em Pequim, em agosto do ano passado.

³⁶ AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...*, p.156.

século XX, entretanto, terá o esporte, esse fenômeno “moderno”, organizado por entidades representativas, com um corpo técnico especializado, com espaço regulamentado e com calendário próprio, descolado do cotidiano e da vida. Esse esporte, cujas disputas são marcadas pela endogenia, delineia demandas inéditas: fala da obrigação do treino. Fala da datação da performance. Fala da obliteração dos desejos. Fala da *necessidade* de vencer... e mostra os lucros da vitória. Será este o esporte que conformará, então, o treinamento: rapidamente expulsará os vestígios de *arte* para perseguir a racionalização dos meios, a previsão dos resultados. A partir desse olhar e definindo o presente estudo, o esporte conduzirá o treinamento, e não o contrário. Daí não caber perseguir relatos sobre treinamento na antiguidade. Daí não caber consentir uma *evolução* das práticas na história dos treinos. Daí não caber ignorar a potência do esporte de emanar os sentidos para a preparação dos corpos e a promoção de suas eficácias. Treinamento esportivo, não mais corporal. Alardeando o contrário, no século XX, o esporte fará esvaziar o corpo do homem para fazer surgir o corpo do atleta.

Quanto aos tempos, penso na obra de Fernando de Azevedo e nas Olimpíadas da Antuérpia para partir de 1920 em direção a 1968, ano em que, como já mencionei, um conjunto de fatos e publicações atesta a consolidação do treinamento esportivo como área distinta, (bio)cientificamente embasada e de patente reconhecimento no campo da Educação Física.

Para tal, percorro uma vasta rede de fontes, constituídas sobretudo por revistas especializadas e livros publicados no período. Dentre esses últimos, duas obras margeiam meu olhar. A primeira delas, já fartamente empregada nas páginas que me trouxeram até aqui, é o livro de Fernando de Azevedo. Publicado em 1920, ele corresponde à tese elaborada pelo autor em 1916 para o concurso em que concorreu ao cargo de instrutor de ginástica do Ginásio Mineiro, intitulada “A poesia do corpo” e posteriormente editada com o nome *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*³⁷. Para além dos vários aspectos que já aponte e que endossam a

³⁷ Cf. PAGNI, Pedro Ângelo. *Fernando de Azevedo Educador do Corpo (1916-1933)*. 1994, 195f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

importância da obra neste estudo, há um bastante particular. Em 1960, a editora Melhoramentos publicou as *Obras completas* de Fernando de Azevedo. No volume 1, do qual consta o livro “Da Educação Física”, encontra-se um longo prefácio, redigido pelo próprio autor, no qual ele expõe suas impressões acerca do que pensou e escreveu quarenta anos antes, em 1920. Golpe do destino talvez, mas que me permite lidar com esses dois tempos, com essas duas escritas, sob a mesma rubrica: Fernando de Azevedo.

A segunda obra que margeia este estudo é também a que demarca seu fim. Editado em 1968, *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo* surge não sem intenções: basta registrar que se trata de uma publicação da Divisão de Educação Física do MEC, órgão dirigido por militares no auge da ditadura militar no país. Não obstante essa nota, a apresentação da obra, assinada pelo Tenente-coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira, Diretor da DEF, busca explicitar os dois pontos capitais dos seus objetivos:

O principal dêles é que há uma tendência de nossa especialidade se orientar no sentido dos Desportos. Efetivamente se observa que a pesquisa do treinamento físico, com suas implicações e novos conceitos, está

influenciando de modo preponderante a evolução de todos os setores da Educação Física. É consenso dos centros mais adiantados que, no futuro, a metodologia da Educação Física terá por base os cânones do que chama hoje treinamento desportivo.

[..]

Em segundo lugar, e agora fora do âmbito educacional, há uma indiscutível e insistentemente verificada necessidade de aperfeiçoamento de nossos técnicos desportivos. A observação do desempenho das equipes representativas nacionais em tôdas as modalidades, tem indicado uma flagrante ineficiência no que se refere à condição física. Mesmo a par da constelação de fatores influenciativos envolvidos no problema, pareceu-nos ser importante oferecer acesso às informações adequadas e atualizadas que todos nós reconhecemos serem de difícil trânsito em nosso país.³⁸

A apresentação do Tenente-coronel Arthur Ferreira também procura deixar claro como foram definidos os autores da obra: “quanto à escolha dos colaboradores, a DEF

³⁸ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: MEC/DEF, 1968

procurou pautar-se no critério da vivência, a par, lógicamente, de elevado nível técnico, a fim de que a teoria se aproximasse o máximo de nossas condições ambientais”³⁹. Os 23 capítulos da obra dividem-se, não igualmente, por nove autores: Lamartine Pereira da Costa, Maurício Leal Rocha, José Luiz Fraccaroli, Luiz dos Santos, Maria Lenk, Mario Ribeiro Cantarino Filho, Athaide Ribeiro da Silva, Marcelo Benjamin de Viveiros e José Rizzo Pinto.

Além desses dois livros essenciais, para traçar o caminho que leva de um ao outro, recorro à análise de revistas “científicas” especializadas publicadas no período: a Revista Educação Physica, a Revista de Educação Física e a Revista Brasileira de Educação Física.

As duas primeiras - Revista Educação Physica e Revista de Educação Física – começam a circular nos primeiros anos da década de 1930, época em que o Estado, reconhecendo a potência das práticas corporais e esportivas no sentido da promoção da educação moral e física dos cidadãos, empenha-se no desenvolvimento das ações ligadas a tais práticas. Será necessário veicular os feitos esportivos, os conhecimentos pedagógicos e os preceitos científicos para se conduzir à movimentação eficiente do corpo, medida certamente higiênica, mas não só.

A “Revista Educação Physica”, que nos dois primeiros números tem o nome de “Revista Technica de Athletismo e Sports”, começa a circular em maio de 1932, sendo considerada o primeiro periódico específico da área de Educação Física no Brasil. Financiada por uma editora particular do Rio de Janeiro – a Cia do Brasil – a Revista Educação Physica integra nomes importantes da área àquela época, tais como Paulo Lotufo, Américo Neto e Fred Brown: professores, técnicos, membros de associações, atores interessados na “causa da educação física”. Conta também com colaboradores estrangeiros e, por vezes, recorre à tradução de artigos, seja pela relevância do conteúdo, seja pela garantia da regularidade das edições, nem sempre mantida. Nos 88 números de sua trajetória, de 1932 a 1945, a Revista divulgou uma infinidade de informações sobre a educação física, a ginástica e os esportes. Veiculou regras, comentários, planos, prescrições, conselhos, informes e conhecimentos técnicos, táticos

³⁹ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo...*

e pedagógicos. Anúncios, muitos anúncios estiveram presentes em suas páginas também. A julgar pelo volume expressivo de colaboradores e pelo número de representantes de várias partes do Brasil constantes da ficha técnica de várias edições, a Revista Educação Physica parece ter tido uma ampla circulação, atendendo um público variado cujo interesse orbitava ao redor das práticas dos esportes e da Educação Física.

Também no ano de 1932, o Centro de Educação Física do Exército lança o primeiro número da “Revista de Educação Física”. Sob a guarita militar, sua vocação doutrinária é estampada logo na sua primeira página, num texto do Major João Ribeiro Pinheiro:

Militarismo e Educação Física:

Ao Exército deve-se a unidade do Brasil-Imperio. Ao Exército deve-se a Abolição. Ao Exército deve-se a primeira e a segunda Republica. Inumerar o que tem sido a obra dos militares dentro do organismo nacional é contar quasi a propria vida nacional. Mas ainda hoje pouca gente compreende o valor silencioso, nem por isso menor formidavel, da obra de alfabetisação, nacionalisação e higienisação social que o Exército realiza implacavelmente entre os jovens que vêm annualmente servir nas suas fileiras.⁴⁰

Na mesma linha de pensamento, a primeira página do seu número 12, publicado em novembro de 1933, traz uma nota bastante elucidativa intitulada “Um ano de atividade”, na qual J.R.Toledo de Abreu relata os méritos alcançados no primeiro ano de circulação da Revista:

“Órgão de difusão técnica, [a Revista de Educação Física] tem levado aos mais longinquos Estados do Brasil os melhores ensinamentos e princípios destinados à elevação do nível de eficiência da sua especialidade; instrumento de propaganda, tem buscado sempre espalhar seu crêdo que é um hino constante de confiança nos destinos da Pátria em que a educação física terá, certamente, uma influência decisiva!”⁴¹

⁴⁰ PINHEIRO, João Ribeiro. Militarismo e Educação Física. *Revista de Educação Física*, n.1, 1932.

⁴¹ ABREU, J.R.Toledo de. Um ano de atividade. *Revista de Educação Física*, n.12, novembro de 1933. Um aspecto importante deve ser apontado a partir dessa nota. O primeiro número da Revista traz, em sua página de rosto, dados que sugerem o período exato de sua publicação: “Maio – Rio de Janeiro – Fortaleza de S.João – 1932”. Na continuidade das edições, o número 2 consta ser de junho e o número 3 de julho do mesmo ano. O número 4 só seria publicado em janeiro do ano seguinte. Nada de estranho que no número 8, de maio de 1933 – supostamente um ano depois de seu lançamento – nenhum comentário fosse feito com relação ao seu “aniversário”, se não houvesse, em novembro do mesmo ano, na edição de número 12, uma nota comemorando essa data. Um equívoco? Talvez. Mas revelador das arestas de um desejo: poder aclamar-se como “o periódico

Aparentemente destinada a um público mais restrito, os artigos da Revista de Educação Física são escritos em grande parte por militares, via de regra pessoas ligadas à instrução física e às práticas esportivas. Muitos médicos – sempre militares – também habitam suas páginas. Os “Planos de Ensino de Educação Física” e as “Unidades de Doutrina” são ocorrências comuns, mas não exclusivas. Uma infinidade de outros conteúdos podem também ser encontrados, os quais vão desde técnicas de exercícios de preparação para o combate até lições de Educação Física Infantil, passando por toda sorte de procedimentos, tabelas, comentários e prescrições. Ao longo dos anos, sua periodicidade foi bastante irregular: às vezes mensal, às vezes semestral; se em 1935, foram editados onze números da Revista, em 1950 seriam apenas dois. Apesar desse desregramento do tempo em suas edições, a Revista virou o século e é publicada até os dias atuais. No período considerado no presente estudo, de 1932 a 1968, sob seu título foram publicados 96 números.

Quanto à Revista Brasileira de Educação Física, sua vida breve (1944-1952) mascara o significativo volume de suas edições: 82 números em apenas 8 anos. Publicada pela Editora A Noite, operou sobre a direção editorial de Inezil Penna Marinho, sem dúvida um de seus principais articulistas. Além dele, escrevem na Revista autores diversos: professores, técnicos, treinadores, médicos. Às vezes, contribuições estrangeiras se fazem presentes. Outras vezes, traduções também são utilizadas. A exemplo da Revista Educação Physica, com a qual guarda certas semelhanças e com a qual compartilha autores, a Revista Brasileira de Educação Física também publicou grande variedade de informações sobre os mais diversos aspectos ligados à Educação Física e à prática esportiva: notícias, leis, conselhos, comentários, informes, sínteses, esclarecimentos, informações técnicas e pedagógicas. Na primeira página do seu primeiro número expõe seu programa, colocando em foco a necessidade de remediar uma tensão: malgrado o extenso volume de ações do Governo para fazer crescer a Educação Física e suas práticas, malgrado “a importância que o Chefe da Nação dispensa à formação completa de nossa juventude”, a realidade mostra outra cara:

nacional mais antigo da área de Educação Física”. Vale lembrar que em maio de 1932, a Revista Educação Physica havia publicado seu primeiro número.

No domínio prático [...], a aplicação daquelas leis está longe de corresponder à expectativa e ao esforço das autoridades incumbidas de administrá-las; deixa ainda muito a desejar, talvez por falta de ambiente favorável, tanto no meio de uma grande maioria de nossos educadores como entre os escolares e os seus responsáveis, e na massa popular onde não se conseguiu formar, até agora, uma consciência exata dos benefícios efetivos dos exercícios físicos sobre o desenvolvimento harmonioso do organismo humano.⁴²

Amarílio Ferreira Neto afirma haver indícios de que a Revista Brasileira de Educação Física representa a “síntese do pensamento brasileiro para a área na primeira metade do século XX”⁴³.

É analisando esse conjunto de fontes que pretendo construir esta história do “treinamento esportivo” no Brasil, contada em cinco movimentos. No primeiro deles, desafio o olhar. No segundo, persigo o alavancar do esporte e de seus valores para, a seguir, no terceiro, procurar os dizeres sobre o treinamento, inclusive lá onde a palavra não se dá a ver; busco, então, no quarto movimento, a compreensão dos deslocamentos que abrigam experiências e experimentos como argumentos para a ação; e finalmente pressiono o recorde para que ele revele aquilo que pretende fazer ser verdade: a história como progresso. É esta, pois, a estrutura dessa tese.

⁴² NOSSO programa. *Revista Brasileira de Educação*, n.1, janeiro 1964.

⁴³ FERREIRA NETO, Amarílio. Publicações periódicas de ensino, técnicas e magazine em educação física e esporte. *Proteoria*. Disponível em: http://www.proteoria.org/textos/2004_01_amarilio_pub_perio_de_ensino_tec_e_mag_em_ef_esp.pdf. Acesso em 29.01.2010.

Capítulo 1

PRIMEIRA PALAVRA: OLHAR



Fig.4: “O finlandês Kolehmainen na chegada vitoriosa da Maratona dos Jogos Olímpicos de Antuérpia – 1920”

Fonte: BRASIL. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.



Fig. 5: “Janjão e Juca, dois entusiastas da gymnastica, na praia do Gonzaga, Santos.”

Fonte: *Revista Educação Physica*, n.15, 1938.

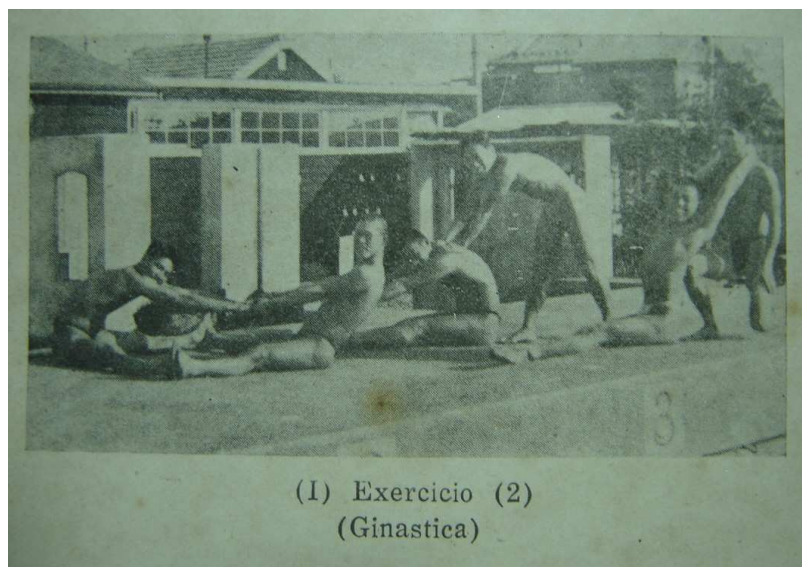


Fig. 6: “Exercícios e ginastica no treino da natação”
Fonte: SAITO, Takashiro. *Como vencer na natação*, 1935.



Fig. 7: “H.Negami (Japão) – Como se vê nesta fotografia, a cabeça está um pouco mergulhada demais. Isto é devido a dificuldade que se tem em levar o braço para frente por ser o musculo do hombro um pouco duro.”
Fonte: SAITO, Takashiro., *Como vencer na natação*, 1935.



Fig. 8: "Equipe de voleibol e basquetebol dos oficiais do Regimento de Cavalaria de Minas".
 Fonte: *Revista Educação Physica*, n.37, 1939.

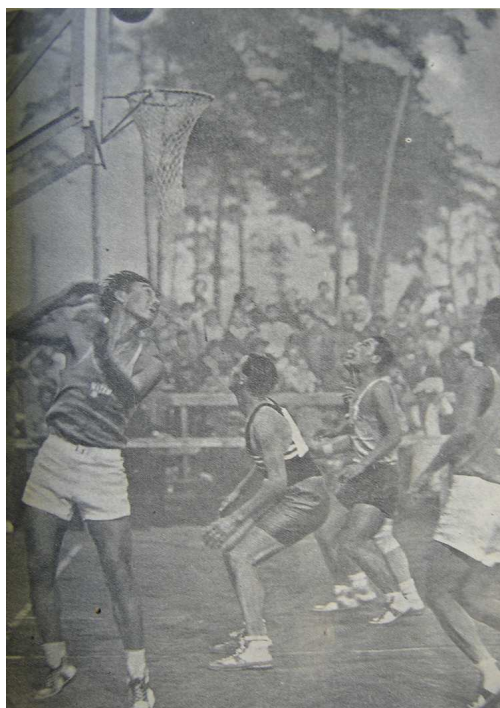


Fig. 9: "O Basket Ball pela primeira vez no programa dos Jogos Olympicos. Este jogo, tão rico em imprevistos e no qual competiram em Berlim 22 nações, conseguiu rapidamente empolgar numerosos adeptos."
 Fonte: *Revista Educação Physica*, n. 7, 1937.

ZABALA

O famoso vencedor da maratona de Los Angeles dá importantes indicações aos novatos

O corredor que não possa contar com o auxílio de um "trainer" deve estudar-se a si mesmo, procurando corrigir os defeitos segundo algumas indicações que darei mais adiante. Nestes casos, recomendo que se faça ajudar por um amigo que tenha, pelo menos, o senso da observação.

Logo que realize esse trabalho previo — conforme os casos, pode durar semanas ou meses — cabe-lhe escolher a distancia que de preferencia vae correr. Observe-se que dizemos de preferencia e não com exclusividade. Pessoalmente, jamais quis eu ser especialista numa distancia determinada, porque isso equivale a intoxicar o corpo para qualquer outro esforço, a tal ponto que conheci athletas que corriam muito bem vinte kilometre, por exemplo, mas eram incapazes de ir mil metros além, porque o physico se escravizara áquella distancia.

Admito, contudo, que a pessoa "tenha" sua distancia preferida. Esta deve ser escolhida em todos os casos pelo corredor, de acordo com seu gosto, e não imposta pelo entrenador.

Reserva de energias

Conheci corredores que iam ás sessões de treino como quem cumpre uma penosa obrigação. Em taes casos, ha "vontade de correr", mas não existe verdadeira vocação. O ideal é ir treinar-se com entusiasmo; combater a inactividade, mas respeitar as indisposições. Dias ha em que o corpo não se sente bem para submeter-se a um esforço. Adverte-se um "quê" que transforma o treinamento em pesada tarefa. Então é preferivel não treinar, porque o que se faça em semelhantes condições resultará prejudicial.

O athleta não deve gastar a totalidade de suas energias no treino. Muitos, enganados, fazem de cada sessão de treino uma serie de corridas esgotantes. Consomem-se em vez de preparar-se. O treinamento deve ser abandonado quando se está próximo do esgotamento.

Tabellas de treinamento

Ha treinadores que preparam "tabellas" para athletas que não conhecem. Respeito todas as opi-

(3) O balanço do corpo e o movimento dos braços são bem demonstrados neste instantaneo. Tambem é visivel que os joelhos se mantêm sempre á frente. O olhar, na estrada, mais para o lado do que aqui se vê

O ideal, portanto, é permizrecer em contacto com o treinador, e, mais ainda, com o medico, cujo concurso é valiosissimo.

Duração, gymnastica, etc.



Fig. 10: "Um instantaneo de Zabala".
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.24, 1938.



Fig. 11: Cabeçalho do artigo “Athletismo: princípios geraes do treinamento”.
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.7, 1937. p.81.

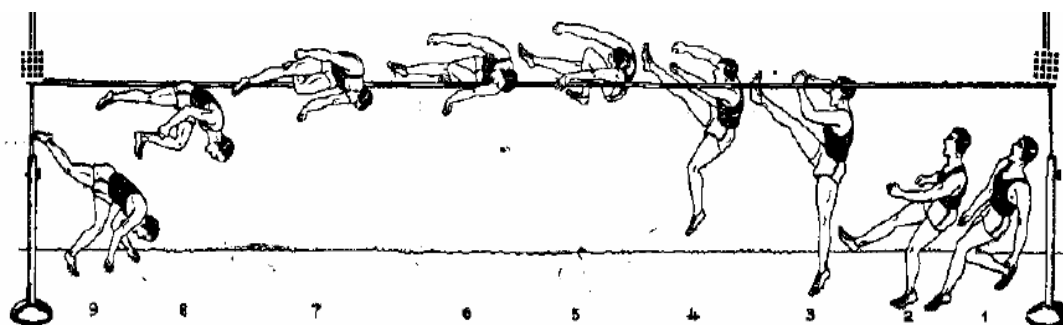


Fig. 12: “Página Atlética – Ensinando por gravuras”
Fonte: *Revista de Educação Física*, n.41, 1938.



Fig. 13: “Salto em altura estilo Horine – uma das formas mais belas e mais econômicas para a realização do salto em altura.”
Fonte: *Revista Educação Physica*, n. 42, 1940.

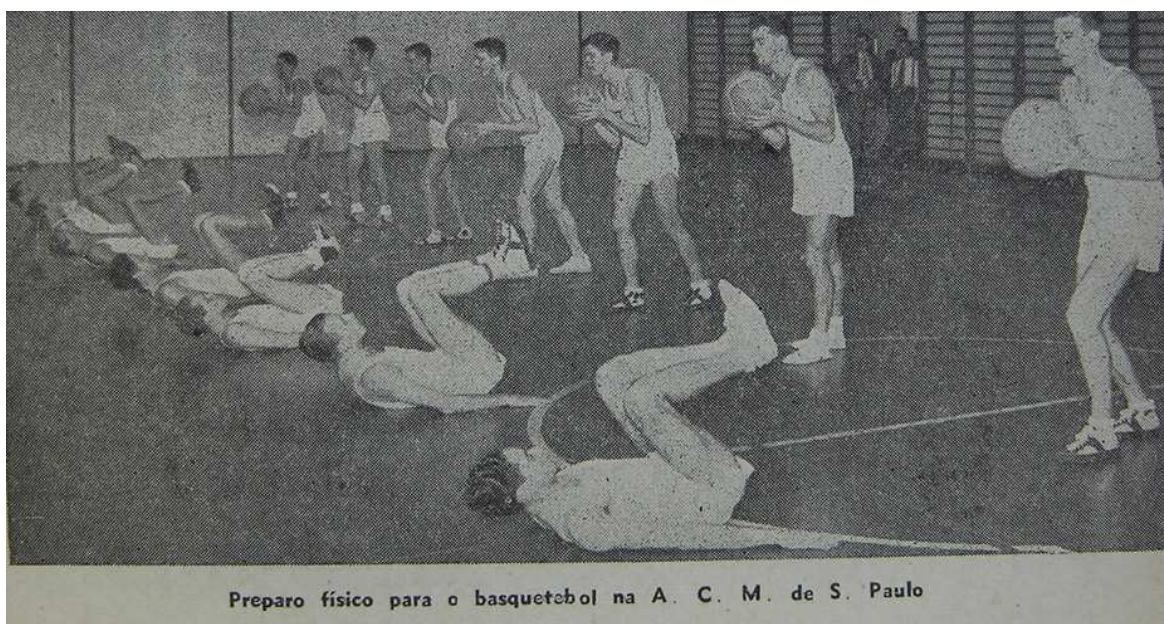


Fig. 14: "Preparo físico para o basquetebol na A.C.M de S.Paulo".
 Fonte: *Revista Educação Physica*, n.53, 1941.



Fig. 15: "As taboas que são empregadas nos treinos de batida de pernas".
 Fonte: SAITO, Takashiro. *Como vencer na natação*, 1935.

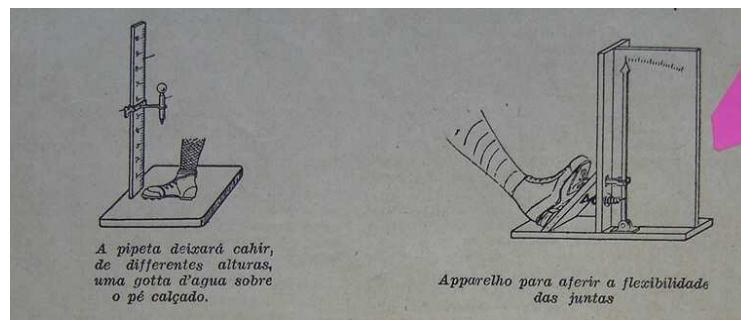


Fig. 16: “Aparelho para medir as reações rápidas de foot-ballers contra impressões breves” e “Aparelho para aferir a flexibilidade das juntas”.
Fonte: *Revista Educação Physica*, n.14, 1938



Fig. 17: “Buracos feitos no solo para o apoio dos pés nas saídas ‘americanas’”.
Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.51, junho 1948.

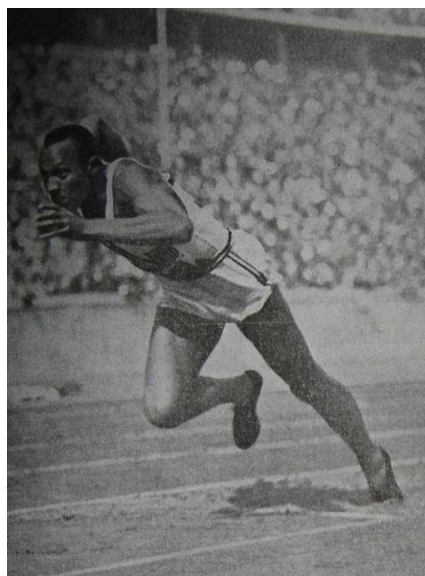


Fig. 18: “Jesse Owens, a ‘flexa negra’, detentor de 4 medalhas de ouro na Olimpíada de Berlim, numa saída de 100 metros, percorridos no tempo de 10s3, utilizando ainda os buracos para a arrancada final”.
Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.51, junho 1948.

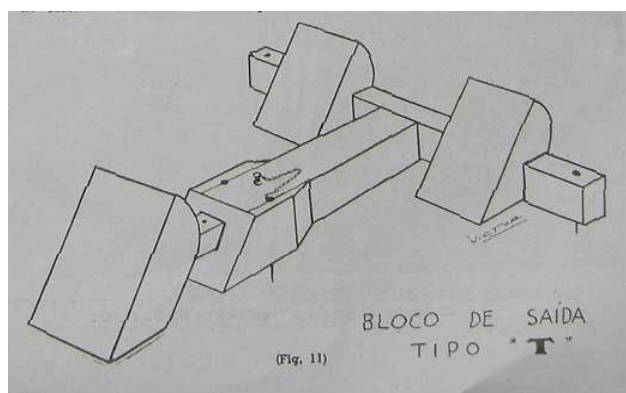


Fig. 19: Bloco de saída tipo T".
 Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.51, junho 1948.



Fig. 20: "José Bento de Assis, o maior 'sprinter' nacional já utilizando um tipo de bloco de saída, por ocasião do Campeonato Sul-Americano de Atletismo realizado em 1941, na cidade de Buenos Aires".
 Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.51, 1948.



Fig. 21: Capa da Revista Brasileira de Educação Física – Detalhe [Primeiro Congresso Panamericano de Educação Física – Rio de Janeiro – Brasil – Julho de 1943].
 Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.1, n.1, 1944.



Fig. 22: "Máscara para examinar as modificações do ar respirado ao executar exercícios musculares."
 Fonte: *Revista Educação Physica*, n.19, 1938.

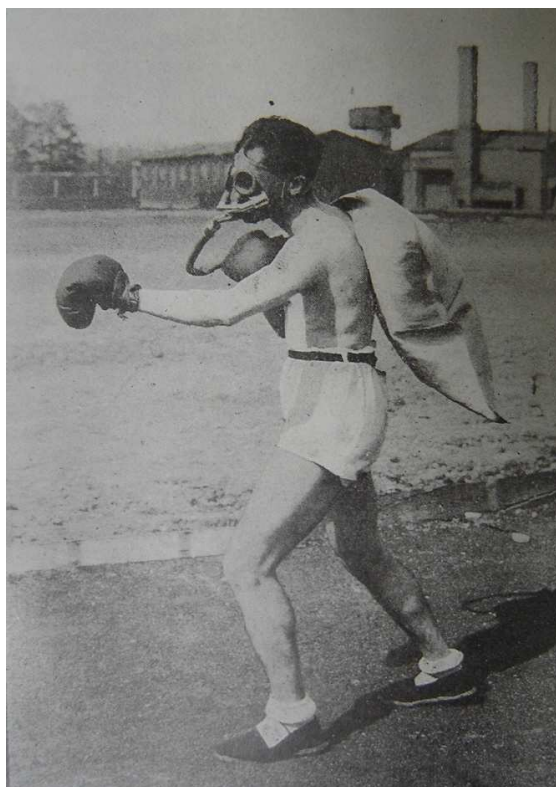


Fig. 23: “Sujeito equipado para recolher o ar expirado durante um exercício de boxe.” [tradução livre].
 Fonte: BOIGEY, Maurice. *Manuel Scientifique d'Education Physique*. 1939.

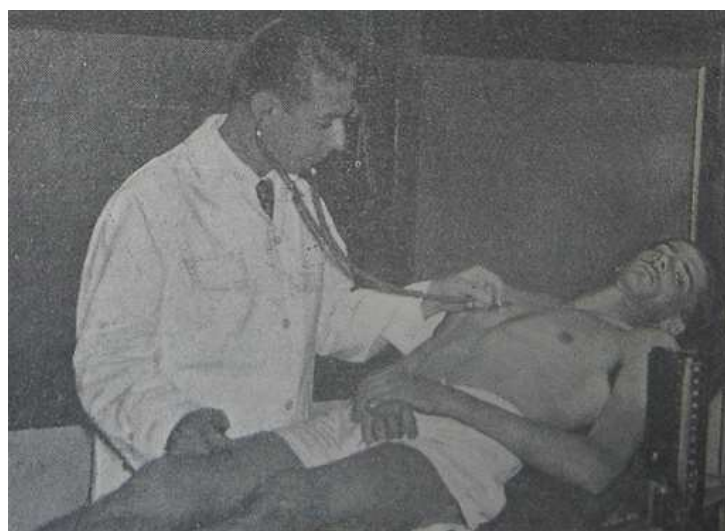


Fig. 24: “O Dr. Amilcar Giffoni no seu consultório, examina um dos numerosos atletas que, diariamente, se apresentam para exame físico. Para muitos casos de insuficiência física, dr. Giffoni aconselha o mate, conforme declaração que estampamos.”
 Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, ano III, n.31, 1946.

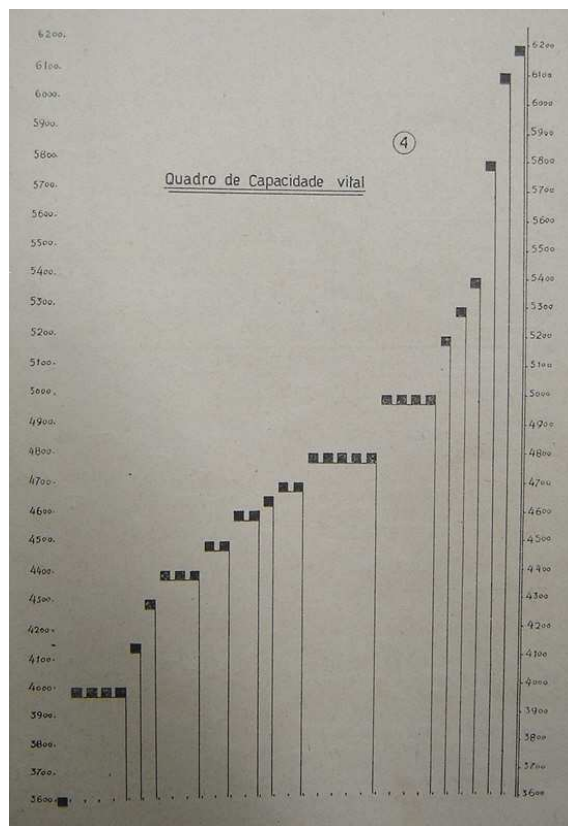


Fig. 25: "O quadro da capacidade vital".
 Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, Ano II, n.18, 1945.



Fig. 26: "A vitamina pode ser tomada também sob a forma de injeção no momento da execução de uma prova atlética."
 Fonte: *Revista Educação Physica*, n.68, 1942.



Fig. 27: "O corredor Hakan Lindman; recordista sueco na distância de 110 metros com barreiras no tempo de 14.0 segundos".
 Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.28, 1946.

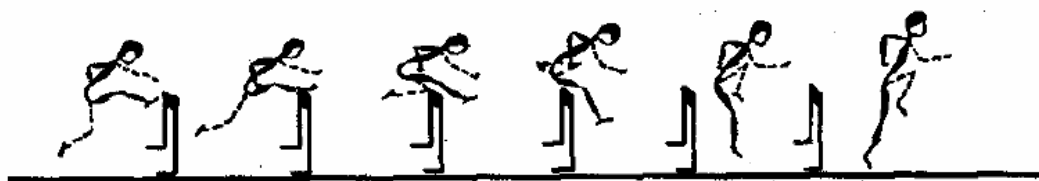


Fig. 28: "Tipo de competidor para os 110 metros com barreiras"
 Fonte: *Revista de Educação Física*, n.72, 1953.

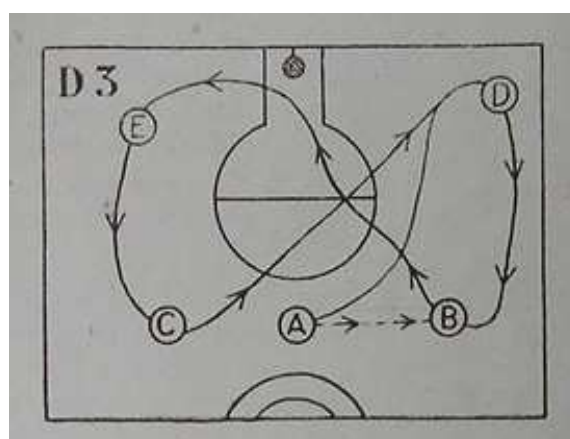


Fig. 29: "Tipos de ofensiva: o ataque em oito".
 Fonte: *Revista de Educação Física*, n.57, 1948.



Fig. 30: “Contador olímpico até 1/10 de segundo com agulha recobradora em funcionamento”
 Fonte: *Revista de Educação Física*, n.61, 1949.



Fig. 31: “Aparelhos de cronometragem a oito cronôgrafos”
 Fonte: *Revista de Educação Física*, n.61, 1949.

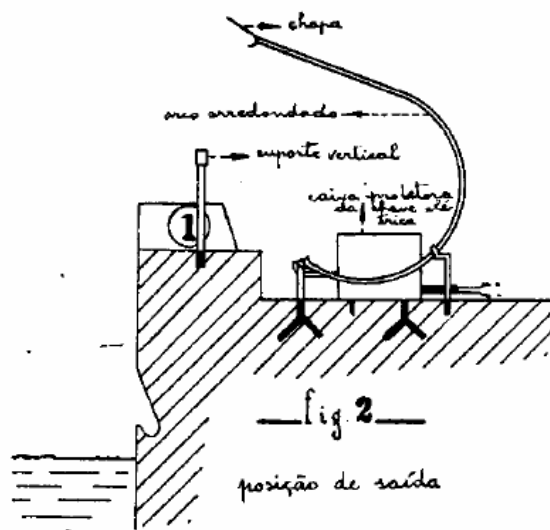


Fig. 32: "O Sistema para cronometragem elétrica na natação – Importante invento de um jovem patricio" [Circuito aberto]

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.32, 1936.

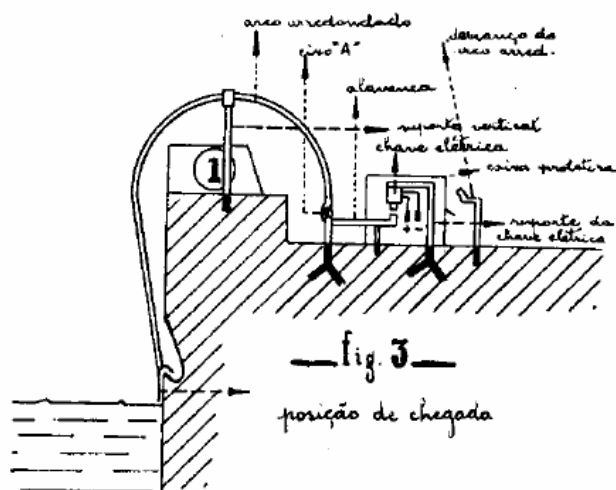


Fig. 33: "O Sistema para cronometragem elétrica na natação – Importante invento de um jovem patricio" [Circuito fechado]

Fonte: *Revista de Educação Física*, n.32, 1936.

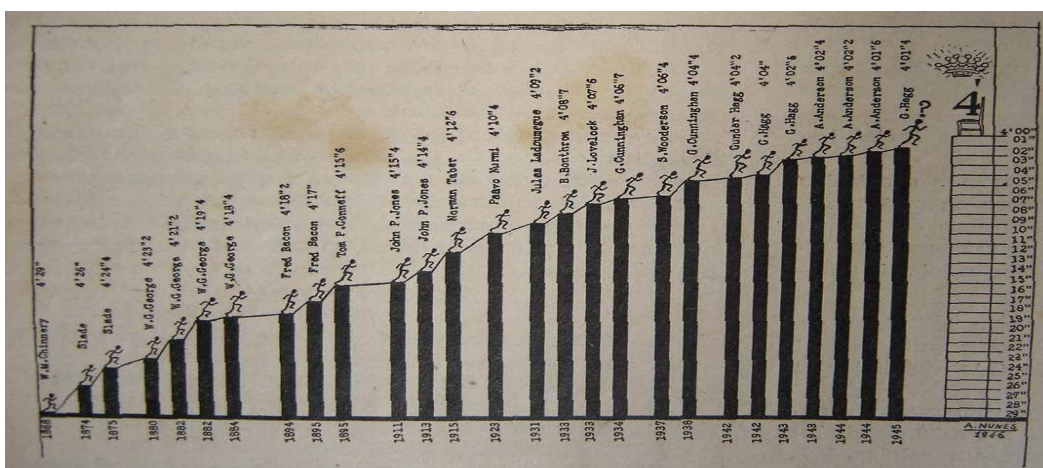


Fig. 34: “A escalada dos tempos na milha”.
 Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, n.35, 1947.

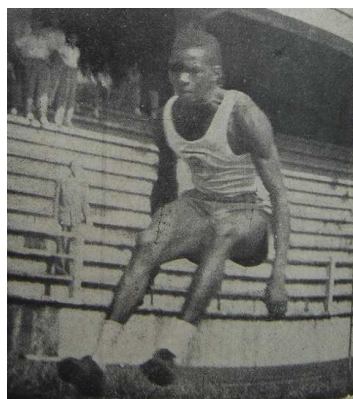


Fig. 35: “Ademar Ferreira da Silva, recordista olímpico e sul-americano de salto triplo, em ação”.
 Fonte: *Revista de Educação Física*, n.77,1954.

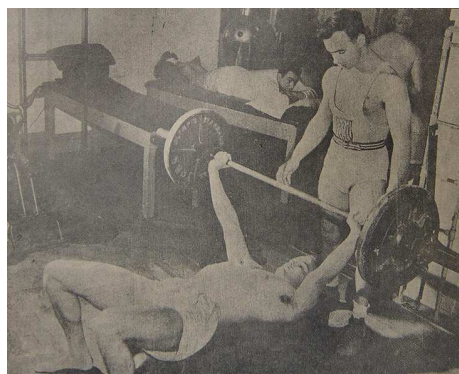


Fig. 36: “All Wiggins, um dos maiores e mais versáteis nadadores do mundo, durante o seu treinamento com pesos realizando um desenvolvimento supino de 97 quilos, sob os olhares atentos de Pete George.”
 Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 91, 1959.

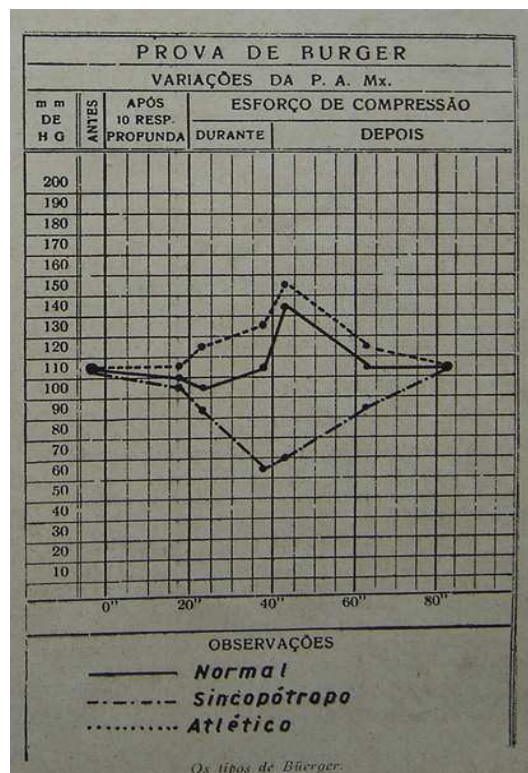


Fig. 37: “Comportamento da pressão arterial na Prova de Burger para verificação da adaptação do aparelho cardiovascular ao esforço da respiração retida”.
Fonte: *Revista de Educação Física*, n. 77, 1954.

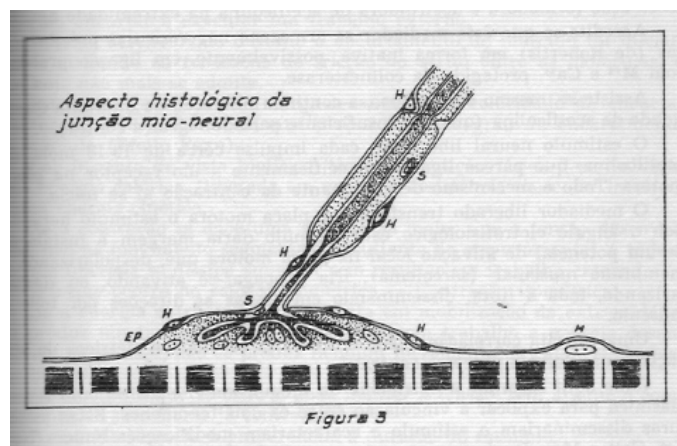


Fig. 38: “Aspecto histológico de junção mio-neural”
Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

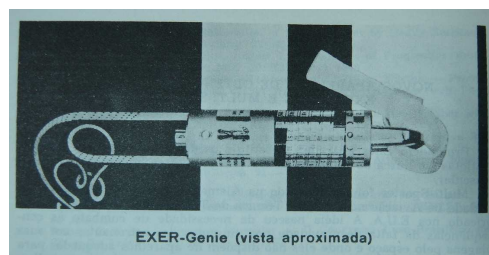


Fig. 39: O Exer-Genie (vista aproximada)

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.



Fig. 40: Multi-sporter (vista aproximada)

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

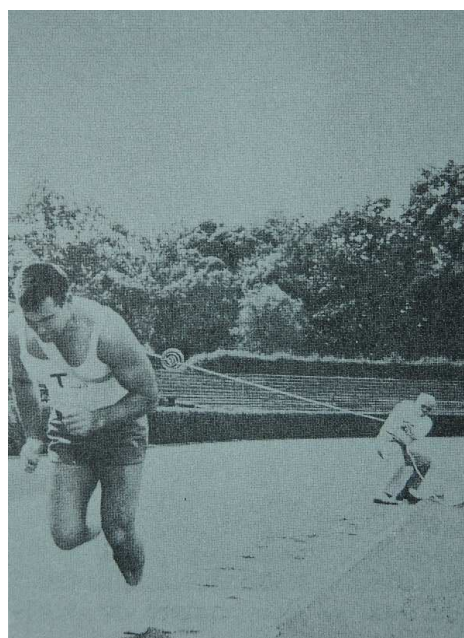


Fig. 41: O multi-sporter sendo utilizado no treino da corrida com o apoio do treinador.

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968

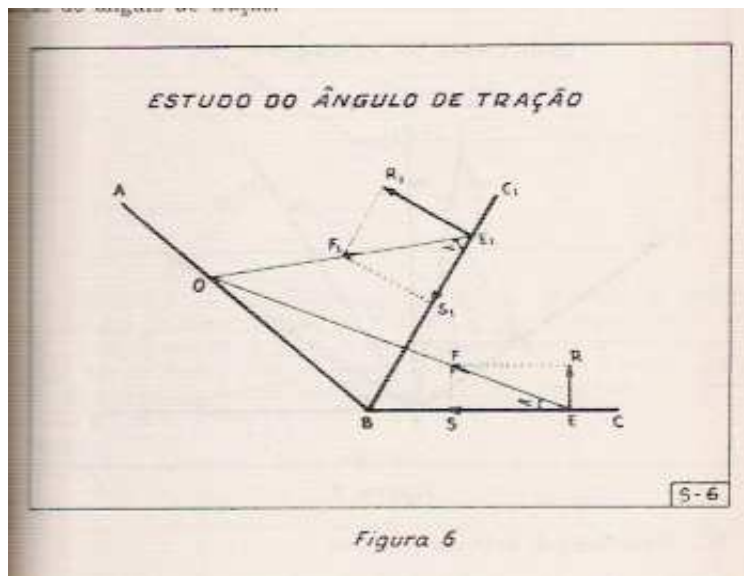


Fig. 42: "Estudo do ângulo de tração"

Fonte: BRASIL. *Introdução a moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

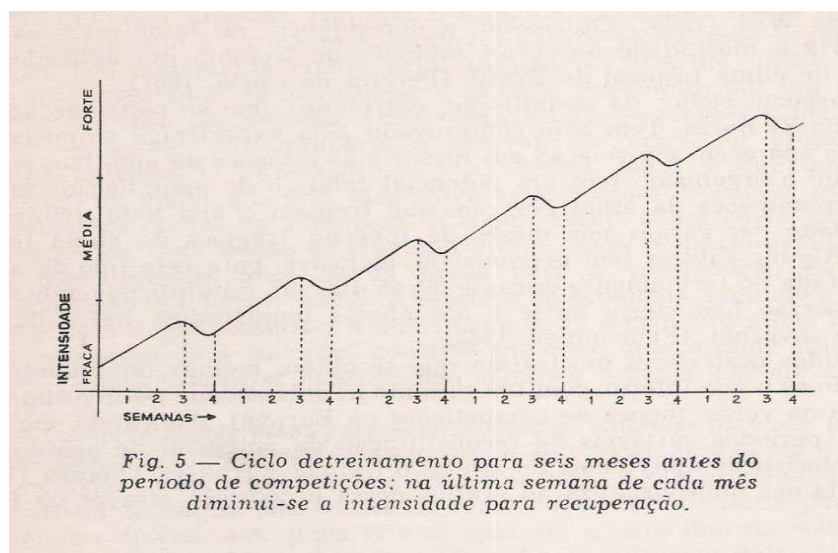


Fig. 43: "Ciclo de treinamento para seis meses antes do período de competições: na última semana de cada mês diminui-se a intensidade para recuperação"

Fonte: BRASIL. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*, 1968.

Capítulo 2

PROSÓDIA E ORTOFONIA: O ESPORTE

A década de 1910 foi bastante efusiva para o esporte brasileiro. Em linhas gerais, nesse momento se deu a fundação da Associação de Esportes Atléticos de São Paulo (em 1913), da Liga Militar de Futebol (também em 1913), do Comitê Olímpico Nacional (em 1914, embora só tenha efetivamente entrado em ação na década seguinte⁴⁴), da Liga de Esportes da Marinha (em 1915 e, a qual, em 1917, trouxe ao Brasil a primeira leva oficial de técnicos estrangeiros) e da Confederação Brasileira de Desportos (em 1916, como resultado da junção da Federação Brasileira de Desportos, do Rio de Janeiro, e a Federação Brasileira de Futebol, de São Paulo)⁴⁵.

A própria obra de Fernando de Azevedo, ao olhar para a Educação Física, testemunha a efervescência do esporte no país naquela época: o assunto atravessa seu livro e, em várias partes dele, se alonga substancialmente.

Antes de prosseguir, entretanto, convém aqui uma nota: para se compreender o esporte no período, será necessário datar o significado do uso desta palavra. Nas primeiras décadas do século XX (para restringir a discussão ao tempo do qual trato neste estudo), falar de esporte era referir-se a um amplo conjunto de práticas não necessariamente habitadas pelos sentidos aos quais remete o termo hoje. A idéia de competição, por exemplo, não era um demarcador: fazer ginástica ou tomar banhos de mar poderiam ser consideradas atividades esportivas⁴⁶. Mas gradativa e rapidamente, a nomeação de modalidades porá fim a essas nuances: no campo das práticas ligadas à movimentação corporal, a exemplo do que já ocorria com o remo, conquistarão visibilidade o *foot-ball*, o

⁴⁴ Cf. www.cob.org.br.

⁴⁵ Cf. MARINHO, Inezil Penna. *Contribuição para a história da Educação Física no Brasil*. [s.l]: [s.n], [1942?].

⁴⁶ Vitor Melo tem uma obra dedicada a abordar essa questão. Nela, o autor discute, por exemplo, as origens do termo: “A palavra *sport* parece ter sido pela primeira vez registrada na Inglaterra do século XV, originária do francês antigo “disport”, que curiosamente tinha como origem o latim “deportare”, que significava “enviar para fora” (daí é também originada a palavra *deportar*). Apreendida como “levar para longe dos negócios”, na França significava “diversão”, mas também era usada na acepção de prazer; na grande ilha acabou assumindo um sentido aproximado, de divertimento e até mesmo de travessura. A idéia de competição não era ainda explícita. Cf. MELO, Victor Andrade de. *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. (p.83)

basket-ball, o volley-ball, a natação e as corridas do atletismo, práticas essas que passariam então a materializar o esporte dando os contornos de seus sentidos.

Não é ao acaso, pois, que para falar de esporte, Fernando de Azevedo preocupa-se antes em defini-lo: “Na categoria de esportes se agrupam todos os jogos e exercícios praticados, quer individual quer coletivamente, ao ar livre, com ou sem objeto”⁴⁷. Interessante observar que, para além de eleger essa definição, Fernando de Azevedo se preocupa também em registrar diferentes classificações para os esportes, recorrendo, para isso, às idéias de importantes autores, sobretudo franceses, cujas atenções há tempos se voltavam para o estudo das práticas corporais. No tópico intitulado “Definição e plano geral de Educação Física. Exercícios físicos: como se classificam”, o autor informa⁴⁸:

Os esportes, que G.Hébert distingue em: 1) *utilitários indispensáveis*, como a natação, a corrida, etc.; 2) e *esportes de fantasia*, como o futebol, o tênis, Ph. Tissié classifica em 4 grupos, *conforme o modo do corpo entrar em função do meio*: 1) esportes praticados *individualmente ao ar livre, sem o concurso de aparelhos*: marcha, corrida, caça, à qual reúne o tiro e a natação; 2) esportes praticados *individual e coletivamente, em pleno ar, com o concurso de um agente de locomoção: máquina ou animal*, tais como: o velocípede, o automóvel, a patinagem, a equitação, a regata; 3) esportes praticados *individual e coletivamente, também com o concurso de um objeto* (o futebol, a palma); 4) e os esportes praticados *individual ou coletivamente em local fechado, com ou sem aparelho*, tais como o boxe, a luta, os grandes pesos, a ginástica alemã de suspensão aos aparelhos, que Tissié coloca entre os esportes de grandes pesos, e a esgrima, a dança.

Após expor isso, Fernando de Azevedo apresenta e critica a classificação feita por Heckel, autor de “Cultura Física”, a qual considera arbitrária e ilógica. Acrescenta então uma outra, que lhe parece ser mais adequada:

Pierre de Coubertin, encarando o lado psicológico dos esportes, estabelece uma classificação mais exata e mais interessante em: 1) *esportes de equilíbrio*, tomada a palavra *equilíbrio* no sentido de inteligência e harmonia, como a patinagem, a equitação, a bicicleta e a

⁴⁷ A definição dada por Fernando de Azevedo é um excelente exemplo da inespecificidade da palavra “esporte”. Para se pensar essa questão, cabe lembrar que, embora a obra utilizada aqui tenha sido a 3ª edição, de 1960, a construção do texto data de 1916.

⁴⁸ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física..., p.60-1.

ginástica aérea; 2) e *esportes de combate*, tais como o boxe, a luta, o futebol, a esgrima.

Depois de fazer a crítica à classificação técnica adotada na Academia de Esportes de Paris, em que são divididos os exercícios em *atléticos, mecânicos, hípicos e cinegéticos*, justifica admiravelmente P. Coubertin a sua classificação, para a qual tomou por critério a *natureza determinante* do movimento inicial, de que aponta três modalidades: a) o *automatismo*, isto é, o movimento, que se reproduz de algum modo em si mesmo com o mínimo de iniciativa individual, como no ciclismo, na corrida a pé; b) a *obediência*, sendo o movimento comandado ou executado de conformidade com a ordem recebida; e c) a *iniciativa repetida*, isto é, a intervenção indispensável da vontade e do juízo a todos os momentos, como a esgrima, o futebol, etc., em que predomina quase exclusivamente o regime de iniciativa repetida.⁴⁹

A despeito do seu emprego, a mera preocupação com essas classificações evidencia como o esporte mobilizava a atenção naquele momento, fato ainda mais incontestado se observarmos, para além das realizações do campo institucional, as diversas ocorrências do cotidiano que mostravam quão intensamente o esporte “crescia”. Muitas competições foram organizadas na década de 1910, sobretudo as ligadas ao Futebol, ao remo, ao basquete e à natação. Não por acaso, no início dos anos 1920, o Brasil receberia o convite do Comitê Olímpico Internacional para participar das Olimpíadas da Antuérpia.

Mas se o alardear do esporte promovia seu desenvolvimento e sua gradual penetração no cotidiano da população, também trazia consigo algumas tensões. Professores e pedagogos saíram em defesa de suas crenças: méritos da ginástica foram descritos, benefícios do esporte foram elencados, margens da Educação Física foram traçadas. Cada qual pretendia guardar seu espaço. Em um texto de 1937, por exemplo, o Dr. Américo R. Netto, Professor da Escola Superior de Educação *Physica* do Estado de S. Paulo, busca apresentar elementos e argumentos para permitir localizar diferenças e semelhanças entre ginástica e esporte, enunciando algumas categorias dentro das quais seria possível operar essa classificação: a capacidade do movimento (a ginástica é analítica enquanto que o esporte é sintético); a capacidade educativa (mais proeminente

⁴⁹ É muito importante lembrar que Georges Hébert, Philippe Tissié e Pierre de Coubertin tinham perspectivas significativamente diferentes quanto à maneira como apreendiam as práticas esportivas na sua relação com os fins pedagógicos atribuídos à Educação Física da França no início do século XX. Enquanto o último (Coubertin) alardeava o esporte como um meio eficiente de promover o exercício e, portanto, educar física e moralmente os indivíduos, os dois primeiros (Hébert e Tissié) eram ferrenhos defensores da ginástica, defendendo-a como a base da Educação Física e criticando o esporte principalmente pela falta de controle que a sua prática acarretava sobre as funções e sobre o movimento.

na ginástica, que não tem fins de especialização ou aplicados); o espírito de competição (quase nulo na ginástica e absolutamente fundamental no esporte); o limite do movimento (os limites estão presentes no caráter metódico da ginástica e completamente ausentes no esporte) e a medida do resultado (fácil de ser realizada no esporte e de difícil emprego na ginástica)⁵⁰.

Outro ponto interessante desse artigo está na defesa que o autor faz da Educação *Physica* enquanto “guarda-chuva” no qual estariam amparados a ginástica e o esporte:

“Um dos mais frequentes enganos de quem se interessa pela educação *physica* está em identificá-la, em tudo e por tudo, com a *gymnastica* ou com o esporte. Muitas vezes com uma e com outro, ao mesmo tempo. Confunde-se, assim, o todo com uma ou com ambas as partes que o compõem. De facto, porém, Educação *Physica* constitui a somma da qual a *gymnastica* e o esporte são as parcelas, mas comquanto muito de *commum* entre eles exista, por serem partes de um só e mesmo conjuncto, nem por isto deixam de se differenciar bastante, entre si.”⁵¹

Na verdade, o embate entre ginástica e esporte já podia ser observado nos escritos da área desde muito antes. Argumentando a favor da Ginástica, Fernando de Azevedo também expusera sua perspectiva acerca dessa relação já na obra de 1920:

Ensina Tissié que a educação física compreende a ginástica e o esporte, e que este é feito de emotividade, como aquela, de análise e raciocínio. Esta deve anteceder aquêle, e o esporte, por isto, não pode propriamente fazer parte de um programa escolar, nem se praticar, sem que a ginástica educativa tenha preparado o organismo a esta cultura física intensiva, porque (ainda no conceito exato de Tissié) “a ginástica está para o esporte, como as gamas para a música e a gramática para a literatura”.⁵²

De fato, no livro “*L’Education physique rationnelle*”, Phylippe Tissié é contundente nessa perspectiva. O próprio título do capítulo VI informa a tônica da sua defesa: “Organização dos esportes e competições escolares e universitárias – Os esportes não devem ser considerados viáveis antes de uma sólida educação física”. Tissié explica:

⁵⁰ AMÉRICO R. NETTO. *Gymanástica e esporte: alguns critérios para diferencia-los*. *Revista Educação Physica*. n.12, 1937.

⁵¹ AMÉRICO R. NETTO, *Gymanástica e esporte...*

⁵² AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...*, p.76.

A questão da organização dos esportes e das competições escolares e universitárias é delicada por não atingir o ensino primário, o primeiro dos três níveis escolares, cuja população é mais numerosa. O esporte é proibido à infância, por conseguinte a sua organização não deve contemplá-la; ela não contempla também o ensino secundário, cujos adolescentes estão no processo de puberdade e de evolução corporal; ela interessa apenas ao adulto no ensino superior. É necessário, portanto, considerar o desenvolvimento das práticas físicas ao longo dos três momentos do ser humano: na sua infância com o ensino primário; na sua adolescência com o ensino secundário; na sua idade adulta com o ensino superior. À esta idade, depois de uma sólida educação física ter sido desenvolvida durante a sua infância e a sua adolescência, o adulto pode completá-la pelos desportos, se especializando de acordo com os seus gostos e, sobretudo, com a sua constituição anatomofisiológica.⁵³

Georges Vigarello tece alguns comentários sobre essa grande preocupação, no início do século, de primeiro “preparar” o corpo por meio das ginásticas para só então poder submetê-lo às práticas esportivas. Segundo o autor, “O receio de um excesso de especialização dos gestos pelo esporte, com seus inconvenientes sem fim, povoa a mente desses pedagogos da década de 1920, projetando a ginástica como se fosse um indispensável e interminável alfabeto. O temor de uma ‘sobrecarga física’ pelo esporte os aflige ainda mais, multiplicando disciplina e moderação.”⁵⁴

Em 1932, Arcy Tenório de Albuquerque escreve um longo texto sobre as Olimpíadas de Los Angeles, no qual, após apresentar os esportes que compuseram o “Programma Olympico”, assevera uma observação acerca do estado em que se encontra a ginástica no país:

A nossa incapacidade de executar exercicios adeantados, a nossa falta de conhecimento sobre os interessantes e simples exercicios com aparelhos leves, resultantes da excessiva emphase e desenvolvimento dos jogos intra-muros, tudo isso contribui para o declinio em muitos paizes do interesse que despertavam os exercicios com aparelhos, que na opinião de um observador competente, não representariam quiza 10%, talvez mesmo 5% do nosso programma. O certo é que, para muitos, o gymnasio ideal consiste em amplo salão inteiramente desprovido de quaesquer aparelhos no sólo ou

⁵³ TISSIÉ, Philippe. *L'Education physique rationnelle: la methode – les maîtres – les programmes*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1922. Tradução livre.

⁵⁴ VIGARELLO, George. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dirs.) *História do corpo*. Volume 3 – As mutações do olhar: o século XX [Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine]. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p.226-7.

pendentes, e offerecendo uma area livre para jogos, como na América, principalmente para o Basket Ball. Sempre que se adoptam quaesquer aparelhos, suecos ou alemães, devem ser facilmente removiveis para o deposito.”⁵⁵

Na seqüência do texto, o autor, arrefecido, arremata: “o enorme desenvolvimento verificado nestes esportes prova tambem o seu valor intrinseco. Qualquer “systema” moderno de educação physica deve dedicar grande espaço aos campos de esportes”⁵⁶

Apesar das críticas que expusera anteriormente, Fernando de Azevedo também se deixaria levar pela força do esporte, reconhecendo seu papel como meio eficiente e agradável de se “utilizar e aperfeiçoar a musculatura”, admitindo o “lugar preponderante [...] que têm em quase todos os países, pelos atrativos especiais, que encerram para a mocidade, que sem êles nunca se teria dedicado bastante à cultura do corpo, e, enfim, pela facilidade com que se apaixonam as multidões”⁵⁷.

As afirmações desse autor parecem ecoar longe. Quase vinte anos mais tarde, Orestes Volpe, diplomado pelo Instituto Technico de Educação Physica da A.C.M. Sul-Americana de Montevideo, num texto intitulado “O Valor dos Esportes” assim expõe suas impressões:

Difficilmente lemos um jornal ou uma revista de nossa capital, e poderíamos dizer de qualquer paiz do mundo, sem encontrar photographias e paginas dedicadas á vida esportiva da juventude. Tanto na Europa como nos paizes do Oriente, como nas novas republicas da America, o movimento em prol do aprimoramento physico da juventude caminha a passos accelerados.⁵⁸

É justamente nessa última perspectiva que vamos encontrar grande número de artigos nas Revistas. Ao esporte são atribuídos, então, os mais notáveis papéis. Octávio Murgel Rezende, por exemplo, defende “o esporte como elemento de cohesão nacional”. Afirma o autor que “a unidade nacional, fadada a desaparecer por circunstancias mesologicas e, sobretudo, pelo desmensurado affluxo de populações de indole completamente

⁵⁵ ALBUQUERQUE, Arcy Tenorio de. Os Jogos Olympicos de Los Angeles. *Revista Educação Physica*, n.2, 1932. p. 18.

⁵⁶ ALBUQUERQUE, Arcy Tenório de. Os Jogos Olympicos..., p.18

⁵⁷ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física..., p.75.

⁵⁸ VOLPE, Orestes. O valor dos esportes. *Revista Educação Physica*, n.15, 1938. p14.

diversa da nossa, [...] encontrará, ainda, na música popular e nos sports associativos [...], a força de coesão necessária para nos conservar um mínimo irreductível de afinidade emocional”⁵⁹.

Elaborando uma grande defesa do esporte, Orestes Volpe destaca a magnitude dessa prática no mundo moderno e enaltece seus valores na constituição do homem, apontando para tal o espírito esportista como aquele em que prevalecem os valores da moral mesmo em face do revés da derrota.

“esportista é aquelle que não só vigorizou seus musculos e desenvolveu sua resistencia com a pratica de algum esporte, mas que tambem na execucao desse esporte, aprendeu a reprimir a colera, a ser tolerante com seus companheiros, a não prevalecer-se de uma vantagem condemnavel, a sentir profundamente como uma deshonra, a méra suspeita de uma deslealdade e a conservar o semblante alegre, mesmo sob a desillusão de um revés”⁶⁰.

Outro texto interessante nesse sentido é o de Hollanda Loyola, intitulado “Educação Esportiva”. Nele, o autor discute as contribuições educativas que o esporte pode dar, não apenas em relação ao desenvolvimento do físico, “das qualidades de fôrça, de resistencia e de destreza, os resultados extraordinarios dos recordes excepcionais”, mas também, e talvez acima de tudo, “os seus predicados morais, a correção de sua conduta, a elegancia das suas atitudes, a sua bôa educação esportiva em suma – condição imprescindível para o prestígio social de um atleta completo na mais alta concepção do termo”⁶¹.

Motivado pela visita que havia feito às instalações da Escola de Educação Física do Exército, Assis Chateaubriand escreve um texto na Revista de Educação Física em que o papel “moral” do esporte aparece abertamente associado à idéia de combate pela vida. Coragem, determinação e otimismo são a tônica da mensagem:

⁵⁹ REZENDE, Octavio Murgel. Os esportes como elemento de coesão nacional. *Revista Educação Physica*, n.2, 1932. p. 51.

⁶⁰ VOLPE, Orestes. O valor dos esportes... p.45. Essa afirmação é particularmente interessante para se confrontada com a fisionomia do esporte hodierno, cujos valores, a despeito do discurso que os reveste, muito pouco se parecem com os colocados então.

⁶¹ LOYOLA, Hollanda. Educação Esportiva. *Revista Educação Physica*, n.50, 1941.

O “desporto” é uma escola de disciplina, de vontade e de ação duradoura e útil. Ensina que, no combate, aquele que nele se engajou deve ir até o fim, sejam quais forem os resultados de sua pertinácia. No último momento, a competição pôde assumir um aspecto diverso do início e quem parecia que ia perder acaba vencendo o adversário. Essa lição é magistral para a vida. As idéias constritoras e derrotistas não se aninham no coração forte do atleta, que reconhece quanto depende do seu ânimo e do seu entusiasmo o êxito da peleja desportista. O “desporto” instrue a mocidade no desprezo do perigo e prepara o seu espírito para amar o combate pelas sensações que êle proporciona, sem que a idéia de perder ou de ganhar modifique o “élan” com que se entra nele.⁶²

Seguindo esse movimento, as editoriais das revistas também fazem circular notas que destacam o valor da prática esportiva. No seu número 8, de 1937, por exemplo, a Revista Educação Physica publica em meia página “O esporte como excelente meio para desenvolver invejáveis qualidades de caracter”. Nela são enumeradas as seguintes qualidades: “1. Sacrifício; 2. Domínio de si mesmo; 3. Respeito a si mesmo; 4. Honorabilidade; 5. Iniciativa; 6. Cooperação; 7. Lealdade; 8. Sociabilidade; 9. Cortezia; 10. Coragem; 11. idoneidade; 12. Cavalheirismo; 13. Jovialidade; 14. Actividade; 15. Disciplina; 16. Responsabilidade. 17. Contentamento.”⁶³.

O teor desse conjunto de dados aspira fortemente a uma contribuição trazida por Valter Bracht com o amparo do pensamento de Lipovetsky. Segundo esse último autor, até meados do século XX, as representações do desporto têm na referência às virtudes a sua centralidade: é no desenvolvimento das mais elevadas qualidades morais que ele – o desporto – busca justificativas para ser louvado e encorajado. “O próprio espetáculo esportivo está ligado ao princípio moral, deve servir para a ‘musculação moral do Homem’, segundo a eloqüente fórmula de Coubertin. Na era moderna heróica, o desporto apresenta-se como uma pedagogia moral, uma aprendizagem de virtudes”⁶⁴.

Vigarello problematiza ainda mais essa questão: “o esporte pretende inventar uma moral que promova a competição e ao mesmo tempo o respeito ao outro, a auto-afirmação na

⁶² CHATEAUBRIAND, Assis. Dinâmica Corporal. *Revista Educação Física*, n.18, 1934.

⁶³ *Revista Educação Physica*, n. 8, 1937.

⁶⁴ BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Orgs.) *Esporte, história e sociedade*. São Paulo: Editores Associados, 2002. p.203-4, citando Lipovetsky, *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*, Lisboa: Dom Quixote, 1994.

solidariedade universal.”⁶⁵ Nesse sentido, jogar significaria necessariamente ser moral, competir significaria necessariamente ser exemplar. “Imensa ideologia da época, que chega a configurar uma visão ética, quase pedagógica, associando à excitação dos concursos físicos a sua pacificação e a sua exemplaridade.”

Com a ocorrência da Segunda Grande Guerra, o esporte adquire outros papéis: é também apontado como coadjuvante na preparação para a defesa da nação. Alexandre Konder, em um texto de 1942, assim o predica: “Esporte: arma de guerra”. Propõem, pois, que a Escola de Educação Física do Exército se transforme no “grande centro de cultura física da nação, arregimentando, sob a direção dos seus técnicos, todos os clubes esportivos do país, para orientá-los militarmente rumo ao grande objetivo nacional, que é a defesa da pátria”⁶⁶.

Essa assunção consecutiva de “missões” pedagógicas e sociais constitui uma característica decisiva para a consolidação do esporte, essa prática cambiante em forte ebulição nas sociedades modernas na primeira metade do século XX. Bracht lança luz a esse processo de forma simples e precisa: “toda instituição social precisa, para perdurar no tempo, convencer ‘a sociedade’ da importância de sua função”⁶⁷.

Tamanho sucesso obtido pelo esporte nessa empreitada que, não sem razão, dez anos após Alexandre Konder tê-lo subscrito como “Arma de Guerra”, estariam sendo veiculados os planos e as intenções para a consolidação do método desportivo generalizado.

Assim, em 1953, Auguste Listello terá publicada, na Revista de Educação Física, a tradução de um texto seu, “Princípios de Educação Física Desportiva Generalizada”⁶⁸, no qual relata as origens do Sistema que colocaria o esporte no centro das ações

⁶⁵ VIGARELLO, George. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dirs.) *História do corpo*. Volume 3 – As mutações do olhar: o século XX [Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine]. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. Neste mesmo parágrafo, a citação seguinte é do mesmo autor.

⁶⁶ KONDER, Alexandre. Esporte: arma de guerra. *Revista de Educação Física*, n. 52, abril de 1942, p.13.

⁶⁷ BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura..., p.195.

⁶⁸ LISTELLO, Auguste. Princípios de Educação Física Desportiva Generalizada. *Revista de Educação Física*, n.72, 1953. Todas as citações subsequentes neste parágrafo referem-se a este texto.

pedagógicas ligadas à Educação Física. Informa Listello que, ainda em 1945, logo após a Guerra e “sua terrível lição”, todas as federações desportivas francesas foram reunidas sob a coordenação de Maurice Baquet para cumprir a tarefa de criar tal sistema. Nele, “o desporto seria “dignamente representado”, para proporcionar “uma atividade corporal espontânea a milhares de jovens de ambos os sexos que não conhecem a satisfação do esforço físico, do domínio do seu corpo e da exaltação (expressão) do seu ser”. A proposta então criada, cujas idéias centrais compõem o texto publicado na Revista, contesta a expressão “Educação Física” julgando-a “ultrapassada em sua significação”, por dar a impressão de que se destinava somente ao corpo, tendo por objetivo melhorar ou conservar a estrutura do mesmo. A intenção do sistema desportivo era maior: “que a educação física moderna exerça sua influência ao mesmo tempo sobre o corpo, sobre o espírito, sobre o caráter e mesmo sobre o senso social, ou melhor, que ela englobe o indivíduo como um todo.” Listello lembra ainda que o desporto comporta perigos físicos e morais somente quando é mal conduzido, quando oriundo “do desconhecimento de sua utilização”. Nessa perspectiva, sendo bem orientado, pode tornar-se uma importante ferramenta pedagógica, já que “o desporto, assim como a educação física, não é um fim, mas um meio de formação, de preparação para a vida em geral.”⁶⁹

No mesmo ano (1953), o major Jacinto T. Targa, baseando-se na exposição das idéias de Maurice Baquet, apresenta um texto chamado “Educação desportiva generalizada” no qual expõe a ascensão do método desportivo no cenário da Educação Física, reafirmando seus princípios e metodologias:

É claro que a educação desportiva não pretende desprezar estas outras modalidades de trabalho, mas sim usá-las também como meios de preparar o indivíduo para melhor praticar os desportos. A diferença portanto está em que antes os desportos só eram praticados depois do educando ter obtido um certo desenvolvimento físico por meio de outras atividades, principalmente da ginástica, enquanto que agora se pretende que o desporto, dada a atração e interesse que consegue despertar ao praticante, seja um dos meios principais para a educação e a formação da juventude, além de possuir a grande vantagem de poder satisfazer o instinto combativo que existe naturalmente nas crianças e adolescentes. Não quer portanto dizer que a educação

⁶⁹ Em 1979, foi publicada uma tradução brasileira da obra de Auguste Listello contendo o conjunto das prescrições do Método Desportivo Generalizado. Cf. LISTELLO, Auguste. *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer*. São Paulo: EPU/Edusp, 1979.

desportiva abandone a ginástica e outras atividades físicas; apenas não lhes dá o papel principal.⁷⁰

Quarenta anos após haver publicado a 2ª edição do seu livro⁷¹, por ocasião da sua reedição no Brasil em 1960, Fernando de Azevedo avaliaria o panorama do esporte no país sob novo prisma, admitindo a franca expansão dessas práticas, misto de exercício, atividade recreativa e “luta”:

Registram-se, de fato, nesse período de quarenta anos, progressos notáveis não só do ponto de vista quantitativo como também no tocante ao nível e à qualidade. Os esportes, os mais variados, - tomada essa palavra para significar toda espécie de exercícios ao ar livre, segundo modelos fixados de antemão – difundiram-se por toda parte e tomaram, nos grandes centros urbanos, um desenvolvimento acima de qualquer expectativa. E, como o esporte não é somente um exercício e uma atividade recreativa mas “uma luta seja contra o homem, - indivíduo ou grupos, seja contra o espaço e o tempo, mas uma luta segundo convenções aceitas e perfeitamente reguladas” (sem regras não há esporte), com a difusão dos esportes desenvolveram e aperfeiçoaram-se as técnicas na prática desses exercícios ou dessas competições a céu aberto. Multiplicaram-se os clubes e as associações esportivas, algumas das quais atingiram alto grau de prosperidade, pondo-se em condições de construir, ampliar, renovar suas sedes e dotá-las das mais modernas instalações⁷².

Em 1920, eram outras suas impressões. Ponderado, Fernando de Azevedo não nega a utilidade dos esportes, mas lembra que este método, “aplicado sem medida como costuma ser, não se compadece de modo algum com os princípios racionais a que deve obedecer um sistema educativo”. Para endossar sua perspectiva, argumenta relatando o efeito dos esportes sobre as grandes funções:

Não devemos, de fato, adotar, como regime escolar, sem atendermos à idade, estes exercícios violentos, muitos dos quais entravam frequentemente o jogo regular da respiração, provocam sensível congestão e turgescência nas veias da frente e do pescoço, e que são

⁷⁰ TARGA, Jacinto T. Educação desportiva generalizada. *Revista de Educação Física*, n.73, abril 1953.

⁷¹ Na coletânea de 1960, “Obras Completas”, são apresentados os prefácios de 1916 e de 1920, enumerados, respectivamente, como “Prefácio da 1ª edição” e “Prefácio da 2ª edição”. Entretanto, o prefácio da 3ª edição – a coletânea de 1960 – escrito pelo próprio Fernando de Azevedo, é iniciado da seguinte forma: “Quando apareceu este livro, em 1920, era ainda muito jovem...”. Seguirei aqui a enumeração da Coletânea e tratarei o livro de 1920 como 2ª edição. Cf. AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...*, Prefácio da 3ª edição, p.9. (Grifo meu).

⁷² AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...* p.13, prefácio da 3ª edição.

extenuantes, fatigando mais depressa do que um trabalho intelectual pouco metodizado. No Colégio, sobretudo entre nós, seria impossível suportar ao mesmo tempo exercícios físicos intensos e esforços intelectuais enérgicos, sem provocar o esgotamento nervoso e as diáteses atléticas, que, ao invés de serem evitadas, seriam criminosamente fomentadas, agravadas.⁷³

Em 1937, Arcy Tenório de Albuquerque (que em 1932 já havia escrito um texto apontando a ascensão do esporte em detrimento da ginástica) publica um artigo provocador, no qual critica a vulgarização de estrangeirismos decorrente do emprego de palavras por aqueles que lidam com esporte no Brasil: hands, foul, centerhalf, goalkeeper, score, placard, out-side, toss, kick-off, heading, half-time, ball, back, captain, field, foot-baller, freekick, goalline, linesman, match, mêlée, offside, referer e soccer são algumas das expressões apontadas pelo autor dentre as muitas que “entulham” os crônicas e os relatos esportivos de então⁷⁴.

O Capitão Danilo da Cunha Nunes, instrutor da Escola de Educação Física do Exército, também analisa o papel do esporte. Colocando em destaque “o recorde a serviço da pátria”, o autor lembra que “para que surgisse o Recorde Mundial, milhões de jovens se entregaram com afincos ao seu treinamento físico e atlético, e a perspectiva da quebra de um recorde mantém sempre em constante treino a juventude do mundo.”⁷⁵ A seguir, entretanto, endossa uma crítica a esse comportamento, afirmando, a partir de Tissié, que o recorde torna específico o foco do desenvolvimento, quando ele deveria ser total:

[...] O recorde é um princípio de morte para a máquina humana, que ele danifica quando não destrói. É um princípio de vida para a máquina industrial [...]. O mesmo não acontece com a máquina humana. Ela se gasta quando persegue recordes, que fogem sempre, sem qualquer proveito para a saúde geral e ainda menos para os geradores da raça por eles fatigados⁷⁶.

⁷³ AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física...* p.115-6.

⁷⁴ ALBUQUERQUE, Arcy Tenório de. Vocabulário Esportivo. *Revista Educação Physica*, n. 10, 1937. p. 91.

⁷⁵ NUNES, Danilo da Cunha. O recorde a serviço da pátria. *Revista de Educação Física*, n. 52, abril 1942. p.7.

⁷⁶ NUNES, Danilo da Cunha. O recorde..., p.7. Na França, nos idos da década de 20, Georges Hébert, a exemplo de Tissié, fazia também críticas duras ao esporte: “Diante dos prejuízos físicos, morais e sociais produzidos pelo esporte na sua concepção atual, prejuízos denunciados corajosamente pela própria imprensa desportiva, é fácil entender líderes e destaques do mundo desportivo hoje bradar: Onde vai o esporte? Nós não queríamos isso!!!! Sem dúvida este brado é sincero. Mas é dito demasiado tarde. O mal está feito. O esporte atual está seguindo um caminho do qual não pode mais

Não obstante a exposição dessas críticas, ao fim do texto, após uma série de considerações, o autor conclui seu pensamento afirmando que a busca do recorde pode trazer mais contribuições que prejuízos ao atleta e à nação; defende, pois, que o recorde seja, de fato, colocado a serviço da Pátria.

Um texto de 1938, do Dr. Álvaro Rivas engrossa, com grande densidade, as críticas ao esporte. Baseado em farta fundamentação biomédica fornecida pelo Professor Vassilef, eminente pesquisador da Universidade de Genova, o artigo afirma que quase todos os esportistas profissionais são pessoas de “estabilidade escassa”, e que o esporte e a ginástica, tidos como “fonte de saúde, de aperfeiçoamento, de equilíbrio das funções mais nobres, de harmonia *physica* e mental”, se constituem, na prática, como verdadeiras “fontes de moléstias”. A explicação oferecida no início do texto torna a argumentação evidente: “o excesso de treino... as privações para manter o peso... Os excessos de toda sorte – na corrida [*sic*] e na bebida – para ressarcir-se das restrições... A alimentação encarada sem o menor critério *hygienico*... Eis aqui expostas em breves linhas as causas conducentes ao desastre.”⁷⁷ O restante do texto deixa claro a sua intenção: afirmar a imprescindibilidade do especialista em ciência esportiva na condução dos processos de preparação para o esporte.

Se em 1938, o Dr. Álvaro Rivas apontava o risco dos esportes e da ginástica para a saúde do esportista, em 1920, Fernando de Azevedo fizera o mesmo acerca dos esportes para as crianças:

sair, apesar do esforço eminente de seus representantes e partidários que se mantiveram puros. Há mais de vinte anos, os seus prejuízos são visíveis. Era necessário ser cego para não os ver ou demasiado entusiasmado para não o admitir e prever as medidas que deveriam ser tomadas. Recordo-me pessoalmente da excitação causada nos espíritos e da perturbação trazida aos estudos pelos famosos “lendits”, que foram os primeiros torneios esportivos escolares organizados na academia sob o incentivo de um dos maiores responsáveis pela loucura esportiva atual: o barão Pierre de Courbetin. Desde sua origem, a fórmula esportiva parecia falsa moral, física e pedagogicamente; moralmente, estimulando certos defeitos (em especial a vaidade, a presunção, a brutalidade) os quais devem, ao contrário, serem firmemente refreados nos jovens; fisicamente, forçando os adolescentes à disputas e campeonatos antes de estarem prontamente desenvolvidos por meio de uma educação física geral; pedagogicamente, não se dirigindo para além de um grupo ínfimo de sujeitos, já fortes por natureza, para que participem das disputas, ao invés de agir sobre toda a massa.” Cf. HÉBERT, Georges. *La Folie Sportive: Nous n'avons voulu cela! L'Éducation Physique*, Paris, n.1, p.3, 1927.

⁷⁷ RIVAS, Álvaro. A ciência ao serviço do esporte. *Revista Educação Physica*, n. 19, 1938.

Assim (apropriando-me das justas palavras de Devos), “visto o caráter muitas vezes violento de certos esportes, tomado o termo violento em uma significação fisiológica, quer se trate de corridas pedestres, futebol ou atletismo, não devem os meninos, antes dos 16 ou 17 anos, entregar-se a êstes exercícios de grande rapidez, resistência e força, que não se podem praticar senão quando o desenvolvimento orgânico está assegurado, e não poderão encontrar aplicação salutar senão nas classes elevadas do ensino secundário, ainda assim temperados de maneira a não suscitarem desordens no organismo” e não diminuir, pela fadiga cerebral, a capacidade de aplicação da inteligência.⁷⁸

Outra crítica bastante incisiva à ascensão esportiva é realizada por Júlio Vargas, então secretário da Associação Cristã de Moços (A.C.M.) de Lima, no Peru. No texto “O Sistema Esportivo”, o autor opera uma severa análise da vinculação do esporte ao sistema econômico:

Os homens já não trabalham para comer, vestir e realizar uma vocação, mas para enriquecer-se. Os homens já não jogam para recrear-se e conservar a saúde, mas sómente para vencer. E por isso ambos os sistemas não reparam nos meios, porém sómente no fim: Enriquecer a todo custo! Triunfar a todo custo! Por isso existe a brutalidade; por isso reina a injustiça tanto na vida econômica como na vida esportiva. Por isso, os homens se tornam sem consciência: brutos para negociar, brutos para vencer. E até se chegou a fazer negócio com os esportes...⁷⁹.

Júlio Vargas, nevrálgico em sua análise, dá a ver os indícios de um novo esporte: descolado das funções formativas que as práticas corporais sistematizadas acostumaram-se a trazer consigo, ele preenche-se de interesses financeiros para fazer da vitória um produto. Um esporte que, embora cercado de intenções moralizadoras, cuja tônica do discurso refletia as memórias clássicas dos ginásios gregos, aparentava-se muito mais com os espetáculos das arenas romanas. Como lembrou o próprio Julio Vargas: “o ginásio grego e o circo romano... Como são diferentes! Enquanto o grego triunfador achava recompensada sua vitória com um corôa de louros, uma ode de Píndaro ou o simples elogio de seus concidadãos, o romano vitorioso recebia já dinheiro que lhe atiravam das galerias ou gozava outra espécie de honras ou prebendas.”⁸⁰

⁷⁸ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física... p.117. Essa preocupação de Fernando de Azevedo tem forte inspiração de obra de Philippe Tissé.

⁷⁹ VARGAS, Julio. O sistema esportivo. *Revista Educação Physica*, n. 25, 1938.

⁸⁰ VARGAS, Julio. O sistema....

Se já em 1938, Julio Vargas enunciava essa “distorção”, nenhum espanto haverá, portanto, com a contundência das palavras de Philip Noel-Baker que a Revista de Educação Física fará circular em 1967:

O desporto oferece hoje um espetáculo excepcional. Ele atrai as mais densas multidões. Faz as maiores receitas. O dinheiro – muito dinheiro mesmo, em numerosos países – está em jogo. Um importante investimento de capital, recursos anuais enormes, são necessários para construir os terrenos de desporto, os estádios cobertos, para fornecer o equipamento e para pagar os treinadores, sem os quais os atletas não podem aspirar atingir marcas de valor desportivo.⁸¹ (p.6)

Será definitivamente esse o perfil do esporte que ocupará, a cada dia, mais espaço no cotidiano das sociedades de então, com suas imagens espetaculares mobilizando a emoção, afetando os sentidos, provocando no mesmo ato sentimentos de estranheza e identificação. Um esporte que se manifesta no corpo abstraído do atleta, investido de todo aparato técnico para que a performance seja uma verdadeira explosão: para ser bem sucedido, o esporte terá que instigar, excitar, *entreter*. Mas também lhe será exigido aturdir e entorpecer.

Para compreender mais detidamente a emergência desse novo esporte na sociedade moderna, Bourdieu busca caracterizar os princípios da transformação que o configurou desde os jogos populares, demarcando sobretudo um afastamento: “pode-se dizer que os exercícios corporais da “elite” foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo)”⁸². Procedeu-se, igualmente, ao desprovimento das funções sociais dessas práticas ainda ligadas a vários jogos tradicionais, como aqueles ligados a rituais que têm lugar em certas passagens do ano agrícola em sociedades pré-capitalistas.

Na mesma perspectiva, também Vigarello mostra os deslocamentos que marcaram essa transformação: “criação de um tempo festivo laico sobre o calendário antigo das festas religiosas, criação de uma sociabilidade igualitária sobre a antiga sociabilidade

⁸¹ NOEL-BAKER, Philip. Manifesto sobre o desporto - Documento do Comitê Executivo do Conselho Internacional de Educação Física. *Revista de Educação Física*, n.96, 1967.

⁸² BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. [Exposição introdutória ao Congresso Internacional do HISPA, realizado no INSEP (Paris), março de 1978.]. In: _____. *Questões de Sociologia*. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153 (p.139)

hierárquica, criação de um Olimpo heróico sobre a antiga galeria moral”. Numa única expressão, um novo discurso: “o esporte projeta também um mundo de narrativas e lendas que a sociedade conta a ela mesma: um espaço de heroização que a reforça dentro de seus valores e suas escolhas”⁸³.

Hobsbawn⁸⁴ assinala um movimento semelhante ao tratar da institucionalização do esporte no “velho continente”. O autor lembra que “as últimas três décadas do século XIX assinalam uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na institucionalização da maioria, em escala nacional e até internacional”. Aponta que esse movimento de institucionalização serviu de vitrine para o novo esporte, constituindo também “um mecanismo para ampliar as atividades até então confinadas à aristocracia e à burguesia endinheirada capaz de assimilar o estilo de vida aristocrático, de modo a abranger uma fatia cada vez maior das classes médias”. Por fim, assinala o autor que essa instituição provocou a reunião de diferentes pessoas que, embora fossem de status social equivalente, não tinham vínculos econômicos ou sociais.⁸⁵

Diante desses elementos, é interessante buscar perceber como Fernando Azevedo absorveu as transformações desse cenário . Em 1960, no prefácio da 3ª edição de seu livro, escreve o autor:

Os progressos da técnica, conforme tantas vezes já se assinalou, “tendem a deixar para trás as instituições que o mundo ocidental herdou, e a tornar obsoletas as estruturas dentro das quais fomos acostumados a agir, pensar e viver”. Mas não é somente nas modificações de concepção e estilos de vida, determinadas pelos progressos técnicos, que se pode buscar a explicação da evolução rápida dos esportes, que constituem insubstituível compensação à vida sedentária e à inatividade física, favorecidas pelo veículo mecânico e, de modo geral, pela máquina, e à própria atividade cerebral, poderosamente estimulada numa civilização que se apóia no

⁸³ VIGARELLO, George. *Du jeu ancien au show sportif. la naissance d'un mythe*. Paris, Éditions du Seuil, 2002. p.9-10. Tradução livre.

⁸⁴ HOBBSAWN, Eric J. “A produção em massa das tradições”. In: *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.306

⁸⁵ Ademir Gebara afirma que “é preciso alertar que essa análise proposta por Hobsbawn se refere ao processo histórico europeu, e particularmente ao caso inglês; é arbitrário pensar a história dos esportes no Brasil, transformando esse caso em modelo de análise, não obstante sua importância pedagógica”. Cf. GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Orgs.). Esporte: história e sociedade. São Paulo: Editores Associados, 2002. p.5-29.

desenvolvimento das ciências e da técnica, e requer, para progredir, legiões de cientistas, engenheiros, técnicos de toda ordem e operários qualificados. A corrente esportiva que arrasta os povos (e o Brasil não faz exceção), “explica-se e justifica-se, ainda, como observa André Latarjet, da Faculdade de Medicina de Lyon, pelas formas atuais de trabalho.”⁸⁶.

Ora, nesse novo *status* da sociedade não caberia o “velho esporte”, mas aquele que pretende, ao oferecer o máximo de “descanso”, atingir o máximo da eficácia. Aquele que, rompendo as tradições dos jogos populares, garante não apenas a permanência da competição, mas sua reconfiguração, sua ressignificação e sua sobrepujança num contexto em que aqueles jogos antigos não poderiam sobreviver. Como bem coloca Vigarello,

práticas [que], recompondo de ponta-a-ponta os jogos antigos, [renovam], inevitavelmente também seus horizontes imaginários, permitindo distinguir os heróis, provocar as identificações, experimentar o prazer do espetáculo ou do jogo. Elas [projetam] um universo de uma lógica social evidente: ainda mais atraente do que pareça ser a estrita réplica da nossa, ainda mais convincente que algo totalmente idealizado. Eles inauguram, dito de outra forma, a existência de um mito⁸⁷.

É no contexto da fabricação desse mito, fortemente arraigado na produção do espetáculo esportivo, que começam a tomar corpo outras preocupações: trata-se agora de elaborar formas ideais de preparação atlética para que o máximo rendimento possa ser atingido. Eis o prelúdio do treinamento esportivo.

Na verdade, a idéia de “treinar” é bastante antiga. Compreendida em sua acepção ampla, a palavra “treinamento” indica a ação de tornar apto, destro, capaz, para uma

⁸⁶ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física... p.15, prefácio da 3ª edição. O autor continua: “O desenvolvimento da indústria, a exploração maciça das matérias-primas revolucionaram as condições da vida operária: má higiene do habitat, atmosfera das usinas, das minas, carregadas de poeiras malsãs, às vezes tóxicas.” Tudo isso, somado à intensidade da vida e atividades urbanas, nas sociedades industriais, à necessidade crescente de dasafôgo e de quebra do ritmo normal do trabalho, tende não só a despertar e desenvolver o gôsto dos exercicios e das competições a o ar livre, a que emprestam relêvo especial as técnicas de comunicação, como também estimular, por uma especie de nostalgia da natureza, a evasão em massa, as fugas periódicas para o campo, as praias e montanhas.”

⁸⁷ VIGARELLO, George. *Du jeu ancien...*, p.62. Tradução livre.

determinada tarefa ou atividade⁸⁸. Aplicando esse raciocínio no campo das práticas corporais, é possível identificar ações intencionais de treinamento já na Antiguidade Clássica.

Platonov (eminente estudioso russo do treinamento esportivo⁸⁹), fazendo uma breve incursão na história dessas práticas afirma que, na observação do sistema de preparação e competição na Grécia Antiga, é indiscutível a grandiosidade das conquistas obtidas pelos atletas gregos. O autor enumera uma série de características dos métodos de preparação utilizados por aquele povo, destacando, entre outras, a seleção dos atletas mais talentosos, o uso de um sistema equilibrado de cargas e o emprego de meios auxiliares para aumentar a eficácia da preparação⁹⁰.

Assim como Platonov, Lamartine da Costa aponta aspectos semelhantes na preparação atlética do gregos: “o treinamento específico era executado em sessões especiais, nas quais, por exemplo, os lutadores golpeavam sacos, de peso e volume variáveis, e os corredores trabalhavam sobre raias cobertas de areia ou transportavam pesados fardos para fortalecer as pernas”⁹¹

A despeito dessas considerações, e não obstante o valor de tal informação, a preparação atlética empregada na antiguidade clássica não emerge aqui como fato a ser perscrutado no contexto do presente estudo. Talvez o fosse se considerássemos tal preparação uma espécie de precursora do treinamento esportivo moderno, esse, lapidado aos moldes das motivações e ancoragens do esporte do século XX. Não, em absoluto. Não haveria termo de comparação e a idéia de “avanço” seria tão rasa quanto enganadora. Apesar de alguns estudiosos considerarem haver possibilidades de diálogo

⁸⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio* – Dicionário Eletrônico. Versão 5.0 – Edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo Informática, 2004.

⁸⁹ A tradição acadêmica de Vladimir Platonov no campo do treinamento esportivo é de tal magnitude que no livro de 1968, “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”, Mario Ribeiro Cantarino Filho já utiliza as pesquisas desse autor como respaldo para suas afirmações no capítulo dedicado a tratar do aperfeiçoamento da velocidade. Cf. CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. O aperfeiçoamento da velocidade. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: MEC/DEF, 1968. p.186.

⁹⁰ PLATONOV, V.N. Teoria geral do treinamento desportivo olímpico. Porto Alegre-RS: Artmed, 2004. p.62.

⁹¹ Da COSTA, Lamartine Pereira. Histórico, evolução e fundamentos do treinamento desportivo moderno. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: MEC/DEF, 1968. p.2.

franco entre antiguidade e modernidade no campo esportivo⁹², observo, de minha parte, e acompanhado por reflexões fundamentais como as de Vigarello, Bourdieu e Hobsbawm⁹³, algumas rupturas tão profundas, algumas descontinuidades tão incisivas que me fazem descrever numa travessia linear cujas margens sejam, de um lado, os jogos antigos e, de outro, o esporte moderno tal qual o que se consolida mundialmente nos idos do século XX. Daí não ser possível pensar treinamento “esportivo” com os mesmos pressupostos com que se pensa treinamento “físico” ou “corporal”: não se trata mais de um físico ou de um corpo qualquer a ser treinado, mas de um físico e de um corpo *entregues* aos ordenamentos deste esporte, ou melhor, desta disputa esportiva⁹⁴ que consubstancia, nos permeios de suas narrativas e práticas, a síntese que a alimenta: o rendimento, o resultado, a vitória, a marca, o recorde⁹⁵. É por isso que no âmbito deste estudo, o substantivo “treinamento” somente ganha *status* por sua adjetivação: “esportivo”. Não interessa discutir o uso de halteres de pedra ou o emprego dos *Tetras* pelos povos gregos, nem tampouco analisar os procedimentos atléticos utilizados nas palestras. Interessa é buscar identificar como se deu – para além da incorporação da lógica do treinamento corporal ao campo esportivo – a incorporação de uma dada lógica esportiva ao campo do treinamento, lógica essa caracterizada fundamentalmente pelos procedimentos atestados pela “Ciência” e engendrada somente na perspectiva da

⁹² Fábio Lessa lança alguma luz a essa discussão no artigo “Esporte na Grécia antiga: um balanço conceitual e historiográfico. Cf. LESSA, Fábio de Souza. Esporte na Grécia antiga: um balanço conceitual e historiográfico. *Recorde: Revista de História do Esporte*. v.1, n.2, p.1-18, dezembro de 2008.

⁹³ Cf. Vigarello, Georges. *Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*; BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo... e Programa para uma sociologia do esporte; e Hobsbawm, Eric J. *A era dos Impérios e A era do capital*.

⁹⁴ Embora vários autores tenham proposto sistematizações para abarcar conceitualmente o fenômeno esportivo (p.ex., cf. Allen Guttman, *From ritual to record – the nature of modern sports*, 1978 e Valter Bracht, *Sociologia crítica do esporte*, 2003), o aspecto fundamental do esporte efetivamente originador de sentidos para o treinamento esportivo é a competição, através da qual estabelece-se ou verifica-se o “resultado esportivo”. A partir desse raciocínio, optei aqui por especificar a dinâmica desse conjunto de fatores relacionados ao esporte – competição, rendimento, resultado – nomeando-a de “disputa esportiva”.

⁹⁵ Embora não faça parte da centralidade deste estudo, gostaria de expor aqui uma classificação apresentada por Platonov e que parece bem elucidativa para se pensar esses cinco aspectos na dinâmica da disputa esportiva. Segundo o autor, na determinação dos resultados nas competições, “os diferentes tipos de desportos podem ser agrupados em quatro grupos, segundo o modo de determinação do resultado esportivo: 1) Desportos com resultado medido metricamente, com objetividade; 2. Desportos em que o resultado é determinado com unidades convencionais (pontos, notas), pela execução de um programa determinado de competições; 3. Desportos nos quais o resultado desportivo é definido pelo efeito final ou pela predominância em unidades convencionais (pontos), pelas ações realizadas em situações variáveis; e 4. Desportos complexos (Keller e Platonov, 1993)”. Cf. PLATONOV, V.N. *Teoria geral do treinamento desportivo olímpico*. Porto Alegre-RS: Artmed, 2004. (p.34).

consolidação do resultado esportivo enquanto fim. Desde essa lógica, a “idéia” de treinamento é bastante recente.

Na década de 1920, são muito poucas as menções explícitas à *palavra* “treinamento” relacionando-a às atividades esportivas. Por outro lado, nos casos em que a referência é feita à educação física, ao exercício físico e à ginástica, é bastante frequente a alusão a tal termo. Em 1929, por exemplo, J.P.Fontanele publica o livro “Fundamentos Fisiológicos da Educação Física”, obra cujo quarto ponto dedica-se a discutir “A fadiga e o treinamento”. Seguindo a proposição explicitada no título, ao longo do livro uma perspectiva biológica sobre o exercício físico vai se corporificando gradativamente, e assim vão se materializando capítulos a respeito dos efeitos do trabalho muscular sobre a nutrição, sobre a respiração, sobre a circulação, sobre o esqueleto, sobre o músculo, sobre o sistema nervoso e sobre a mente e a moral. Nenhuma menção ao esporte.

Não obstante, dez anos antes, em 1919, quando Fernando de Azevedo escreveu “Antinoüs”, o vínculo entre o treinamento e o esporte, ainda que de forma breve, seria lembrado⁹⁶:

Não há melhor sinal para um *sportman* do que *ganhar pêso* no decorrer das provas preparatórias ou do treinamento: isto prova que indivíduo ganha *em fibra muscular*, isto é, *em força*, o que perde em *tecidos passivos* eliminados pelo trabalho cotidiano.

A inteligência e a vontade também desempenham papel considerável no treinamento. É graças a estas faculdades que o *sportman* ou o atleta sabe escolher o exercício ou o gênero de trabalho, regulá-lo convenientemente, assim como ordenar sua alimentação ao fim de sua cultura atlética.

De forma semelhante, no livro “Da Educação Física”, publicado um ano depois, Fernando de Azevedo também menciona a questão do treino para os esportes: “é também incontestável que, depois de um curso racional de ginástica preparatória, a *educação esportiva*, que não é a base mas o coroamento da educação física e sua

⁹⁶ AZEVEDO, Fernando de. Antinoüs..., p.275.

recompensa, pode e deve chegar a resultados surpreendentes por meio do *treinamento*⁹⁷”.

No início da década de 1930, o emprego no âmbito esportivo da palavra “treinamento” parece ser ainda pouco frequente. Na Revista de Educação Física, por exemplo, o primeiro artigo a veicular com essa temática já no título é de 1933 e se chama “Atos de consciência do treinamento”. Trata-se de um rol de questões que, supostamente, o atleta deve colocar para si mesmo:

“Pergunta a ti mesmo, antes de iniciares o teu treinamento:
- Tenho constituição física suficiente para poder suportar os esforços de uma competição?
- Tenho força de vontade suficiente para ser capaz de levar a termo um treinamento que me seja útil?
- Quaes os exercicios que são proveitosos para o meu corpo e a minha especialidade?
- Que deverei fazer para que o exercicio não cause prejuizos á minha saúde?
- Tenho educação esportiva suficiente para poder enfrentar com cavalheirismo os meus adversarios?
Se assim o fizeres e corrigires os teus defeitos fisicos e morais serás um invencivel!”⁹⁸

O segundo “artigo” que trará a palavra “treinamento” logo no título é de 1935 e chama-se “Treinamento esportivo”. Ironicamente, a matéria não trata detidamente de treinamento. Nela apenas são apresentadas fotografias das equipes de futebol do River Plate e do Vasco da Gama, junto das quais seguem-se as seguintes notas: “O River Plate reconhece o verdadeiro valor da ginástica no treinamento e a executa com todo carinho”; e “O C.R.Vasco da Gama, campeão carioca, como o River Plate, pratica a ginástica no seu treinamento.”⁹⁹

Quanto aos textos da Revista Educação Physica, é comum o aparecimento de expressões como “preparo physico” e “physico necessário”, mas é raro o uso da palavra

⁹⁷ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física..., p.77.

⁹⁸ ATOS de consciência do treinamento. *Revista de Educação Física*, n.5, 1933.

⁹⁹ TREINAMENTO esportivo. *Revista de Educação Física*, n.20, 1935. Vale registrar que a associação entre ginástica preparatória e treinamento esportivo é muito comum à época e será discutida no próximo capítulo.

“treinamento”. Aliás, da primeira vez que ela aparece na revista¹⁰⁰, é utilizada com sinônimo de “bom condicionamento”, isto é, designa o “produto”, e não o “processo”, ou seja, o meio para atingir o bom condicionamento.

Ainda no seu primeiro número, a Revista traz a tradução de um artigo do “Technico” Norte americano Dr. H.C. Carlson, “*coach*” da universidade de Pittsburgh, que aborda os fundamentos do “basket ball”. O tópico final do texto recebe o título de “Treinamento” e informa, em linhas gerais, alguns princípios que devem nortear o treinamento daquele esporte: “o treino deve ser proprio e consciencioso, porque o basket ball é um jogo de habito: o seu desenvolvimento é tão rapido que o jogador deve saber instinctivamente o que vae fazer para vencer seu adversário”¹⁰¹. Dito isso, o autor enumera sequencialmente os elementos que devem ser treinados (giros, passes, combates simulados, etc...), lembrando a importância de se treinar as reservas “nos conjuntos”. Trata-se de um texto simples, sem aprofundamentos detalhados, mas que ilustra com propriedade a maneira como as questões sobre treinamento são abordadas nas Revistas nos primeiros anos da década de 1930.

Somente em 1936, na Revista Educação Physica n. 7, é possível localizar um texto que aborda, de maneira explicita e específica, a idéia de treinamento:

O treinamento corresponde à necessidade de regular o dispendio de energia de cada um conforme suas possibilidades neuromusculares, que seu poder de vitalidade governa. É o principio economico que regula o funcionamento de toda usina transformadora de matéria e energia: maximum de rendimento com o minimum de dispendio e usura.¹⁰²

Apesar do teor coerente da idéia, nenhuma menção é feita quanto à aplicação dos procedimentos de treinamento no campo esportivo, o que sugere que as preocupações

¹⁰⁰ Refiro-me ao texto de Fred C. Brown, “Comentários sobre o basket ball. O autor afirma que “o brasileiro é [...] possuidor das qualidades essenciais para ser um bom desportista, uma vez que seja submettido a um prévio preparo e obrigado a um estado de apurado treinamento”. (p.67-8)

¹⁰¹ CARLSON, H.C. Fundamentos do Basket ball. *Revista Educação Physica*, n.1, 1932.

¹⁰² APHORISMAS da Educação Física. *Revista Educação Physica*, n. 7, 1936. p. 68. Na verdade, o texto corresponde a um trecho do livro Antinoüs, escrito por Fernando de Azevedo em 1919. Entretanto, na Revista não há qualquer menção a respeito desse fato.

relativas aos exercícios e às formas de preparação ainda se mantinham afastadas das demandas do esporte.

Algo diferente poderá ser observado na definição apresentada em 1944 no texto “Fenômenos Fisiológicos do Treinamento Desportivo”, de autoria do Dr. P.F. Figueiredo de Araújo:

Há no treino, uma operação gradual e progressiva, que não se completa senão depois de determinada série de exercícios, mediante os quais o indivíduo atinge ao máximo das suas possibilidades. Esta última circunstância, - o máximo individual, - variável de pessoa para pessoa marca o limite do treino, após o qual o indivíduo fica em forma, como dizem os esportistas.¹⁰³

Não obstante tal gradiente presente entre os anos 1929 e 1944, cabe notar a diferença extraordinariamente maior dos trechos anteriores para o que se segue, extraído do livro “Introdução a Moderna Ciência do Treinamento Desportivo, de 1968:

“O Treinamento Total¹⁰⁴ é uma *filosofia* de apreciação da atividade desportiva – não importando a especialidade – em todos os seus fatores de influência: através de uma programação racional, procuram-se desenvolver as técnicas e as qualidades físicas (fôrça, velocidade, resistência etc.), buscando apoio numa atitude psicológica favorável, na alimentação apropriada, no regramento dos hábitos de vida, na adaptação social adequada e no planejamento coerente das horas de lazer; tudo isso sendo atribuição do responsável pelo treinamento, que se deve valer do imprescindível controle médico-desportivo permanente, da assistência psicológica e do registro avaliador do treinamento¹⁰⁵.”

Dos vários aspectos sobre os quais se poderia deter a atenção nesse trecho, quero focalizar especialmente um, a meu ver e por minhas intenções de estudo, o mais significativo deles: trata-se de colocar o Treinamento Total como uma “filosofia de apreciação da atividade desportiva”. Cabe de pronto observar aqui que, nessa operação

¹⁰³ ARAÚJO, P.F.Figueiredo. Fenômenos Fisiológicos do Treinamento Desportivo I. *Revista Educação Physica*, n. 77, março 1944.

¹⁰⁴ Como já apontado na introdução, o Treinamento Total é um conceito cunhado pelo Belga Raoul Mollet em 1961, e representa, do ponto de vista técnico, um marco para a metodologia do treinamento esportivo.

¹⁰⁵ DaCOSTA, Lamartine Pereira. Treinamento total e preparação generalizada. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p.17.

discursiva, passa a ser a “atividade desportiva” a geradora de sentidos para o “treinamento total”. Dito de outra forma, ao contrário do que se faz observar nas duas primeiras definições apresentadas anteriormente, nas quais o desporto apenas resvala sem conformar, nesse último caso, nenhum sentido faria pensar o treinamento senão em função daquilo que o adjetiva: o esporte. De maneira muito relevante (mas não exclusiva), é justamente esse deslocamento que tornará esse novo “treinamento” tão diferente das práticas de preparação atlética levadas a cabo em períodos anteriores. É que o esporte, conformado na perspectiva da produção do resultado esportivo, constitui uma nova verdade a perscrutar, verdade essa em torno da qual se fundam novos planos e objetos a conhecer, requerendo novos investimentos materiais, técnicos e instrumentais. A partir desse novo lugar, ao treinamento são conferidos outros sentidos, que devem responder à ordenação desta “verdade esportiva”. Pedindo emprestado a Foucault suas elaborações acerca da ordem do discurso, poderíamos arriscar tratar-se, pois, da constituição de uma nova “disciplina”¹⁰⁶, voltada a encerrar, como vertentes dos diversos conhecimentos que lhe dão corpo, os modos de alcançar a vitória no esporte. É da consolidação desse lugar de acumulação e transbordamento de práticas e saberes sobre o treinar que passo a tratar a seguir.

¹⁰⁶ Foucault, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 16ª ed. São Paulo: Loyola, 2008. Ao discorrer sobre a constituição da medicina e da botânica como disciplinas conformadas na ordem de um dado discurso de verdade, o autor assim enuncia a discussão: “para que uma proposição pertença à botânica ou à patologia, é preciso que ela responda a condições, em um sentido mais estritas e mais complexas, do que a pura e simples verdades: em todo caso, a condições diferentes. Ela precisa dirigir-se a um plano de objetos determinado: a partir do fim do século XVII, por exemplo, para que uma proposição fosse “botânica” era preciso que ela dissesse respeito à estrutura visível da planta, ao sistema de suas semelhanças próximas ou longínquas ou à mecânica de seus fluídos (e essa proposição não podia mais conservar, como ainda era o caso no século XVI, seus valores simbólicos, ou o conjunto de virtudes ou propriedades que lhe eram atribuídas na antiguidade). Mas, sem pertencer a uma disciplina, uma proposição deve utilizar instrumentos conceituais ou técnicas de um tipo bem definido; a partir do século XIX, uma proposição não era mais médica, ela caía “fora da medicina” e adquiria valor de fantasma individual ou de credence popular se pusesse em jogo noções a uma só vez metafóricas, qualitativas e substanciais (como as de engasgo, de líquidos esquentados ou de sólidos ressecados); ela podia e devia recorrer, em contrapartida, a noções igualmente metafóricas, mas construídas sobre outro modelo, funcional e fisiológico (era a irritação, a inflamação ou a degenerescência dos tecidos.” (p.31-3). Partindo dessa observação, é imprescindível frisar aqui o fato de que, para Michel Foucault, a constituição de uma disciplina é mais um princípio de *rarefação do discurso*: uma forma de enquadrá-lo no interior de uma perspectiva que o ordena e o organiza segundo dispositivos de poder socialmente definidos.

Capítulo 3

ACENTOS, HIATOS E RETICÊNCIAS: MODOS DE TREINAR

Embora no campo esportivo, a palavra “treinamento” não fosse comumente empregada, os sentidos emanados deste procedimento já se faziam presentes nos textos escritos desde a década de 30¹⁰⁷. Logo no primeiro número da Revista Educação Physica, vários artigos expõem a importância do treinamento para o alcance dos objetivos esportivos.

Assim, por exemplo, no texto “O bola ao cesto em São Paulo”, José Espósito, ao fazer referência ao Campeonato Brasileiro de Basquete de 1926, afirma que “com a experiencia e os conhecimentos technicos de que éramos possuidores nessa ocasião, conseguimos preparar a nossa turma de modo tal, que não foi difficil conquistar o glorioso titulo de campeões brasileiros para o nosso estado”¹⁰⁸. Observe-se que, a despeito do não uso da palavra, o mérito da questão da preparação já está presente, embora o substrato desse processo ainda esteja assentado “na experiência e nos conhecimentos técnicos”, e não “em vasta fundamentação científica”, como veremos a partir da década de 50.

Ainda em 1932, no número 2 da Revista Educação Physica, dois artigos trazem à tona a importância da “preparação athetica” e do treinamento para a consecução de resultados esportivos. No primeiro deles, intitulado “Os Estados Unidos nos Jogos Olympicos”, encontra-se a afirmação de que “em nenhum paiz do mundo ha maior numero de pessoas praticando o atletismo do que nos Estados Unidos. Pela diffusão conseguida pelo atletismo no paiz do Tio Sam e pelo methodo intenso de treinamento, os norte-americanos têm conseguido brilhar nos Jogos Olympicos”¹⁰⁹. No segundo artigo, a idéia se repete. Comentando o resultado do “team” brasileiro no “certamen”, o texto enuncia:

“as consecutivas derrotas soffridas pelos nossos atletas devem ter-lhes arraigado no espirito a convicção de que carecemos de uma

¹⁰⁷ Como as obras da década de 20 analisadas não versam especificamente sobre a disputa esportiva, não é de se estranhar, pois, que os anúncios da importância do treinamento esportivo adquiram visibilidade no presente texto somente na década de 30.

¹⁰⁸ ESPOSITO, José. O Bola ao cesto em São Paulo. *Revista Educação Physica*, n.1, 1932.

¹⁰⁹ OS ESTADOS Unidos nos Jogos Olympicos. *Revista Educação Physica*, n.2, 1932

organização técnica capaz de formar os futuros componentes dos quadros brasileiros [...]. Os Estados Unidos, vencedores do certamen, apresentaram invejável conjunto de atletas, que puzeram em impressionante relevo a eficiência de seus métodos de preparação atlética.¹¹⁰

Em direção semelhante, outros artigos farão menção à necessidade de uma preparação prévia para que o resultado esportivo seja alcançado, preparação essa que ficaria ao cargo da educação física desenvolver. Nesses termos, em 1933, o esportista Sílvio Padilha faria sua crítica: “porque nós, atletas, não produzimos mais? Porque não temos melhores performances? [...] O que nos falta agora é o que não tivemos na nossa infância – é a educação física que o nosso corpo reclama”. A ausência de exercícios de preparação seria, pois, responsável pela falta de condicionamento dos atletas durante sua vida esportiva: “nós precisamos treinar forte, mas não o podemos porque o nosso organismo não suporta, não tem a devida capacidade e não podemos forçá-lo duma hora para outra; falta-nos a necessária preparação”¹¹¹.

Outro texto, do mesmo ano, faria observação semelhante ao relatar as iniciativas tomadas por uma time de futebol para que seu jogadores alcançassem o título de campeões:

A diretoria do Bangú preclaramente decidiu submeter os jogadores a um preparo físico racional, sistematicamente conduzido, de acordo com os ditames atuais da medicina desportiva. Convencida de que o treinamento desportivo especializado só fornece resultados seguros, quando tenha como substrato um preparo físico prévio, através do qual as qualidades físicas do jogador se tenham desenvolvido plena e harmoniosamente de modo a assegurar o equilíbrio funcional exigido pelo esforço considerável que demanda o desporto, mormente o coletivo – a Diretoria do Bangú A. Club contratou especialmente um instrutor de Educação Física. A este, confiou a missão básica de preparar fisicamente os rapazes.¹¹²

¹¹⁰ OS JOGOS Olímpicos de Los Angeles. *Revista Educação Física*, n. 2, 1932.

¹¹¹ PADILHA, Sílvio. A educação física com base do esporte. *Revista de Educação Física*, n.6, 1933.

¹¹² COMO o “Bangú A.Club” se tornou campeão – O valor de um regime racional de Educação Física. *Revista de Educação Física*, n.13, 1933. Convém destacar nesse texto o descolamento entre as idéias de treinamento desportivo especializado e preparo físico prévio, como se esse último não integrasse o corpo de ações do primeiro. Essa informação parece ser reveladora para se (in)definir o que os especialistas em esporte, à época, designavam comumente como sendo treinamento esportivo.

Cinco anos depois, um artigo da mesma Revista volta a reclamar a devida atenção à condição física dos atletas: “temos verificado na maioria das equipes, a falta de um preparo físico adequado, falta essa que ocasiona o fracasso das equipes, onde vemos indivíduos fracos e sem resistência para suportar a partida”¹¹³.

Tendo em vista a tônica desses artigos, veiculados sobretudo nos primeiros anos da década de 1930, é interessante observar como o pensamento da época, em certa medida, buscará vincular o exercício *gymnico* à prática esportiva. No texto “Classificação dos esportes”, Pierre de Coubertin, após expor algumas possibilidades para classificação dos esportes e operar com elas, afirma que “todo sport, effectivamente, exige, preliminarmente uma gymnastica determinada para adaptação do corpo aos movimentos necessarios e para a criação de uma desejavel habituação muscular [...]”. Nessa perspectiva, o autor ainda complementa: “O preparo gymnico de um exercicio esportivo liga-se a uma necessidade essencial: o adestramento dos musculos, de modo a se obter que os não chamados a agir se mantenham tranquillos e não perturbem o trabalho dos que têm que funcionar”¹¹⁴.

No início da década de 1940, um artigo da Revista Educação Physica trará novamente ao debate essa questão. Tratando o esporte ainda de uma maneira bastante formativa, o professor Rosalvo Florentino avalia as contribuições da ginástica não só para a melhoria da condição física, mas também para melhorias na aparência:

Sempre tivemos em conta o valor e por isso mesmo a necessidade da ginástica como preparo do indivíduo para qualquer atividade física, e desde que o esportista a ela se submeta, com método, leva êle grande vantagem sôbre os seus concorrentes nas provas de sua especialização, quer sob o ponto de vista de fôrça, resistência, agilidade, quer sob o de apresentação, harmonia de formas, estética, beleza, que chega a impressionar os olhos mais leigos no assunto. Isto, naturalmente, quando se quer praticar o esporte que objetiva a beleza, a saúde, o aperfeiçoamento físico.¹¹⁵

Algo semelhante fora exposto no livro de Takashiro Saito publicado cinco anos antes. O autor adverte sobre a negligência com que a ginástica fora tratada no campo da natação,

¹¹³ COLOMBO, Alfredo. A educação física e o futebol. *Revista de Educação Física*, n. 42, 1938.

¹¹⁴ COUBERTIN, Pierre. Classificação dos Sports”. *Revista Educação Physica*, n.4, 1934, p.19.

¹¹⁵ FLORENTINO, Rosalvo. Ginástica pré-desportiva. *Revista Educação Physica*, n.47, 1940.

afirmando que “por não haver aparente relação entre a ginástica diariamente feita pelos nadadores e a natação, é ela feita displicentemente. Incompreensão que se desfará depois”¹¹⁶. Ao discutir os “pontos em que deve haver cuidados especiais” na vida diária dos concorrentes aquáticos, Saito expõe, ainda, sua própria experiência sobre o assunto:

Antes de deitar e depois de levantar, fazer sempre cerca de 10 minutos de ginastica. No meu tempo de estudante eu julgava que a ginastica não tivesse na realidade nenhuma influencia ou importancia. Mas depois de entrar na vida esportiva como competidor, ou melhor, ao atingir a minha situação de formador de concorrente, é que eu vim a compreender o verdadeiro valor da ginastica.¹¹⁷

Um outro aspecto que chama a atenção ao se percorrer os escritos desse período (meados da década de 1930) diz respeito à linguagem empregada para expor as matérias: sua configuração revela a circulação de um discurso então pouco específico e pouco próprio (no sentido de posse) para se tratar das questões referentes às práticas corporais, sejam elas ginásticas ou esportivas. Na legenda de uma imagem de seu livro, por exemplo, Saito comenta: Como se vê nesta fotografia, a cabeça está um pouco mergulhada demais. Isto é devido a dificuldade que se tem em levar o braço para frente por ser o musculo do hombro um pouco duro”¹¹⁸. Tal ocorrência é tanto sutil quanto emblemática: fala da carência de palavras para nomear, para distinguir, para apreender. Demarca a infância de uma área que ainda não se apoderara de códigos próprios nem de outros, compartilhados mas estabelecidos.

Para além da questão do uso das palavras e o emprego de uma dada linguagem, no conjunto das observações realizadas nas obras desses primeiros anos, é possível notar também a veiculação de um discurso no qual o dado empírico é apresentado com o respaldo dado pela observação (o *preparo gymnico* é essencial para o *adestramento dos músculos*; *a cabeça está mergulhada demais por ser o musculo do hombro um pouco duro*); mas sem o acompanhamento de nenhuma forma de “*explicação*” mais depurada,

¹¹⁶ SAITO, Takashiro. *Como vencer na natação*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935. p.85. O livro de Takashiro Saito é uma fonte primorosa para se compreender o estado do treinamento esportivo na década de 30, sendo considerado o primeiro livro brasileiro que expõe uma abordagem sistematizada do trabalho de preparação de competidores. Uma análise mais precisa dessa obra será feita nas páginas a seguir.

¹¹⁷ SAITO, Takashiro. *Como vencer ...*, p.21-2.

¹¹⁸ SAITO, Takashiro. *Como vencer ...*, miolo de páginas de fotos entre as páginas 24 e 25.

sem nenhuma “exposição dos *porquês*”. É justamente na enunciação dessas “explicações e porquês” que, desde o início da década de 1950, vamos encontrar uma nova lógica discursiva no campo dos esportes, que busca dar fundamento às ações do treinamento não mais apenas pelo dado empírico, mas pela sua apreensão, sua análise e sua explicação pela “ciência”.

Um debate que também já desperta interesse diz respeito à influência dos dados naturais na constituição do “talento esportivo”. Fernando de Azevedo já havia vislumbrado os contornos dessa questão em 1920 ao sugerir que o mecanismo de transmissão hereditária fixa os limites das ações mecânicas e dos excitantes funcionais sobre o desenvolvimento do organismo¹¹⁹. Pierre de Coubertin abordaria também essa questão quinze anos mais tarde: “o grau superior não está, em geral, ao alcance de todos que o querem atingir; é bastante raro que a “vontade” baste para levar a elle. O “temperamento” e a “hereditariedade” intervêm nisso”¹²⁰. Em diferentes tempos, engrossariam essa perspectiva outras vozes, propalando a idéia de que “o recordista deve nascer um fenómeno com qualidades inatas para tal”¹²¹ ou que “quem tem velocidade já nasceu com ela”¹²². O conjunto dessas afirmações traz à tona dois aspectos interessantes e aparentemente contraditórios daquele momento. Se por um lado, evidencia o reconhecimento da importância da bagagem genética no resultado esportivo, por outro lado, revela a descrença na capacidade que o treinamento teria de reconfigurar os limites colocados pela genética. Outrossim, anuncia no campo esportivo o balbúcio de um debate que ainda hoje consome esforços: o que diz respeito à determinação da natureza e da cultura naquilo que nos tornamos capazes de realizar, daquilo que vai nos conformando ao longo da vida. Debate necessário, certamente, mas que deve ser feito com zelo e perícia para que de seus resultados não emanem desastrosas consequências políticas.

Consideremos, pois, a proposta de Bruno Zauli no seu artigo “Os atletas do ano 2000”, publicado pela Revista de Educação Física ainda em 1933. Zauli parte do exemplo de

¹¹⁹ AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física... p.37.

¹²⁰ COUBERTIN, Pierre. Classificação dos Sports”..., p.19.

¹²¹ KUDILINSKI, Mincelau. A fibra no recorde. *Revista Educação Physica*, n.71, 1942.

¹²² GONÇALVES. 100 metros rasos – Detalhes de técnica de chegada – Sua importância, forma de trabalho físico e o que é recomendável. *Revista de Educação Física*, n.74, 1953.

Matti Järvinen, “recordman” do arremesso de dardo para expor sua “teoria”: “seu pae foi campeão da olimpiada de Atenas, no lançamento de disco. Sua descendência deu tres atletas excepcionais, dos quais Matti reúne em maior dóse os valores do sangue paterno. Operou-se aqui o que se chama ‘seleção do sangue’, ou melhor da raça, sob o aspecto da potencia física por via hereditária.”¹²³ Tratar-se-ia de um darwinismo esportivo? O próprio autor responde:

É necessário pensar que esta seleção natural da raça humana, por meio do esporte, está apenas no seu alvorecer. [...] Hoje, os troncos familiares são milhares e ainda muitos deles poderam retrogradar (sempre por efeito de má união ou por causas fortuitas que não podemos controlar), muitos destes progredirão mais ainda e serão os que dentro de um par de gerações darão sprinters capazes de correr 100 ms em 9”. Estou perfeitamente convencido que este atleta futuro terá na sua árvore genealógica ascendentes que tenham sido corredores, ainda que não excepcionais.

Acresce que as gerações humanas se sucedem com lentidão de 25 em 25 anos, e não se dá o caso de seguirem juntas no decurso da vida. Mas creio de poucos anos o movimento de seleção dos troncos de família estará bastante mais adiantado e se iniciará a organizar uma espécie de stud-book como se faz para raça equina. Por dentro de uns 20 anos, os casos iguais aos de Järvinen serão mais conhecidos. Não é necessário que as esposas dos campeões sejam campeãs. Seria até prejudicial para a robustez da raça. Basta que tenham uma constituição sã, normal. Basta a linha paterna para conservar e melhorar o tronco.

O texto de Zauli guarda muita proximidade com os discursos eugênicos que circulavam então, mas o faz de um lugar muito diferente: tendo o esporte como parâmetro, o marcador migra da pele para se alojar na ação do corpo, na sua potência, na performance. Mero movimento de superfícies que se dão a ver; no fundo, transita a mesma verdade. Alexandre Vaz nos provoca: “lembremos, a propósito, que o culto ao corpo de forma geral, e do esporte em especial, foi peça chave na construção do ideário nazista e da mitologia de uma raça ariana”¹²⁴.

¹²³ ZAULI, Bruno. Os atletas do ano 2000. *Revista de Educação Física*, n.5, 1933. Os dois trechos que se seguem foram extraídos do mesmo texto.

¹²⁴ VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Caderno Cedes*. N.48, Corpo e Educação, p. 89-108, 1999. p.99.

Alexandre Vaz traz ainda outra contribuição importante para esse debate ao afirmar que “a comparação dos homens brancos com os homens negros e com mulheres em geral parece ter uma afinidade muito grande com o estabelecimento de uma hierarquia biológica ‘imposta pela natureza’, de maneira que o domínio dos primeiros sobre os segundos e as terceiras possa ser justificado e legitimado”. Nesse sentido, continua o autor, “a ‘inferioridade natural’ de alguns convida ao domínio e tirania por parte de outros, seja ela representada pela força física ou pela subordinação dessa às capacidades intelectuais”¹²⁵.

Mero acaso, exatamente nesse sentido, há na Revista Educação Physica um artigo inspirador, de autoria de um treinador dos E.U.A, Wilson Donaughe. Seu título já provoca: “Athletas negros norte-americanos – O aparecimento de figuras extraordinarias: entusiasmo, treinos vigorosos e não qualidades racionais”. Trata-se da crítica a uma idéia, presumivelmente em voga então, de que os negros seriam geneticamente melhor dotados de capacidades esportivas do que os brancos:

Erroneamente, houve quem dissesse que os negros estavam saindo vitoriosos nas provas que exigem agilidade por uma questão racial, por uma questão de condições organicas especiais; em suma, chegaram á conclusão de que os negros dispõem de qualidades natas superiores aos brancos para determinadas provas de atletismo. Discordo completamente de tal idéia que considero absurda. O organismo de um preto no maximo, em regra geral, será igual a de um branco, mas nunca superior. Indiscutivelmente os atletas negros têm conquistado victorias admiráveis, mas que não são consequencias propriamente de melhores condições organicas e sim de melhor preparo physico, de treinamento mais severo e de maior entusiasmo.¹²⁶

O texto de Wilson Danaughe é ainda muito relevante num aspecto: para confrontar a idéia da superioridade “natural” dos negros, o autor oportunamente enaltece as ações do

¹²⁵ VAZ, Alexandre Fernandez. Do culto à performance: esporte, corpo e rendimento. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 11.,1999, Florianópolis-SC. *Anais...* [Caderno 2]. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. p.102.

¹²⁶ Donaughe Wilson. Athletas Negros Norte-americanos – O aparecimento de figuras extraordinarias: Entusiasmo, treinos vigorosos e não qualidades racionais. *Revista Educação Physica*, n.11, 1937. p.60. Convém de forma muito especial lembrar que em 1936, Jesse Owens, corredor negro norte-americano, havia obtido resultados excepcionais nos Jogos Olímpicos de Berlim, colocando em xeque, no calor das inspirações racistas do regime alemão, a superioridade dos brancos.

treinamento, defendendo que os resultados obtidos por meio desse processo são os mais importantes na determinação do sucesso nas competições: “os atletas negros têm brilhado ultimamente, não é porque disponham de melhor organismo e sim porque o preparam melhor, aumentando-lhe a eficiência. [...] Estou certo de que se os atletas brancos se se preparassem com igual cuidado que os negros não seriam por eles vencidos, visto que, moralmente, dispõem de maior inteligência.”

Em 1935, Saito, motivado por interesses bem diferentes dos de Danaughe, expusera também a importância do treino para a obtenção de marcas e resultados. Tratando das possibilidades do treinamento na natação, Saito afirma:

“Os concorrentes em geral – comuns – tinham ligeiro desânimo, achando que não podiam atingir a posição dos concorrentes por natureza (de qualidade); mas observou-se, pelo constante esforço e espírito de investigação dos concorrentes japoneses, que, pelo modo de treinar, tendo um pouco de natureza (qualidade), podem com algum esforço, os concorrentes atingir a “primeira linha” do mundo sem grande dificuldade¹²⁷.

Em outro ponto do texto, enfatiza o autor: “Para a natação não existe o que se chama talento natural. Há apenas educação da força física e bons treinos”¹²⁸

Em 1937, um artigo de Euclides Amaral (então atleta do Vasco da Gama) endossaria a perspectiva defendida por Saito. Nele, o autor argumenta que para o sucesso no basquetebol, aspectos como altura ou tamanho de braços e pernas não são fundamentais, mas sim “musculatura média, agilidade, elasticidade e dextreza educada. Além disso, é preciso uma boa disposição moral e um vontade de ferro”¹²⁹. Para concluir a sua idéia, o autor arremata: “o que um treinador deve visar num atleta, não é o tipo para esta ou aquela prova, e sim a sua força muscular e nervosa, e o gosto do atleta para a prova”.

Pensar na potência do treinamento de “mudar realidades” implica em estabelecer os parâmetros dessa mudança: desde então, cabe identificar quais aspectos serão

¹²⁷ SAITO, Takashiro. *Como vencer...*, p.101.

¹²⁸ SAITO, Takashiro. *Como vencer...*, p.19.

¹²⁹ AMARAL, Euclides. O physico e as provas athleticas. *Revista Educação Physica*, n.13, 1937.

mobilizados, quais elementos sofrerão a transformação. As falas serão muitas: dirão do treinamento físico, do treinamento técnico, às vezes do treinamento tático. Dirão também do treinamento da vontade, do domínio das carnes e da moral.

As qualidades físicas serão enunciadas de forma muito articulada com suas demandas. Nas primeiras fases do desenvolvimento, serão tratadas de forma mais genérica, já que “até uma certa idade, é costume deixarem-se os jovens praticar toda espécie de esportes, sem haver pressa em especializá-los, pois assim vão adquirindo um conjunto de qualidades úteis, tais como a força, a destreza, a resistência e a velocidade”¹³⁰. Essas qualidades serão chamadas, às vezes, por nomes diferentes, mas sem que isso demarque claramente um tempo ou qualquer forma de ruptura: agilidade e destreza conviverão, assim como acontecerá com rapidez e velocidade. Noções como “músculos firmes” e “membros elásticos” também se farão presentes e por vezes substituirão, respectivamente, a idéia de força e de flexibilidade, sem representar por certo um distanciamento. Na reta do tempo, apenas nas margens se poderá dizer do lugar de cada uma dessas qualidades: em 1920, estarão presentes a rapidez, a força, a resistência e a destreza. Flexibilidade e coordenação, assim nomeadas, não seriam lembradas. Em 1968, seria a vez de rapidez e destreza serem esquecidas, para que em seus lugares surgissem velocidade e agilidade. Entre esses dois lugares, os termos se misturam. A despeito dos nomes, no esporte serão requeridas diferentemente, em função da modalidade a desenvolver. Assim, no atletismo, serão frequentemente lembradas a resistência, a força, a velocidade e a flexibilidade. Força e velocidade, particularmente, serão ainda colocadas em relação: “Todos os bons ‘exprinters’ foram e são homens fortes, porque sem força muscular não pode haver velocidade”¹³¹. Na natação, velocidade e resistência serão mais comuns; algumas vezes estarão sozinhas, outras vezes, articuladas: “é preciso dar ao que tem resistência, velocidade sem prejudicar a sua resistência, e vice-versa”¹³². Será comum também encontrar, no rol das qualidades físicas esportivas, a coordenação de movimentos.

¹³⁰ ESTUDO Morfológico dos Atletas – Aplicação da forma ao Desporto. *Revista de Educação Física*, n.33, 1938.

¹³¹ PADILHA, Sylvio de Magalhães; MATULA, Emanuel. A corrida-velocidade – Conhecimentos fundamentais para o ensino e o aprendizado. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.38, 1947.

¹³² CASTRO, Luis Carlos C.de. Natação - Programa de Treinamento. *Revista de Educação Física*, n.38, 1938.

Uma síntese apropriada para retratar a forma como as qualidades físicas eram compreendidas pode ser encontrada no texto de Willian M. Goodish, “Os elementos de êxito no atletismo”, dentre os quais o autor acrescenta qualidades de naturezas diferentes, como a *inteligência* e o *espírito*:

Os seis elementos que podem constituir o êxito de um atleta são, conforme o nosso ponto de vista, coordenação, rapidez, resistência, fôrça, inteligência e espírito.

Coordenação: A coordenação constitui, sem dúvida alguma, o mais importante fator no estudo da proficiência nos esportes e no atletismo. É a qualidade que capacita o indivíduo a integrar todas as energias e aptidões de todo o seu organismo numa execução eficiente da ação em que estiver empenhado. Podemos afirmar que é a base de toda técnica nos muitos gêneros da complexa atividade física. Exercitar-se para adquirir uma técnica é exercitar-se para a coordenação.

Rapidez: Nos esportes atléticos, imagina-se aplicável somente na locomoção, habilidade de movimentar-se rapidamente de um ponto para outro. Ela entretanto se relaciona com os movimentos de toda espécie, age como resultado da contração ou encolhimento dos músculos. O sistema nervoso desempenha um papel de relêvo na rapidez.

Resistência: Sem dúvida nenhuma, a resistência é um fator de muita importância nas diversas formas esportivas, tais como o futebol, tenis, corridas, boxe, luta e natação. [...] O que ficou exposto sobre resistência será melhor compreendido se se fizer um estudo da fadiga, porquanto a cada passo, é a fadiga, de uma forma ou de outra, que estabelece o limite da resistência.

Fôrça: A fôrça é matéria de impulso e poder que os músculos estejam aptos a exercer quando se contraem ou se dilatam. Com relação a esportes atléticos, parece-nos oportuno observar que o verdadeiro esforço físico desempenha um papel secundário na maioria destas atividades. Nenhum profissional forte jamais conseguiu qualquer recorde digno de nota em qualquer ramo esportivo. Efetivamente, um desenvolvimento excessivo dos grandes músculos e um esforço tremendo poderá reduzir a eficácia nas atividades que requerem coordenação e rapidez.

Inteligência: A inteligência é muitas vezes definida como a capacidade do indivíduo no ajustar-se com êxito ao ambiente, e suas necessidades; e tem um papel bem definido nas atividades atléticas, em maior escala no jogo de ténis do que em natação, mas sempre um fator de primeira ordem.

Espírito: Todos nós admiramos o indivíduo cujas dificuldades constituem um desafio e estímulo a maiores esforços, que conduz a luta com toda a sua fôrça, e cuja altivez jamais se dobra. Todas essas manifestações de atitude ou tendências, nós as classificamos como Espírito, quaisquer que sejam as suas características. O espírito que o atleta exhibe, também depende em grande escala de suas condições

físicas gerais no momento. O atleta treinado e em forma sempre disporá de mais espírito do que quando destreinado e em condições de lassidão. O espírito do atleta é, portanto, um indicador de suas condições.

Mas, se havia a preocupação de nomear as qualidades físicas para melhor intervir sobre elas, os escritos sobre o treinamento e os esportes também evidenciariam a necessidade de nomear outros aspectos.

Para ser esportista, não basta praticar esportes, não basta competir. É imprescindível ter sentimento esportivo. Isto é, saber dominar os seus impulsos recrimináveis, capazes de comprometer a sua saúde, o seu estado de hygiene e dispor da necessária força de vontade para manter uma vida sadia, destituida de excessos, methodica. No mais das vezes, tem-se uma concepção erronea do que seja um esportista e concede-se esse título honroso a alguém, só porque triumphou em uma prova. É um equívoco. Ser esportista não é ser vencedor. Ser esportista é ter uma existencia morigerada, sadia, hygida. A victoria é apenas um acidente favorável. Muitas vezes, o ultimo collocado em uma prova demonstra sentimentos esportivos mais aprimorados do que os demais.

Há aqui uma evidente preocupação com a conduta moral do “esportista”, preocupação essa que está nos discursos que constituíram e legitimaram o esporte. As designações são variadas, mas orbitam em torno das mesmas condutas: “qualquer atleta [deve] possuir moral excelente, possuir uma vontade firme para treinar com persistência e seguir uma vida acorde com a prática do esporte”¹³³. Trata-se de uma prescrição simples, cujas consequências são claras: “possuir confiança em realizar o objetivo a que se propõe, boa determinação para cumpri-lo, não desanimar ante fracassos passageiros ao tentar vencer uma prova ou estabelecer um ‘record’¹³⁴”. A força de vontade, a confiança em si, a determinação, a abnegação e a audácia devem ser os sentimentos mais inspiradores para os atletas: revestem-se de importância as prescrições que estimularão esses caracteres nos competidores: “o treinador deverá se preocupar com aqueles que se acovardavam ante o cansaço, prepará-los para saberem perder ou ganhar e não desanimar com os maus resultados. Combater o desânimo é uma das partes mais importantes no controle de uma equipe numerosa, onde existe uma variadíssima gama de

¹³³ CASTRO, LuizCarlos Cardoso de. O complexo natatório – ensaio de uma ficha de nadador. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.5, 1944.

¹³⁴ CASTRO, LuizCarlos Cardoso de. O complexo natatório...

temperamentos”¹³⁵. Mas o atleta não poderia ser somente pungido: caberia ainda o treinamento conter seu entusiasmo para que o esporte não lhe desvirtuasse:

No esporte exclusivo, o individualismo é exaltado pela idéia de chegar em primeiro lugar ou de ser o mais forte. Tanto mais se afirmam e se expressam os sentimentos egoístas, quanto maior o exagêro do esforço. Si o sucesso corôa os esforços, o amor próprio super-excitado tende a gerar vaidade. O campeão aplaudido, incensado, é tentado a crer-se um ente excepcional.¹³⁶

Mario Muniz Ferreira ampliaria essa preocupação estendendo sua responsabilidade e suas consequências: além de atentar para o que ocorre com os valores morais do atleta, mira a projeção dos sentimentos para a multidão, temeroso que a excitação de uma disputa ou de um revés se transforme em comoção do público:

A composição ou a realização duma “performance” não tem nenhuma ação perniciosa se os educadores, dirigentes e informadores conhecerem bem o seu papel. Com efeito, não é preciso atribuir tudo a si e pensar egoisticamente no valor da “performance” alcançada. É necessário corrigir tôda vaidade excessiva entre os jovens e em todos os desportos. Do mesmo modo, é preciso ensiná-los a dominar sua cólera, a saber perder e ganhar. É preciso lutar contra o chauvinismo e fazer compreender que não é deshonroso ser batido por alguém melhor dotado ou treinado. Assim, a pouco e pouco se fará a educação do público e do desporto, em lugar de exasperar as paixões, se tornará moralizador.

Era para tornar moralizadora a conduta no esporte e nas competições que verdadeiras cartilhas morais foram prescritas: qualidades do “espírito esportivo”¹³⁷, atitudes de “um bom esportista”¹³⁸ e até mesmo um “código moral do atleta”¹³⁹ estão registrados nas fontes, todos e cada qual desenhando as bordas de um comportamento a ser seguido. Colocam para o atleta, para o plano das suas vontades e decisões, a responsabilidade pelo sucesso, como se dele e apenas dele dependesse o resultado da disputa e o júbilo da competição. E o fazem sempre com a mesma inspiração apaziguadora, coercitiva, cavalheiresca.

¹³⁵ CASTRO, Luiz Carlos Cardosode. Natação – Programa de Treinamento. *Revista de Educação Física*, n.38, 1938.

¹³⁶ HÉBERT, Georges. Os perigos morais do esporte. *Revista Educação Physica*, n.56, 1941. O texto traz no seu cabeçalho a seguinte nota: “Traduzido especialmente para “Educação Física”.

¹³⁷ ESPIRITO esportivo – a vitória é um acidente. *Revista Educação Physica*, n.12, 1937.

¹³⁸ UM BOM esportista. [Editorial]. *Revista Educação Physica*, n.87, 1945.

¹³⁹ CÓDIGO moral do atleta. *Revista de Educação Física*, n.63, 1949.

A emulação dessas idéias circulará intensamente no período e isso será tão mais verdade quanto menos se aproximarem as prescrições científicas do treinamento. No livro de 1968, “Iniciação à moderna ciência do treinamento esportivo”, as preocupações morais esmaecem. No lugar delas, surgem as prescrições da “Psicologia do Desporto”, que colocam em voga a necessidade da preparação psicológica do atleta. Deslocamento anunciado, é certo, mas muito significativo: trocar a moral pela psicologia é sair do campo das conjecturas filosóficas para adentrar o terreno das experimentações científicas. É buscar respaldo na biologia das relações sociais para prescrever condutas e, desde então, “comportamentos”. E mais: nesse movimento, rompe-se a estrutura de atitudes que buscavam na vida pública os seus argumentos, os seus parâmetros. Privatiza-se o comportamento do atleta, que de agora em diante terá nas pesquisas da psicologia o seu endosso. A normalização das condutas então toma corpo: surgem a “agressividade”, a “tensão”, a “supercompensação”, a “motivação” e o “exibicionismo”¹⁴⁰, categorias discursivas que organizam o saber difuso em torno daquilo que as décadas anteriores haviam espreitado junto à “moral esportiva”. Nos desafios do esporte, estreitam-se os espaços para opções: diante da ciência, ao atleta caberá apenas obedecer.

Além do treinamento das capacidades físicas e dos valores morais que habitavam as páginas dos livros e Revistas do período estudado, há ainda que se registrar a presença das discussões sobre o treinamento técnico e tático. Quanto a este último, seu volume é bastante reduzido, em geral encerrando-se à apresentação breve de diagramas de jogadas, sobretudo do basquete. Nos textos que se propõe a tratar especificamente de treinamento, os aspectos táticos são completamente ausentes. Isso talvez se explique dado o emprego específico da tática no esporte: o basquetebol tem jogadas, sistemas e estratégias que lhe são próprios, e será somente olhando do interior da própria modalidade que esses componentes farão sentido. O mesmo será possível dizer do futebol, do voleibol, do atletismo, da natação, etc.

Quanto ao treinamento técnico, sua visibilidade é mais nítida nas fontes. Às vezes chamado de treinamento do “estilo”, até mesmo sua necessidade é reclamada em alguns momentos, em que se aponta a insuficiência do treino se esse aspecto não for devidamente considerado: “para se correr velozmente e ganhar os 100 metros rasos,

¹⁴⁰ SILVA, Athaide Ribeiro da. Como se insere a psicologia num programa de treinamento total. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p.297-307.

não basta somente possuir as qualidades inatas do verdadeiro *sprinter*. [...] O velocista só se completa quando já tem dominado os pontos essenciais de ordem técnica”¹⁴¹.

Para promover o treino, as descrições técnicas são fartas: informam sobre as posições do corpo e de seus membros, prescrevem posturas, desenham movimentos. Por vezes, números qualificam as descrições; em outros momentos, as imagens fazem ver aquilo que as palavras teriam dificuldade de contar. Independente do meio empregado, a descrição da técnica tem seu uso definido: o “apuro” do atleta. Nas corridas de velocidade, por exemplo, cada detalhe passa a ser essencial:

[No momento da saída]: Ainda por movimento combinado, o braço direito também deve ser lançado violentamente para trás. Este braço deve ser flexionado, de maneira que o cotovelo fique no mesmo plano horizontal que passa neste momento pela cabeça. A inclinação do corpo, nesse instante, deve ser de 43º, mais ou menos. Os primeiros passos devem ser curtos e rápidos, aumentando progressivamente de comprimento.¹⁴²

As rotinas de treino técnico estão frequentemente presentes nos planos de treinamento veiculados nas Revistas, e nessa medida, por vezes se misturam com as prescrições de preparação física, sendo difícil especificar qual ênfase seria dada ao treinamento: ao nadar 16 x 25m estilo crawl, Mike Troy poderia concentrar sua atenção na técnica da braçada ou na velocidade do nado, dependendo da instrução que J.Cousilman, seu técnico, lhe prescrevesse¹⁴³.

Mas haverá ainda outra limitação: nem sempre as técnicas são de fácil apreensão. Em alguns casos, a complexidade da tarefa é de tal grandeza que silencia quem se dedica a compreendê-la. Antônio Pereira Lima, recordista no arremesso de peso, assim descreve sua frustração:

“[Abordando o lançamento de peso]: O estilo alemão é difícilíssimo, devido ao “golpe de rim”, que constitui o seu segredo, mas que, entretanto, bem executado, é muito produtivo. Sendo porém este trabalho orientado no sentido de encarar o problema, sob o ponto de

¹⁴¹ GONÇALVES. 100 metros rasos – Detalhes de técnica de chegada – Sua importância, forma de trabalho físico e o que é recomendável. *Revista de Educação Física*, n.74, 1953.

¹⁴² CORRIDAS de velocidade. *Revista de Educação Física*, n.23, 1935.

¹⁴³ PINTO, Schuch. Planos de treinamento de natação. *Revista de Educação Física*, n. 93, janeiro de 1964. A rotina de treino à qual me refiro é descrita neste artigo.

vista real, somos obrigados a confessar que a dificuldade do estilo alemão é tão considerável, que, por mais que estudássemos e observássemos os gestos do campeão mundial em seus treinamentos – como nos foi possível fazê-lo nas Olimpíadas de 1932 – não conseguimos contudo aprender inteiramente o seu estilo. Nós que vimos, que observámos e que estudámos, só conseguimos aprender, após penosos treinamentos, um destes segredos: o “golpe de rim”. Não é dado, portanto, escrever sobre um estilo de prática tão complicada, que, entre nós, só poderá ser aprendido por meio de fotografias e instruções.”¹⁴⁴

Um aspecto salta aos olhos nesse trecho. Depender de *instruções* para compreender um estilo de arremesso ou qualquer outro gesto técnico esportivo traz à luz uma peculiaridade típica dos processos de treinamento: trata-se da forte tradição oral que circunda os espaços onde treinadores e atletas desenvolvem suas rotinas de treino e que preenche de silêncios muitas lacunas. Não se trata de calar para não informar; trata-se simplesmente de não registrar. O registro do treino, mesmo quando minucioso, não é capaz de capturar as ocorrências que atletas e treinadores protagonizam nas quadras, nas pistas, nos campos ou nas piscinas. Instruções, correções, demonstrações, “dicas”: as informações que os atores esportivos, nas circunstâncias dos treinos, trocam entre si, não habitam os planos de treinamento, não cabem neles. No período analisado, não será possível pensar nesse fato como uma atitude intencional: os indícios conduzem justamente em direção contrária. Essa ocorrência parece ter a ver muito mais com a especificidade do objeto sobre o qual pairam as atenções no treinamento: trata-se da dificuldade de traduzir o gesto em palavra, assim com o seria difícil fazer com a melodia ou com a pintura. Com o passar dos anos, entretanto, esse fato cercará o treinamento com uma aura de mistério e criará “linhagens” de “treinadores-ex-atletas”, os quais replicam, como técnicos, os procedimentos sobre eles operados na vida esportiva. Evidentemente, esse movimento não é linear nem contínuo, mas entre curvas e rupturas, atravessa décadas e não será difícil observá-lo em pleno século XXI. Também fácil será compreendê-lo: se no começo do século XX, no plano esportivo, os domínios do treinamento *físico* ainda estavam sendo espreitados, ao longo das décadas seguintes serão cada vez mais esclarecidos: sobretudo a partir dos anos 50, seus mistérios, esquadrihados e cindidos, serão postos à prova por toda sorte de experimentação. Relações serão criadas, previsões estabelecidas. O corpo, chamado ao exercício dará respostas já conhecidas. Mas outra dimensão ficará muda. Se o corpo *exercitado* se deu a

¹⁴⁴ LIRA, Antonio Pereira. Estudo dos lançamentos – Trabalho feito após 7 anos de estudos próprios e observação dos maiores atletas do mundo. *Revista de Educação Física*, n.9, 1933.

ver, o corpo habilidoso dirá apenas àqueles que o conseguem ouvir. Técnicos e treinadores envolverão cuidadosamente seus procedimentos nos detalhes dos movimentos, nas minúcias da ação: astutos, protegerão o gesto. O corpo habilidoso do atleta mostrará seus efeitos mas não revelará seus processos.

Não será sem razão que nos fins da década de 1950, o debate sobre as determinações da natureza no esporte será elaborado a partir de novas referências, de forma que o treinamento (dado da cultura) será considerado fundamental para a aquisição do sucesso esportivo. Os estudos dos institutos alemães, destacadamente os ligados às escolas de Freiburg, de Colônia e de Leipzig, revelarão então, a partir de intrincadas análises do campo da fisiologia, como um atleta que treina adequadamente pode superar, de forma significativa, os resultados de outro que, mesmo favorecido pela bagagem genética, não segue um programa sistemático e fisiologicamente adequado de treinamento¹⁴⁵.

Para atestar a veracidade deste pressuposto, muitos trabalhos que se debruçam sobre esse período buscam relatar os ganhos do treinamento para o desempenho esportivo. José Luiz Fraccaroli, por exemplo, abordando a aplicação desportiva do halterofilismo, cita o treino de atletas americanos que utilizaram o trabalho de força e alcançaram excelentes resultados desportivos entre os anos 1950 e 1955:

Dick Cleveland – praticando halterofilismo sob a supervisão de Fraysehr Fergunson, fazia séries cinco dias na semana, durante um período de seis semanas, ao findar do qual era capaz de executar desenvolvimentos supinos com 77 kg em 3 grupos de 10 movimentos e agachamentos com 90 kg para 3 x 10. Seu peso corporal *aumentou* de 72 kg para 80 kg neste período, e duas semanas após, sem praticar natação durante as seis semanas, bateu o recorde mundial de 50 m, nado livre...¹⁴⁶

Na década de 60, o argumento da primazia do treinamento será então imbatível e um conjunto de *pesquisas* revelará seus efeitos sobre o resultado esportivo. Lamartine da Costa, por exemplo, destacando a importância dos métodos de melhoria das qualidades

¹⁴⁵ ROCHA, Paulo Sérgio Oliveira da. *Treinamento Desportivo*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Documentação e Divulgação, 1978. Vol I.

¹⁴⁶ FRACCAROLI, José Luiz. Cinesiologia dos exercícios. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p.126.

físicas, defende que, a exemplo do que ocorria com o “Futebol-força”, também em outras diversas especialidades, o ganho na condição física seria capaz de suprir a falta de preparo técnico ou de habilidade motora de uma equipe¹⁴⁷.

Cantarino Filho, num texto sobre o aperfeiçoamento da velocidade, também ressalta a imprescindibilidade do treinamento; entretanto, leva em conta a importância da soma de seus componentes. Questionando a idéia então bastante propalada de que “o velocista nasce, não se faz”, Cantarino acompanha os que discordam dessa tese, afirmando que desconsiderar o valor do treino de provocar modificações morfológicas e funcionais no organismo equivale a negar as possibilidades da “moderna ciência do treinamento esportivo”. E arremata, citando Silva Rocha: “os grandes resultados desportivos são consequência das modificações do estado do organismo por efeito do treino, em combinação com uma técnica perfeita, uma tática racional e uma preparação da vontade apropriada”¹⁴⁸. Para falar com o devido respaldo, Cantarino menciona as pesquisas realizadas por Lehmann, e expõe os achados desse pesquisador:

Lehmann submeteu um grupo de pessoas não treinadas a um treinamento durante nove semanas, observando que, no lapso de seis semanas, os indivíduos tiveram 90% de melhoria no seu rendimento, e os 10% restantes conseguiram nas três últimas semanas. Nos indivíduos não treinados, a resistência, a força e a velocidade aumentam, sempre em proporções diferentes, nos vinte primeiros treinos. Quando o organismo vai adaptando-se aos exercícios, os efeitos do treino são menos evidentes¹⁴⁹.

Cantarino Filho também se preocupou em evidenciar os efeitos da interrupção do treinamento, sempre buscando a devida fundamentação *científica* para atestar sua exposição: “Korobkov demonstrou, através de investigações laboratoriais, que os resultados obtidos na melhoria da velocidade desapareciam, dois meses após haverem cessados os exercícios sistemáticos”¹⁵⁰.

¹⁴⁷ Da Costa, Lamartine Pereira. Treinamento total e preparação generalizada. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968

¹⁴⁸ Cantarino Filho, Mario Ribeiro. O aperfeiçoamento da velocidade. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p.186.

¹⁴⁹ CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. O aperfeiçoamento..., p. 187

¹⁵⁰ CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. O aperfeiçoamento..., p. 187

Se por um lado, os investimentos no treinamento fizeram aparecer seus benefícios, igualmente deram visibilidade às suas consequências indesejáveis. A exemplo do que fizera o Dr. Álvaro Ribas na década de 1930, em meados da década de 40, o Dr. Leite de Castro também advertiu sobre os perigos do trabalho físico. Segundo o autor, “não é raro na Educação Física e nos desportos, a verificação de casos rebeldes ao aproveitamento corporal, de deficientes rendimentos e, mesmo ainda, de aparecimento de sintomas mórbidos despertados pelo trabalho físico.”¹⁵¹ No engajamento desse raciocínio, o autor defende que, “para o homem que se inclina para o esporte”, há a necessidade da vigilância do médico especializado “como uma barreira indispensável aos *desmandos, aos arbítrios e aos abusos que as competições coletivas acarretam*”¹⁵².

Sem a exposição de explicações científicas e, aparentemente, sem a preocupação de tê-las, é comum encontrarmos, já nos escritos da década de 30, a proposição de procedimentos de treinamento para dadas modalidades, sobretudo no que se refere ao “athletismo”¹⁵³. Em 1933, por exemplo, no artigo “Athletismo”, tradução do original de John G. Hoffer publicado na Revista Educação Physica, há um tópico específico sobre “treino”, no qual há a indicação de vários “conselhos” técnicos e a apresentação de um programa de treinamento, previsto para o meio da temporada¹⁵⁴ e com a definição do que se fazer de segunda a sábado. Por exemplo, dentro do tópico “Salto com vara”, encontramos:

Preparo Physico:

Corridas de velocidade: 50 a 75 metros. Pequenas distancias carregando a vara.

Exercicios geral para conseguir braços e hombros fortes, boa cintura muscular.

Exercicios de aparelhos para força – coordenação e consciencia da posição. Barra (alta e baixa) e paralelas.

Parada de mãos – Mantenha os quadris no alto e baixo as pernas.

Flexões do antebraço estando suspenso.

¹⁵¹ CASTRO, Leite de. Sífilis e esporte. Revista Brasileira de Educação Física, Ano III, n.32, 1946. p.4.

¹⁵² CASTRO, Leite de. Sífilis e esporte..., p.4. Grifo meu.

¹⁵³ Lamartine da Costa lembra que “a par dos estilos que obedecem à evolução independente, subordinada à pesquisa da mecânica dos movimentos, a preparação física propriamente dita, sob a característica de sistematização, apareceu primeiramente na corrida e depois na natação, atividades de movimentação contínua, em que era facilmente patenteada a necessidade do treinamento. Cf. DA COSTA, Lamartine Pereira. Histórico, evolução..., p.6.

¹⁵⁴ Interessante observar que a idéia de periodização (sem o uso dessa palavra) já se faz presente nesse momento.

Exercícios com pesos de roldanas – com movimentos rápidos e fortes.
Acrobacia de colchão.¹⁵⁵

Abordando a elaboração de planos de treinamento na década de 30, é impossível não mencionar o fato de que, especificamente em 1935, há a publicação no Brasil do Livro “Como vencer na natação”, de Takashiro Saito. Segundo Lamartine da Costa, tal livro constitui “a primeira obra escrita sôbre treinamento sistematizado em nosso país”¹⁵⁶.

Nele, Saito, eminente treinador da equipe japonesa de natação, buscou sistematizar as informações tratadas no “estágio” de dez meses que desenvolveu no Brasil, a convite do exército, e cuja decorrência foi a hegemonia brasileira nos resultados da natação sulamericana no final da década. O livro tem uma riqueza impressionante de detalhes nas suas exposições, conselhos e orientações, tratando da multiplicidade dos elementos que podem assegurar a vitória na natação: são feitas indicações acerca da técnica dos vários nados (“crawl stroke”, “back crawl stroke” e nado de peito), suas *sahidas* e viradas, seus exercícios para aperfeiçoamento e treinamento, os cuidados a serem tomados nos treinos e fora deles, enfim, um verdadeiro tratado de treinamento em natação. Aliás, seu apelo nesse sentido é tamanho que a obra não deixa dúvida quanto ao seu propósito desde a primeira linha impressa, na qual Saito conclama: “Treinemos com ardor, senhores nadadores brasileiros...”¹⁵⁷.

Uma noção básica de distribuição cronológica das ações do treinamento, por exemplo, é bem delineada na obra desse técnico, na qual já é possível localizar o emprego da palavra “período”¹⁵⁸ e uma descrição consistente do que se fazer em cada momento do

¹⁵⁵ HOFFER, John G. Athletismo. *Revista Educação Physica*, n. 3, 1933. p.37.

¹⁵⁶ DA COSTA, Lamartine Pereira. Histórico, evolução..., p.10.

¹⁵⁷ SAITO, Takashiro. Como vencer..., p.5. Segundo DA COSTA, a hegemonia japonesa na natação mundial desde os Jogos Olímpicos de 1932 deve-se, em grande parte, a uma visita de exibição que Weissmüller fez ao Japão em 1930. Segundo o autor, a performance desse nadador impressionou de tal forma a opinião pública daquele país que um eminente estudioso e incentivador da Natação, Dr. Matsusawa, apoiado pelo governo japonês e com o apoio de uma equipe, realizou um levantamento criterioso da problemática do treinamento, criando um sistema que pode ser considerado o mais perfeito do período anterior à II Guerra Mundial.

¹⁵⁸ O conceito moderno de “periodização” não aparece entre as obras analisadas na presente pesquisa. Portanto, em termos de bibliografia brasileira, ele parece ser posterior a 1968. Para explanar sobre a distribuição temporal das atividades de treinamento, a palavra mais comumente empregada, até os fins da década de 30 é “temporada”. Na década de 40, gradualmente, a palavra “período” vai ganhando a cena.

processo de preparação, seguindo seu “plano de treinos até a competição”. Dessa forma, o autor organiza as ações em “Exercícios fora da estação” e “Treinos durante a estação”. Nessa última etapa, Saito localiza os seguintes treinos:

Treinos de periodo preparatorio: É o período de investigar o estilo acostumando o corpo nagua. [...]

Treinos de periodo de exercicio: [É o que serve para] fixar, pouco a pouco, a prova que se tem em mira. [...]

Treinos de epoca de acabamento: É o tempo do final esforço para a competição, breve espaço, porém importantíssimo, em que é necessario encaminhar a melhor toada (last-condition) do concorrente, não sendo, portanto, pequena a inquietação do treinador em vencer as dificuldades do nadador. Uma vez errado o modo de treino, cái o dia da competição no periodo em que está mais fatigado¹⁵⁹.

Na década seguinte, um texto do tenente médico Brenno Cruz Mascarenhas e do capitão Conceição de Miranda iria referendar as afirmações de Takashiro Saito. Embora as expressões utilizadas para designar os respectivos períodos sejam alteradas, a dinâmica das práticas que os compõem continua a mesma:

O treinamento de todo atleta em geral, e do corredor em particular, pode, esquematicamente, ser dividido em 3 períodos, de duração variável, de acordo com a natureza de cada atleta:

- a) o “condicionamento” do atleta;
- b) o treinamento especializado na prova;
- c) a manutenção de “forma” atlética.

a) O “condicionamento” é a fase inicial, preparatória geral, em que procuramos, pelos exercícios variados, obter efeitos gerais sobre o organismo, tais como a saúde, equilíbrio de peso, enfim, todas as medidas que visem fortificar o atleta e colocá-lo em condições de suportar um treinamento mais intenso e especializado, próprio do 2º periodo de seu preparo atlético [...].

b) No período de treinamento especializado na prova, [...] procuramos o apuro técnico, a adaptação ao estilo, enfim as qualidades para se obter o rendimento máximo. [...]

c) O terceiro período, o da manutenção da “forma” atlética, em que o corredor atingiu o máximo de rendimento, constitue um fase instável e delicada, em que qualquer excesso ou desvio, pode acarretar um desequilíbrio na “forma” e consequente decréscimo de produção.¹⁶⁰

¹⁵⁹ SAITO, Takashiro. Como vencer... Esta exposição se alonga da página 107 à página 126.

¹⁶⁰ MIRANDA, Conceição N. de; MASCARENHAS, Brenno Cruz. O Sapato de Pregos e seu emprego nas provas de Pista. *Revista de Educação Física*, n.51, fevereiro de 1942, p.37.

A necessidade de ordenar os treinos em períodos de acordo com a ocorrência da competição, necessidade essa “empiricamente” apontada por Saito em 1935, teria seu atestado científico mais de trinta anos depois:

Recentes descobertas relatadas por S’Jongers e Willeput (1968) mostram que a divisão em etapas é a mais ajustada relação ao fenômeno fisiológico do treinamento. Uma característica importante da condição física é que ela é sobremaneira instável: qualquer insuficiência ou excesso de atividade produz sua deterioração. No início do treinamento, todo esforço destinado a aperfeiçoar uma determinada qualidade física repercute e desenvolve as demais. Avalia-se que essa tendência permanece por 2 a 3 meses. Mais tarde ela se inverte e quanto mais elevada é a condição inicial, mais rapidamente acontece a inversão.¹⁶¹

É também na obra de Saito que se pode localizar uma visão pioneira de alguns elementos daquilo que Mollet chamaria de Treinamento Total na década de 60, ou seja, a concorrência de vários aspectos do rendimento para se ampliar o sucesso do “concorrente” numa prova. Nesse sentido, em 1935 Saito anunciaria a contribuição do “desenvolvimento do músculo” para a quebra de um recorde:

Treinando por longo tempo, atingindo certo “record”, que mais fazer para conseguir tempo ainda melhor? Que fazer para tornar a força de um puxada ainda mais poderosa e eficaz? Atualmente, mesmo esse que nade com toda a sua força, não obterá mais que um determinado tempo. É aí que, para desenvolver o musculo que se emprega quando nada pela primeira vez, necessario se torna trazer tambem suficientemente desenvolvido o musculo oposito. A puxada é então mais segura, mais eficiente, e assim começa-se a sentir a necessidade da ginastica, que parecia, a principio, não ter a minima importancia.¹⁶²

Somente na década seguinte, será possível encontrar nas Revistas da área, orientações feitas com o detalhamento introduzido por Saito. No que se refere aos “planos de treinamento”, por exemplo, a Revista de Educação Física traz um artigo do 1º Ten. Ruy Pinto Duarte¹⁶³ apresentando um plano, estruturado em duas fases (antes da temporada

¹⁶¹ DA COSTA, Lamartine. Histórico, evolução..., p.23.

¹⁶² SAITO, Takashiro. Como vencer..., p.85.

¹⁶³ PINTO, Ruy Duarte. Salto com Vara. *Revista de Educação Física*, n.54, agosto de 1942. Embora o artigo esteja subscrito com o nome do 1º Ten Ruy Pinto, há uma nota indicando tratar-se de um texto traduzido do “Track and Field Athletics”.

e durante a temporada), para o treino do Salto com Vara. As ações do treinamento são então expostas dia-a-dia, com a descrição de exercícios, distâncias a serem percorridas, número de exercitações, etc.:

[...]

Quinta-feira

- 1) – Iniciar o treino correndo 150 metros em andadura acelerada e depois de saltar sem impulso numa distância de 3 metros.
- 2) – Fazer 3 minutos de exercícios, tais como: pendurado, balançar-se na barra e dar alguns mergulhos na paralela.
- 3) – Ir para os blocos de saídas e fazer algumas. Fazer 2 ou 3 saídas com tiros de 50 metros com toda força para desenvolver velocidade e exercitar as pernas.
- 4) – Executar 4 ou 5 saltos acentuando o estilo. Saltar 3 vezes com o sarrafo a 5 centímetros além da sua melhor performance. Esforçar-se por melhorar o estilo e o sistema nervoso.
- 5) – Terminar o treino correndo 200 metros em andadura moderada.

De forma semelhante, encontramos no mesmo ano, em outro número dessa Revista, um artigo do Capitão Lourenço Coluci Junior no qual é exposto, nas palavras do autor,

um plano de trabalho [que] tem por fim facilitar aos treinadores de futebol de maneira a manter sempre em boas condições físicas e técnicas seus quadros disputantes. Já posto em prática por diversos adeptos de tão popular esporte, tem trazido ele ótimos resultados não só pela sua simplicidade de execução como também, por haver sido o mesmo elaborado como fruto de uma cuidadosa observação.¹⁶⁴

Nessa lógica de raciocínio, o plano é dividido em vários aspectos: “Antes de começar o campeonato”; “Durante o campeonato”; “Sessão preparatória”; “Sessão de trabalho físico para os zagueiros”; “Sessão de trabalho físico para os médios de ala”; etc. Há, para cada parte do plano de treinamento, a especificação do dia da atividade (de segunda a domingo); do horário da mesma (de manhã ou à tarde); do tipo de atividade a se realizar (“treino técnico da posição ocupada pelo jogador”; massagens manuais desintoxicantes; treino de conjunto; duchas frias; descansos, etc.); da duração de cada uma delas; do uniforme a ser empregado; e do local a ser realizado o treino. De fato, como informado

¹⁶⁴ COLUCI JUNIOR, Lourenço. Futebol. *Revista de Educação Física*, n.52, 1942. p. 47 et seq.

pelo próprio autor, o plano parece ser bastante prático, tanto na sua apresentação quanto na sua aplicabilidade¹⁶⁵.

Apesar de colocar em foco o mérito do treinamento, o artigo é explícito num dado de grande relevância para o presente estudo: o plano exposto foi elaborado “como fruto de uma cuidadosa *observação*”. Mais uma vez, e como já indicado anteriormente, cabe aqui notar que a base da proposição é a empiria, a qual, embora necessária em todos os momentos da história, vai tendo sua importância gradativamente abarcada pelo discurso de uma ciência que, a partir de meados da década de 50, vai demarcar seu espaço no campo esportivo, enunciando formas “devidamente fundamentadas” de treinar, de competir e de vencer.

É nessa perspectiva que vinte anos mais tarde, uma outra abordagem já pode ser percebida no conteúdo dos planos de treinamento veiculados nas Revistas. No artigo “Planos de Treinamento de Natação” de 1964¹⁶⁶, o Capitão Schuch Pinto (então instrutor da Cadeira de Desportos Náuticos e Aquáticos da Escola de Educação Física do Exército), a partir da colaboração de vários técnicos de natação de destaque à época, faz a exposição de planos de treinamento com a definição de fases, a prescrição de séries, a determinação de distâncias, tempos e intervalos e a indicação da intensidade da atividade. Ocorre a veiculação de expressões como “período competitivo” e “período pré-competitivo”, “percentual de esforço” e “débito de oxigênio”, certamente constituintes de uma nova forma de pensar e fazer o resultado esportivo. Esse apuro de especificações não pode ser encontrado nas décadas precedentes, revelando as alterações substanciais que atingiram o discurso e a prática do treinamento no decorrer desse tempo.

¹⁶⁵ A partir de meados da década de 40, são frequentemente encontrados nas *Revistas* Planos de Treinamento para diversas modalidades. Ao que uma primeira observação indica, trata-se de um artifício de compensação bastante efetivo e interessante: na ausência de uma teoria geral do treinamento esportivo que abrigasse elaborações de programas para diferentes especialidades e em diferentes contextos, os “técnicos” e “professores” da época optaram por transcrever grandes propostas de planos, certos da contribuição que tais informações representariam para a área.

¹⁶⁶ PINTO, Schuch. Planos de treinamento de natação. *Revista de Educação Física*, n. 93, janeiro de 1964.

Não é ao acaso, pois, que, no mesmo número da Revista em que o Capitão Schuch Pinto expôs seus “planos de treinamento de natação”, a Professora Maria Lenk (apresentada na própria Revista como “Catedrática de Desportos Aquáticos da E.N.E.F.D – U.B. – Ex-recordista mundial de 200 e 400m, nado de peito) apresenta um texto intitulado “Treinamento Esportivo: pontos a serem visados” no qual traz uma contribuição bastante clara e fundamentada à compreensão dos processos de treinamento. Baseado em pesquisadores europeus, especialmente os ligados ao Comitê Olímpico Alemão, o texto elenca uma série de dados interessantes que devem ser compreendidos no processos de treinamento em busca da performance desportiva:

Nöcker define: “A forma ótima de treinamento mobiliza reservas até então inexploradas por intermédio de estímulos”. Reindell completa: “A dosagem de estímulo deve ser tão forte que provoque uma modificação funcional e morfológica sensível no corpo, e o que só se efetua com intensidades crescentes. A adaptação se faz de acordo com as exigências dos estímulos, que, sendo cada vez maiores, provocam um condicionamento maior”.

Para a realização da performance, Dr. Reindell enumera cinco fatores:

- 1 – Técnica (leis da mecânica)
- 2 – Força (área do corte transversal do músculo)
- 3 – Velocidade (desenrolar do movimento pela coordenação adequada e prontidão dos nervos)
- 4 – Resistência localizada (manutenção da velocidade)
- 5 – Resistência generalizada (cardio-vascular)

Cada desporto faz uso destes 5 fatores de maneira variável, de acordo com as características do desporto e da prova e o treinamento tem que ser ajustado às necessidades de cada um.¹⁶⁷

A seguir, a autora acrescenta ainda um elemento interessante: dados para a aplicação prática desses fatores a partir de um quadro elaborado por Paul Andréas, no qual ele especifica os vários sistemas orgânicos solicitados nas diferentes formas de trabalho, com os possíveis exercícios para aperfeiçoá-los, a fim de atender aos 5 pontos enumerados por Reindell. Assim são apresentadas, de forma resumida, maneiras de se treinar os sistemas cardiovascular e muscular (responsáveis pelo condicionamento, pela força e pela resistência) e os sistemas articular e nervoso (responsáveis pela técnica

¹⁶⁷ LENK, Maria. Treinamento desportivo: pontos a serem visados. *Revista de Educação Física*, n.93, janeiro 1964.

mecânica do movimento). Cabe observar, pois, que a amplitude com que se pensa o treinamento nesse momento já reflete a divulgação das idéias de treinamento total preconizadas pelo Belga Raoul Mollet, cuja obra “*l’Entrainement Total*”, de 1961, é um dos primeiros escritos específicos de treinamento desportivo assentados em bases “genuinamente” científicas, fornecidas sobretudo pelos conhecimentos advindos dos estudos médicos de fisiologia das escolas européias.

Além dos preceitos do Treinamento Total preconizados por Mollet, os estudos acerca do treinamento intervalado da dupla Gerschler-Reidell ganhavam considerável espaço na prática da preparação esportiva da década de 60. No segundo semestre de 1964, o Capitão Schuch Pinto, que anteriormente tinha apresentado uma série de planos de treinamento para a natação, publica na Revista de Educação Física um artigo intitulado “O treinamento fracionado (IT) aplicado à Natação”. Na introdução do artigo, o autor já deixa clara a importância do treinamento para os resultados obtidos no desporto:

Nos últimos tempos, as performances das corridas de natação – bem como as de atletismo e outras atividades desportivas – têm apresentado grandes melhoras, consequência da técnica dos estilos e, principalmente, da verdadeira revolução que sofreram os métodos e processos de treinamento como o aparecimento do TREINAMENTO FRACIONADO, mais conhecido por “INTERVAL TRAINING”¹⁶⁸.

O próprio texto também faz menção à fundamentação científica do método, embora o autor faça a opção de não explicitá-la considerando a possibilidade de se tornar redundante: “Por serem já bastante difundidos, deixaremos aqui de citar maiores detalhes sobre a ORIGEM e sobre as BASES FISIOLÓGICAS e outros argumentos científicos deste já *consagrado* sistema de treinamento.”

O texto, bastante extenso e pormenorizado, traz um conjunto de dados para que o treinamento fracionado possa ser adequadamente aplicado no âmbito da natação. Entretanto, o autor faz uma advertência:

¹⁶⁸ PINTO, Gilson Schuch. O treinamento fracionado (IT) aplicado a natação. *Revista de Educação Física*, n. 94, 1964. Grifos do autor.

Tendo sido criado pela dupla Gerschler-Reidell para o treinamento de atletismo (corredores, principalmente), o Treinamento Fracionado passou a ser adotado também para nadadores, porém de forma um tanto empírica, ao invés de cientificamente controlado como preconizam seus criadores. Esse empirismo ainda é comum atualmente, em particular no Brasil, mercê de certos obstáculos que se apresentam à aplicação do “Interval Training” puro, tais como a *escassez de técnicos* e de médicos especializados em condições de dirigirem o treinamento.¹⁶⁹

Essa preocupação com o “controle científico” é algo então recente no cenário desportivo. Em outros termos, embora a preocupação com o bom rendimento exista, as bases da preparação para alcançá-lo estão alocadas, sobretudo, no âmbito da experiência, para a qual o controle se dá de modo direto pela simples observação do resultado. A emergência do argumento científico acarreta, pois, novas necessidades de precisão, parâmetro e controle, necessidades essas que, entre outros aspectos, caracterizam a constituição da “moderna teoria do treinamento desportivo”.

Aliás, cabe aqui pontuar que no livro destinado justamente a apresentar esta “moderna ciência”, publicado em 1968, Lamartine da Costa relata o surgimento de vários processos de treinamento fundamentados em “recentes” descobertas científicas. Citando as conclusões do Congresso Mundial de Treinadores de Atletismo, realizado em Duisburg em março de 1964, o texto afirma que “o problema atual já não é colocado na aplicação de um determinado método, mas preferencialmente na *dosagem adequada* ou na *mistura correta* [...]”. De qualquer forma, estamos diante de uma moderna Ciência do Treinamento Desportivo, submetida a uma evolução acelerada¹⁷⁰.

Diante dessa profusão de fundamentos, métodos e planos de treinamento, parece inegável a consolidação de um novo *status* dos conhecimentos e práticas acerca dos modos de produzir o resultado esportivo. Se outrora eram fruto de observações de técnicos esportivos eminentes, agora correspondem a conclusões de pesquisas rigorosas levadas a cabo por pesquisadores de renomados institutos. Essa passagem do “atestado da experiência” para o “argumento da ciência” é uma chave fundamental para se compreender a constituição do campo do treinamento desportivo no Brasil.

¹⁶⁹ PINTO, Gilson Schuch. O treinamento fracionado...

¹⁷⁰ DA COSTA, Lamartine Pereira da. Histórico, evolução e fundamentos..., p.13.

Capítulo 4

NOVA SINTAXE: MODOS DE VENCER

Quando, em 1916, Fernando de Azevedo coloca a biomecânica como a base científica em que se assenta a educação física, ele explicita, de maneira bastante direta, a preocupação que havia no sentido de se buscar, a partir dos preceitos emanados desde o século XVIII, uma fundamentação científica que permitisse propor *modos de fazer corporal* os quais constituíssem, desde a argumentação de suas proposições até a eficácia de seus resultados, um *método* para formação física do povo.

Tal fundamentação percorre vastamente as obras dedicadas a discutir a ginástica¹⁷¹ e repercute, às vezes de forma incisiva, às vezes de forma superficial, nas produções que pretendem discorrer acerca das outras práticas ligadas à Educação Física, dentre as quais, o esporte.

Na década de 1920, embora, como já dito, a preocupação com a “cientificidade” da Educação Física esteja posta, não será possível identificar, nas obras do período, uma remissão explícita à relação entre ciência e esporte¹⁷². Dito de outra forma, ao contrário do que ocorre com a ginástica, não será possível no campo esportivo localizar uma preocupação declarada com a fundamentação científica. Não obstante, em vários momentos da obra de Fernando de Azevedo – destacadamente em “Da Educação Física” e em “Antinoüs”, são nítidas as análises científicas cujas contribuições ecoarão muitos anos depois nas atividades esportivas. Nesse sentido, são fartos os exemplos, nessas obras, de “passagens” em que os saberes das biológicas¹⁷³, cientificamente alocados, constituem argumento de verdade e justificação para dadas práticas:

¹⁷¹ Cf. SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física: raízes...

¹⁷² Esse aspecto é facilmente compreendido se atentarmos para o fato de que no início do século XX, o esporte ainda é uma prática difusa e pouco específica; para a ciência, um objeto de fronteiras borradas, de características confusas e, dadas suas projeções sociais ainda tímidas, merecedor de pouca atenção.

¹⁷³ Escolhi a expressão “biológicas” para me referir a um conjunto de saberes – posteriormente, um elenco de disciplinas – que ordenam, ao seu tempo, o conhecimento acerca do *organismo* humano, *explicando* sua constituição, seu funcionamento e os processos ligados a sua saúde e às doenças que o acometem. Destacadamente, poderíamos citar a anatomia, a fisiologia e a bioquímica, bem com seus ramos decorrentes.

A primeira condição, para poder fixar oxigênio a mais em nossos tecidos, não é, como se pensa, *aumentar a ventilação pulmonar, mas criar antes de tudo a necessidade de oxigenação em nossos tecidos* (Heckel). É preciso que haja primeiramente, nos tecidos, destruição contínua de oxigênio e transformação em ácido carbônico para que o pulmão tenha de realizar obra útil de substituição; é preciso, portanto, que haja antes *apêlo* de oxigênio pelo exercício¹⁷⁴.

Um músculo que trabalha consome oxigênio na proporção da intensidade dêste trabalho. A energia imediata para a contração éle a extrai dos compostos fosforados no ciclo enérgético anaeróbico [...]. Mas o prosseguimento do trabalho exige consumo de substrato, principalmente de glicogênio, através de reações de oxidação. Por isso crescem as necessidades de oxigênio do organismo que se exercita.¹⁷⁵

Entre essas duas narrativas da dinâmica respiratória, cerca de 50 anos se colocam. A segunda, de Maurício Rocha, consta do livro “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Esportivo”, de 1968, e encontra-se rodeada de explicações fisiológicas e bioquímicas, com nomes de compostos, reações químicas, gráficos e valores. Tão próxima e ao mesmo tempo tão distante do “apêlo de oxigênio pelo exercício” de Fernando de Azevedo. É porque, nesse segundo exemplo, a despeito do conteúdo da informação ser muito semelhante, a preocupação não assenta mais nas “crianças”, nos “meninos” ou nos “adultos”; essa preocupação não assenta mais na saúde ou na educação do *sportman*, mas naquilo que o *atleta* é capaz de produzir: trata-se de um novo lugar de onde se olhar o esporte: um modo *moderno* e *científico* de alcançar o resultado esportivo.

Nessa empreitada, nos anos 30, a experiência aparece como grande discurso fundante das ações no campo do treinamento. Não sem razão, os procedimentos que acarretam eficácia tendem a ser divulgados e reproduzidos, tornando-se, em certa medida, sistematizações empíricas de formas de se conduzir a preparação do atleta. Em artigos que tratam diretamente de treinamento veiculados nessa década, é possível identificar, sem delongas, tal aspecto, seja pelo conteúdo apresentado, seja pela estrutura argumentativa utilizada.

¹⁷⁴ AZEVEDO, Fernando de. Antinoüs..., p.272

¹⁷⁵ ROCHA, Maurício Leal. O músculo e a contração muscular..., p.196.

No livro de Takashiro Saito, por exemplo, considerado um marco da sistematização do treinamento esportivo no Brasil, a palavra “ciência” sequer é mencionada: o autor apresenta, de forma minuciosa, organizada e racional, os componentes importantes para se alcançar o sucesso esportivo, com a clara intenção de mostrar que “não será difícil aos nadadores brasileiros atingir o primeiro plano no mundo, se praticarem com metodo o verdadeiro treino é suficiente”¹⁷⁶. Entretanto, nas 138 páginas do escrito, são a experiência e a apreciação do autor que constituem o argumento de verdade; uma suposta preocupação com o endosso científico das observações e proposições feitas não chega nem mesmo a se delinear: é como se, para o autor, tal preocupação não fizesse parte do horizonte das questões postas para o esporte de então.

Num outro exemplo, em 1936, num texto intitulado “Athletismo: princípios gerais do treinamento”, Achilles de Marzzi, professor da ACM Sul-Americana, assim aborda a questão do preparo físico:

“Os fatores que entram no melhoramento physico e que se deve levar em conta por ser de vital importancia são quatro, a saber:
1º, o coração; 2º, o pulmão; 3º, os musculos; 4º, todo o systema nervoso.
Destes, o ultimo é talvez o mais importante porque afinal de contas é o poder da mente, pois, por mais que os musculos estejam em boas condições, nunca terá exito um athleta que falhe na coordenação da mente com os musculos.”¹⁷⁷

Após esse enunciado, De Marzzi ainda expõe um conjunto de elementos que interferem no processo de treinamento, como alimentação, banho e uso de drogas¹⁷⁸, dentre os que se seguem:

“Baile: a julgar sob o ponto de vista do exercicio, não há objeções contra o baile. As objeções a se fazer são mais baseadas sobre o local, devido á atmospheria dos locaes modernos, as altas horas que estão envolvidas num baile e a excitação que pode acompanhar tal

¹⁷⁶ SAITO, Takashiro. *Como vencer...*, p. 7.

¹⁷⁷ DeMARZZI, Aquilles. Athletismo: princípios geraes de treinamento. *Revista Educação Physica*, n. 7, 1936.

¹⁷⁸ O autor adverte que “um homem em bom estado de saúde não necessita de drogas, pelo contrário, deve abster-se dellas. Os hyppophosphatos tomados com moderação são bons estimulantes, especialmente tomados em doses regradas. Tomando-os como tonios dão bons resultados.” Cf. DeMARZZI, Aquilles. Athletismo: princípios geraes de treinamento. *Revista Educação Physica*, n. 7, 1936.

função. O treinador deve ser um tanto indulgente concedendo algum tempo para esta actividade, com antecipação ao dia da prova.”

“Somno: O athleta deve deitar-se cedo, pois as horas antes da meia-noite são as melhores”.

“Cigarro: O athleta não deveria fumar. No entanto, se o habito é inveterado, pode surgir dahi um problema por parte do treinador. Isto arruina o terreno psicologico devido ao estado nervoso da mente, resultante do abandono temporario do habito que pode contrabalançar com os bons efeitos da abstinencia.”¹⁷⁹

Na mesma linha de pensamento, está um artigo de 1937, denominado “Preparação Physica do Athleta: conselhos de um grande treinador norte-americano”. Nele, o autor (não nomeado na revista) tece uma série de considerações relacionadas a “todos os pormenores do treinamento e á technica da competição”. “Essa technica envolve tanto a parte especifica em si, como as regras geraes da dieta, o exercicio e o somno”. Nesse sentido, o texto aborda aspectos diversos, com a questão da vestimenta em dias frios (“Nos dias de competição, um athleta deve tomar em consideração a temperatura do seu corpo e estar munido de roupas que o protejam contra as mudanças de temperatura. O moderno traje de lã [...] é quase uma necessidade para tal objetivo”); a questão do somno (“É o somno o maior gerador de energias, isto é, o somno uniforme e regular, preferivelmente de uma duração de nove horas diarias”); a questão da alimentação (“As refeições do athleta moderno devem constar de alimentos que lhe agradem, devendo nos periodos de treino não sómente evitar as gorduras, os alimentos assados e as massas pesadas, assim como, quando se aproxima o periodo da competição, deve ser muito cuidadoso com a sua dieta...”); e a questão dos accidentes (“O accidente mais commum no athletismo de pista, e que deve ser considerado seriamente, é o da tensão dos tendões. É geralmente, occasionado pelos super treinamentos..”)¹⁸⁰.

Dois anos antes, o já mencionado livro de Takashiro Saito também evidenciara questões semelhantes. Ao discutir os “pontos em que deve haver cuidados especiais” na “vida diária dos concorrentes aquáticos”, Saito enumerou vários aspectos, dentre os quais:

I – Tornar regular a vida quotidiana. Deitar, levantar, tomar refeições, treinar, etc., em horas determinadas.

¹⁷⁹ DeMARZZI, Aquilles. Athletismo: princípios geraes de treinamento...

¹⁸⁰ PREPARAÇÃO physica do athleta. *Revista Educação Physica*, n.10, 1937.

[...]

V – Tomar precauções contra o cansaço demasiado. – Durante o exercício sente-se cansaço por causa do desenvolvimento demasiado do ácido láctico nos músculos. Daí a necessidade que sentem os desportistas de ingerir alimentos doces após os treinos para compensar a energia despendida. Para combater o excessivo desenvolvimento do ácido láctico e suas consequências (o cansaço demasiado, molestias do coração, o beri-beri, etc.) deve-se tomar a vitamina B, remédio que ultimamente tem sido muito empregado entre os desportistas.

[...]

VII – Não fumar nem ingerir bebidas alcoólicas. O melhor será abolir totalmente o fumo e o álcool, mas, não se conseguindo isso, pelo menos a partir de uns dois meses antes das competições devemos nos abster deles completamente.

VIII – Adquire-se a certeza de vencer numa competição, pelo treino suficiente e pela confiança em si mesmo.¹⁸¹

Tratando dos “treinos de época de acabamento”, Saito aponta também alguns aspectos que devem ser observados pelo técnico e seguidos pelos atletas. O destaque desse trecho, no entanto, está no seu objetivo: o autor põe em mira especificamente a disputa esportiva, e recomenda “repouso completo no dia anterior à competição”, informando que “treinadores há que dizem necessária a prática neste dia de treinos fortes, porém o melhor é descansar”. Nessa perspectiva, Saito lembra os seguintes cuidados:

a) Em geral, são atacados do nervoso, não podendo dormir, os concorrentes, na noite anterior à competição. Devem procurar dormir bem, em quarto silencioso, tomando, até si preciso, um calmante.

[...]

d) Não se devem inquietar com a poluição na noite anterior à competição, e repetindo-se ela sempre, é praticar o treino indolente no dia seguinte, com indiferença. Para impedi-la, chupe-se limão.

[...]

g) Antes da competição, não deixar de ir à privada.¹⁸²

Em vários momentos dos textos observados, fica claro o argumento utilizado para formulação das orientações dadas: a observação dos modos de fazer esportivo e a opinião do treinador. Adensando essa perspectiva, Francis Savanauch, num artigo de 1937, ao fazer uma exposição breve de procedimentos a serem empregados para um

¹⁸¹ Saito, Takashiro. *Como vencer...*, p. 21-3

¹⁸² Saito, Takashiro. *Como vencer...*, p.120

período completo de treinamento para o futebol, elenca vários exercícios a serem aplicados, dos quais, o quarto deles consiste nos exercícios abdominais:

4. Em seguida aos exercicios de flexão do tronco, entramos na parte mais essencial do treino para desenvolvimento do vigor e resitencia, notadamente com os nossos exercicios abdominaes. Ensina a experiencia que o jogador de futebol deve possuir musculos abdominaes bons, firmes e elasticos se quiser enfrentar um jogo arduo de noventa minutos.”¹⁸³

Também de forma explícita, o texto de Fred Brown (então diretor técnico da Liga Carioca de Esportes), chamado “Treinamento”, põe em relevo a importância da experiência na constituição de um método de treinamento. Inicialmente, o autor discorre sobre a existência de “certos factores fundamentaes, tanto dos dominios de physiologia com da psychologia, [que] uma vez racionalmente interpretados, conduzirão certamente aos resultados mais brilhantes possíveis”¹⁸⁴. A seguir, expõe argumentos sobre a importância de alguns desses fatores, como o “Enthusiasmo”¹⁸⁵ e a “Dosagem”. No âmbito dessa última, indica o autor: “A distribuição dos treinos e o tempo que deve durar cada um é baseado num princípio já aprovado pela experiência. Assim é que o indivíduo aprende mais facilmente, se os treinos forem de maior número de vezes e se estes occuparem relativamente pouco tempo”.

É interessante observar aqui que, a despeito da atitude do autor de conferir a “certos factores fundamentaes, tanto dos dominios de physiologia como da psychologia” uma posição de grande importância por conduzir “certamente aos resultados mais brilhantes possíveis”, no momento de se referir aos modos de treinar, é a um “princípio já aprovado pela experiência” que ele recorre. Essa aparente “contradição” parece ser reveladora das possibilidades de diálogo então estabelecidas entre os *dominios scientificos* e as práticas ligadas à preparação de atletas, evidenciando que, se por um lado há certa

¹⁸³ SAVANAUCH, Francis. J. Treinando para o futebol. *Revista Educação Physica*, n. 13, 1937.

¹⁸⁴ BROWN, Fred. Treinamento. *Revista Educação Physica*, n. 6, 1936.

¹⁸⁵ Afirma o autor: “Não se pode duvidar em hypothese alguma, que o enthusiasmo exerce decisiva influencia sobre o individuo que pratica um determinado sport [...]. Não é por outra razão psychologica, pois, o encarregado tem a obrigação indeclinavel de pugnar com toda perserverança, mediante emprego de todos recursos ao seu alcance, no sentido de crear o maximo de enthusiasmo aos que iniciam na prática de exercicios especializados para o jogo ou prova em apreço. [...] Não se conclue d’hai, entretanto, que se deve ultrapassar o limite das possibilidades pessoaes, porque a natural fadiga resultante do excesso, será o mais serio inimigo de um programma util.”

disponibilidade de saberes¹⁸⁶ e o reconhecimento de sua importância, por outro, complexa será a sua transposição para o campo do fazer esportivo¹⁸⁷.

O reconhecimento da experiência como argumento para a aceitação de uma dada prática de treinamento é um dado revelador do *status* esportivo da época. À medida que esse *status* se altera, outros discursos fundadores começam a eclodir, e a palavra “ciência”, até então empregada para se tratar da Educação, da “Educação Physica” e dos exercícios corporais, começará a acompanhar, a fundar e definir os contornos dessa nova prática social, desse novo esporte. Nas fontes, será possível encontrar essa demanda inclusive de forma explícita, declarada. Num texto de 1944, por exemplo, o Médico Leite de Castro assim assevera: “Já foi o tempo do empirismo, em que os homens responsáveis pelos esportes viviam às cegas, na ignorância triste de seus destinos. Acabou-se a era das improvisações. Terminou o fastígio dos incapazes, levados às culminâncias da projeção por fatores adversos e inexplicáveis”¹⁸⁸. Além de criticar o “empirismo”, o autor ainda aponta a necessidade de se constituir outra abordagem para os assuntos esportivos: “Hoje em dia, o problema do esporte obedece aos ditames do estudo, da observação e da análise. Há um plano de ação estabelecido sob moldes doutrinários e específicos. Estuda-se a matéria, planejam-se as questões técnicas, resolvem-se os temas esportivos sob fundamentos pedagógicos e científicos”¹⁸⁹. Vinte anos depois, Mário Muniz Pereira, professor de atletismo do I.N.E. de Portugal, insistiria na mesma questão, afirmando que “a organização eficiente do trabalho e a exploração dos conhecimentos e recursos científicos constituem, sem

¹⁸⁶ Maurício Rocha relata, por exemplo, um importante estudo feito em 1936 em que Petren e seus seguidores, “fazendo correr cobaias em gaiolas circulares até o esgotamento, mostrou, em estudos histológicos feitos no músculo gastrocnêmio e no miocárdio, um considerável aumento da capilarização (40 a 50%). Outro estudo, de 1934, foi realizado por Vannotti e seus colaboradores, que “confirmaram que a capilarização crescia nos músculos treinados, com verificações histológicas em homens treinados cujos membros tiveram de ser amputados. Cf. ROCHA, Maurício Leal. O músculo e a contração muscular..., p.66.

¹⁸⁷ Anne Roger publicou um belíssimo estudo no Brasil em que discute o distanciamento presente entre as elaborações científicas acerca do esporte e a apropriação dessas elaborações pelos técnicos de atletismo na França no período de 1945 a 1970. A autora aponta uma série de aspectos que provocaram essa situação, evidenciando ser possível a co-existência, no mesmo espaço e tempo, de uma produção científica volumosa e de uma prática de treinamento que a renega, a recusa ou a ignora. Cf. ROGER, Anne. El entrenamiento en atletismo en Francia (1945-1970): entre arte, ciencia y tecnica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.26, n.1, p.153-169, 2004.

¹⁸⁸ CASTRO, Leite de. O médico – o técnico – o dirigente. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.10, 1944

¹⁸⁹ CASTRO, Leite de. O médico – o técnico – o dirigente...

dúvida, a pedra angular do êxito desportivo”¹⁹⁰. E colocando em foco a excelência, o autor arremataria: “não é mais possível formar atletas de escol, recordistas ou integrantes de equipes categorizadas, sem a utilização, cada vez maior, dos conhecimentos e recursos científicos”¹⁹¹.

Essa entrada tão aclamada da *ciência* no campo esportivo, com suas bases fortemente arraigadas nos conhecimentos das biológicas, também poderá ser claramente identificada nas páginas das Revistas, as quais vão gradualmente incorporando as idéias sobretudo ligadas à fisiologia no endosso da proposição de modos de treinar.

Em 1936, por exemplo, ocorre a publicação de um artigo intitulado “Treinamento em vista de certos princípios physiologicos” no qual é feita uma longa e esclarecida exposição sobre os efeitos do treinamento para o indivíduo, já buscando evidenciar suas bases fisiológicas. A mera remissão ao campo da *physiologia* no título do artigo já revela novas preocupações, pouco aparentes até então e, neste caso, vinculadas à necessidade de compreender (e, talvez, ao interesse de explicar) a “resposta” do organismo diante da demanda imposta pelo exercício. No artigo em questão, o treinamento é entendido como “uma gradual melhoria e final perfeição da habilidade de alguém executar um acto mediante repetidas execuções do mesmo. Qualquer que seja a especie de actividade, seu treinamento depende de sua frequente repetição ou em outras palavras, da comumente chamada – pratica”¹⁹². O texto esclarece ainda que “o treinamento exerce influencia principalmente sobre as partes do corpo directamente empregadas no acto a executar e torna-se, portanto, mais ou menos especializado para aquela determinada prova ou jogada”¹⁹³. Além disso, o texto faz também uma observação importante sobre o comportamento muscular após o treinamento:

¹⁹⁰ PEREIRA, Mário Muniz. A educação desportiva. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964.

¹⁹¹ PEREIRA, Mário Muniz. A educação desportiva...

¹⁹² BROWN, Fred. Treinamento em vista de certos princípios physiologicos. *Revista Educação Physica*, n.6, 1936. p.88.

¹⁹³ Ambas as preocupações expostas aqui estão ligadas ao campo de estudos da Aprendizagem Motora, uma especialidade ainda não formalmente instituída à época. Sua base teórica, ligada à psicologia e às neuro-ciências, está inegavelmente formulada no seio das biológicas, e sua contribuição para o desempenho esportivo, detidamente no que diz respeito à aprendizagem e ao aperfeiçoamento do gesto motor, será evidenciada fortemente a partir da década de 70.

os musculos do corpo augmentam em tamanho e vigor imediatamente depois de repetidos treinamentos, forçando-os a entrar em acção um maior numero de vezes. O aumento em vigor é relativamente maior do que o verificado em tamanho. [...] A robustez adquirida pelo treinamento, entretanto, não pode ser avaliada puramente pela hypertrophia dos musculos, mas tambem pela melhor coordenação neuro-muscular, decorrente desse treinamento.¹⁹⁴

Na sua conclusão, o texto traz ainda uma enumeração interessante dos resultados que o treinamento produz:

- a) Melhora o controle muscular e nervoso, de modo que, a coordenação do espirito com o corpo attinge o maximo.
- b) Augmenta a reserva de energia (folego).
- c) Augmenta a eficiencia e o grão de ajustamento dos sistemas – respiratorio e circulatorio.
- d) Augmenta a faculdade de temporariamente armazenar e facilmente elimina a grande quantidade de acido lactico formado.¹⁹⁵

É importante observar aqui que, embora a exposição feita sobre o treinamento não se dirija explicitamente ao campo esportivo, ela pretende ser também aplicada a ele, uma vez que remete ao “acto a executar [...] mais ou menos especializado para aquela determinada *prova* ou *jogada*”¹⁹⁶. Igualmente é interessante notar que, a despeito da intenção do texto de expor “o treinamento em vistas de certos princípios physiológicos”, a explanação feita é bastante distinta da que será possível encontrar 30 anos mais tarde, quando então os dados serão apresentados em termos de “biofísica da contração muscular”, “regulação cardiovascular e respiratória durante o exercício” e “consumo máximo de oxigênio”, num linguajar mais técnico e especializado.

Maurício Leal Rocha, por exemplo, no livro de 1968, já expõe suas conclusões nesses termos:

As repercussões dinâmicas sôbre a fôrça e a velocidade resultam no aumento da potência muscular necessária à melhor “performance” em várias atividades desportivas. Contrariando a crença popular, podemos hoje afirmar, *à luz dos trabalhos de Leighton (1964)*, que o trabalho com resistência (pesos) aumenta a flexibilidade corporal.¹⁹⁷

¹⁹⁴ TREINAMENTO em vista..., p.88.

¹⁹⁵ TREINAMENTO em vista..., p.90.

¹⁹⁶ TREINAMENTO em vista..., p.88. Grifo meu.

¹⁹⁷ ROCHA, Maurício Leal. O músculo e a contração muscular..., p.68. Grifo meu.

Entre esses dois momentos, o de uma *physiologia* do exercício corporal respaldada pela experiência e o de um fisiologia do esporte cientificamente embasada, vários escritos atestam a gradativa entrada do discurso (bio)científico no campo esportivo.

Mas antes de resgatá-los, convém esclarecer: informações de ordem biológica, precisas e pormenorizadas, sobretudo aquelas ligadas à fisiologia, circulavam nas Revistas desde seus primeiros números. Será, portanto, possível encontrar artigos, em sua totalidade escritos por médicos, os quais expõem discussões profundas, bastante fundamentadas sobre algumas minúcias do exercício físico. Por vezes, revelarão valores precisos e detalhados processos.

O texto do Dr. Luiz da Silva Tavares, publicado em 1934, é um bom exemplo nesse sentido. Nele é apresentado o desenvolvimento da Prova de Bürger, bem como “seu valor e suas aplicações em Educação Física”. No escopo das suas conclusões, o texto informa os resultados observados e os seus significados para o exercício:

Ora, si se fizer, durante tais esforços [o texto exemplica: “levantamento de um grande peso”], uma radioscopia do coração, ver-se-á quanto esta víscera diminue de volume. Bürger, que praticou inúmeras pesquisas roentgenológicas nos exercícios de fôrça, admite que, para um aumento da pressão intra-torácica de 50 m.m.de Hg. durante 5 segundos, há uma diminuição média da sombra cardíaca de 13% do volume em repouso (teleradiografia). Esta diminuição varia, entretanto, com a duração e a intensidade do esforço e bem assim com o biotipo, pois corações globulosos, de forte musculatura, reduzem-se menos que os corações em gota, hipoplásticos.¹⁹⁸

Em 1939, outro médico revelaria com precisão milimétrica detalhes das trocas gasosas operadas no tecido muscular, processo este de significativa importância para a prescrição e o controle do exercício físico e, portanto, do treinamento:

Segundo Lefebre, os músculos representam 43,4% do pêso do corpo, o que corresponde a 28,2 quilos no homem médio de 65 quilos. O músculo é o tecido mais ávido por oxigênio. Em uma hora, 1 quilo de músculo é atravessado por 12 libras de sangue, fixa 0,L 307 de O₂ e liberta 0,L 221 de CO₂. Em atividade, sobretudo na corrida, que

¹⁹⁸ TAVARES, Luiz da Silva. A prova de Bürger – Seu valor e suas aplicações em Educação Física. *Revista de Educação Física*, n.18, 1934.

mobiliza a totalidade quasi do sistema muscular, os músculos são atravessados por corrente mais rápida de sangue, o consumo de O₂ e açúcar é aumentado, assim como cresce a produção de escórias, da contração; ocorrem a taquicardia e a taquipnéia necessárias; cada quilo de músculo passa a receber por hora 56L 361 de sangue, fixa 6,L 207 de O₂ e desprende 5,L 835 de CO₂.¹⁹⁹

Emaranhado de processos e cifras preenchido de notas conceituais, tais descrições aparentam uma espécie de exposição de dados de laboratório, cujos esquadrinhamentos mostrarão números e relações nem sempre simples de compreender. Mais que isso, mostrarão aquilo que a superfície do corpo revela sem alardes: pistas que só serão compreendidas por quem as souber interpretar. Ocorrência banal mas não desprezível, dará a ver um distanciamento que marcará a história de uma área: ante o corpo perscrutado pelo médico, ante os segredos que só a ele serão revelados, aqueles que lidam com o esporte não terão outra alternativa a não ser ouvir, apreender e obedecer. As próprias fontes assim o dizem: encontra-se “a Educação Física estritamente ligada aos problemas da Medicina, tal a subordinação de suas raízes aos assuntos da biologia aplicada”²⁰⁰. Daí a presença marcante dos médicos nas elaborações acerca do treinamento no período, destacadamente nas produções realizadas acerca das bases biológicas dos modos de treinar. Mais que isso, daí o endosso dessa presença no discurso que quer convencer: professores, treinadores e, é claro, médicos alternam-se nas falas para replicar uma só certeza. O exercício precisará da medicina.

Antes mesmo da década de 20, já será possível encontrar exemplos nesse sentido. Fernando de Azevedo em 1919 escrevera:

A medicina, como observa Rosenthal, não deve querer monopolizar o esporte. Mas a *seleção médica antes do esporte, a vigilância médica durante o esporte e o registro médico depois do esporte* é uma fórmula indispensável; tem em seu abono a verdade e a razão; todo o método esportivo, que não se conformasse com ela, iria, *por mais notável que fôsse*, de desastre em desastre até desaparecer: todo médico, que quisesse transgredi-la, para pôr os esportes sob o jugo médico, iria ao

¹⁹⁹ RIBEIRO, Luis Gomes Nogueira. O tipo muscular em face da educação física. *Revista de Educação Física*, n. 45, 1939.

²⁰⁰ CASTRO, Leite de. Sífilis e esporte. *Revista Brasileira de Educação Física*, Ano III, n.32, 1946. p.4.

extremo de pôr em perigo o indispensável registro do esporte pela fisiologia e pela medicina.²⁰¹

Em 1937, o Dr. Isidoro Ricardo Steinberg, da Revista Argentina “Viva Cien Años, tem seu texto publicado na Revista Educação Physica, cujo título não deixa dúvidas quanto ao seu propósito. Em “Nem todos são iguaes em face dos esportes²⁰²”, o Dr. Isodoro defende que “cada pessoa deve escolher o typo de gymnastica adequado ao seu physico. Mais do que ás predileções, deve-se dar preferencia ao rendimento individual”. Nesse sentido, advoga o autor que

é indispensável, para que a gymnastica produza todo o resultado de que é capaz de dar, seja determinada previamente a orientação della, depois de inspecção das condições de equilibrio organico e da aptidão physica, effectuado por um medico especialista nesse ramo da medicina (medicina esportiva), único autorizado a assumir a responsabilidade inherente á tarefa de evitar os riscos das más praticas de gymnastica.

Nessa linha de raciocínio, ao fim do texto, o Dr. Isidoro conclui: “a gymnastica ou o esporte deixam de ser fontes de saude para ser precisamente o contrario, se não fossem praticados dentro de certas normas de treinos adequados ás diferentes constituições physicas”.

Quase dez anos depois, outro médico, o Dr. Leite de Castro, também veiculará sua defesa em torno da imprescindibilidade da medicina para o sucesso das ações na Educação Física e nos Esportes. Segundo o autor, “ao desportista praticante, cabe uma tarefa bem pesada na execução objetiva de suas atividades. Para ele, um exame médico atento se impõe, não devendo a argúcia do médico ficar adstrita aos limites cerrados a biotipologia e nem se emaranhar na encruzilhada complicada de excesso de mensurações ou de índices confusos e inúteis.” Ao contrário, ao médico caberia o papel preponderante de “[traçar] para o professor, técnico ou instrutor, o panorama exato do rendimento dos exercícios físicos em geral e dos desportos, em particular”. E tal é a severidade dessa perspectiva que o autor não vacila em asserir: “A Educação Física e os desportos, só poderão alcançar os frutos verdadeiros de sua aplicação, quando,

²⁰¹ AZEVEDO, Fernando de. Antinoüs..., p.278

²⁰² STEINBERG, Isidoro Ricardo. Nem todos são iguaes em face dos esportes. *Revista Educação Physica*, n.13, 1937.

numa sincronização harmônica, marcharem, lado a lado, o professor, o técnico e o médico.²⁰³”

De forma semelhante, detidamente tratando da disputa esportiva, José Rizzo Pinto, afirmaria vinte anos depois no livro sobre a “moderna ciência do treinamento desportivo”: “para que se possa estabelecer um perfeito contrôlo de treinamento, faz-se necessário que, desde o início do trabalho, haja uma orientação médica correta. Médico e técnico são obrigados a caminhar juntos²⁰⁴”.

Atores fundamentais desta história, médicos e técnicos protagonizarão as transformações do discurso no cerne das práticas e elaborações ligadas aos modos de produzir o resultado esportivo; testemunharão a lenta inflexão das maneiras de exercitar-se frente às demandas do esporte, frente à necessidade de produzir resultado, sua sede de rendimento e, desde então, de “ciência”. O título do artigo do Dr. Álvaro Ribas, de 1938, definirá bem esse processo: “A ciência ao serviço do esporte” é uma apologia a uma *sciencia esportiva* oriunda de institutos que se dedicam a estudar o esporte, colocando em destaque, dentre eles, o da Universidade de Hamburgo, coordenado pelo Prof. W.Knoll. O argumento básico é que o esporte mal orientado pode provocar severos males à saúde. Na perspectiva defendida pelo autor, para se evitar esses males e levar o esporte a dar as contribuições que dele são esperadas, deve-se necessariamente ter a contribuição de um especialista em *sciencia* esportiva.

A sciencia do esporte não só relaciona os atletas e os aconselha, no sentido de indicar-lhes qual é a especialidade a que deve cada um dedicar-se, como também os conserva sob sua direcção durante todo o tempo em que se acham dedicados ao esporte. Desse modo, não há treinamentos incompletos e unilateraes; nem regimes equivocados; nem praticas erroneas ou prejudiciaes, de modo que possa observar-se por si mesmo e a si mesmo, escolhendo o melhor e evitando nocivo.²⁰⁵

Para além da proposição desse novo campo do saber (“sciencia do esporte”), o texto traz uma densa gama de informações sobre testes realizados em atletas visando

²⁰³ CASTRO, Leite de. Sífilis e esporte..., p.4.

²⁰⁴ PINTO, José Rizzo. O contrôlo do treinamento...

²⁰⁵ RIVAS, Álvaro. A *sciencia* ao serviço do esporte. *Revista Educação Physica*, n.19, 1938. Grifo meu.

diagnosticar-lhes o estado geral de saúde. É a partir desses resultados que se constrói o postulado do artigo. E para fortalecer sua proposta, o Dr. Rivas expõe, ainda, os conhecimentos que concorrem para a eminência da área:

Essa sciencia conta com todos os recursos que as sciencias modernas podem ministrar: a Anatomia e a Physiologia emprestam-lhe suas armas; o cinematographo permite descobrir os segredos do movimento muscular, que antes o olho humano apenas alcançava imperfeitamente; a sciencia da alimentação torna possivel a elaboração de regimes adequados a cada caso particular. Enfiim, maravilhas por toda parte!²⁰⁶

Por fim, um último aspecto merece ter destaque na apreensão desse texto: seu autor esclarece que para ser um especialista nesse novo campo, não há necessidade de um formação de base, pois “*mesmo sem ser medico*, todo atleta ou professor de gymnastica que estuda tem a possibilidade de chegar a especializar-se na nova sciencia esportiva”. Como médico, o Dr. Rivas poderia dizê-lo, poderia até de fato desejá-lo. Mas a história já haverá de dar seu veredicto: a “ciência esportiva” arrefece, e médicos e treinadores ficam, cada qual, onde já estavam.

Também tratando da relação entre medicina, esporte e educação física, é publicado, três anos mais tarde, um artigo do também médico Dr. H. Vecchio Maurício (então 1º Tenente Médico da Armada, da Liga Carioca de Basquetebol e da Liga de Esportes da Marinha) chamado “Aspectos médico-desportivos do basquetebol”. Nele, o autor faz a defesa da adoção do termo “Medicina da Educação Física” em detrimento da definição “Medicina do Esporte”²⁰⁷, informando quais seriam os constituintes desse campo:

a medicina de educação física estuda a fisiologia, a biometria, a psicologia e a cinesiologia do atleta, procurando investigar as influências diversas – morfológicas, dinâmico-humorais ou funcionais e psicológicas nele exercidas pelo exercício. Abordando por outra parte

²⁰⁶ RIVAS, Álvaro. A ciência ao serviço...

²⁰⁷ MAURICIO, H. VECCHIO. Aspectos médico-desportivos do basquetebol. *Revista Educação Physica*, n. 50, 1941. Segundo o autor do texto, “Medicina de educação física é nome mais adequado, porque é de significação mais geral, que medicina esportiva – pois faz compreender nesta designação os conhecimentos médicos aplicados a todas as modalidades de prática físicas em que o esporte está incluído como parte integrante.”

Há nesse trecho uma constatação a ser esmiuçada: o debate sobre a predicação da área (medicina do esporte ou medicina da educação física) tira o foco da sua substantivação (medicina). A meu ver, e aos olhos de hoje, caberia muito mais discutir o advento de uma “medicina” que operasse sobre as práticas corporais do que delongar-se nas possibilidades de sua adjetivação.

a patologia do exercício físico, ela esclarece sobre as doenças que dele podem advir ou com ele se influenciarem e cogita do seu tratamento especializado por uma terapêutica aplicada.

É fácil constatar, a partir da leitura dos trechos desses dois artigos escritos por médicos, como uma explicação pautada nas biologias vai dando corpo a um discurso científico que pretende, desde então, explicar e propor procedimentos para o campo das práticas corporais, destacadamente aquelas ligadas ao esporte de rendimento. Não é sem raízes, portanto, que, a partir do seu número 77, de março de 1944, a Revista Educação Physica começa a circular com uma sessão especial destinada a tratar, detidamente, da “Biologia Aplicada”. Já neste primeiro número, o primeiro artigo da sessão da revista é “Fenômenos Fisiológicos do Treinamento Esportivo”, de autoria do Dr. P.F. de Figueiredo Araújo, como já suposto, médico²⁰⁸. Esse texto constitui o primeiro de uma série de três artigos de revisão, destinados a informar, esclarecer e orientar procedimentos de preparação esportiva. Como afirma o autor já na introdução do escrito, “para fins de divulgação entre a grande massa de praticantes de desportos, iremos passar em revista alguns capítulos de fisiologia do trabalho físico e as principais modificações que o organismo experimenta por efeito do treinamento desportivo, para concluirmos sobre a melhor maneira de orientar a preparação desportiva para as competições”²⁰⁹.

É interessante observar também como é modificada a forma de redação do texto, que vai apresentando uma estrutura lingüística mais próxima da que vamos encontrar na década de 60 e que hoje denominaríamos “escrita científica”. Nos anos 30, será possível encontrar textos em que a linguagem empregada suscita proximidade, sem normalização rígida nem formalidades:

[Num texto sobre “Estudo dos lançamentos”]: O trabalho que se segue é o fruto de sete anos de observação e prática. Existe grande diferença entre ele e os já existentes em livros americanos e alemães. Esta diferença deve ser notada, pelo modo por que o expomos, pois não escrevemos generalizando, nem exibindo conhecimentos teóricos;

²⁰⁸ Os outros dois artigos dessa sessão também explicitam, de forma inequívoca, as novas orientações que tomariam conta do discurso da área: “O coeficiente pulmonar como contribuição à vitalidade do indivíduo” e “A educação física dos cardíacos”.

²⁰⁹ ARAÚJO, P.F. de Figueiredo. Fenômenos fisiológicos do treinamento esportivo. *Revista de Educação Physica*, n.77, 1944. p.8.

escrevemos – permita-nos a falta de modéstia – de modo didático, encarando o problema, sob um ponto de vista real e prático. Fazemos este trabalho para a mocidade atlética brasileira, para que não desperdice suas energias com milhares e milhares de lançamentos improdutivos.²¹⁰

Dez anos depois, será possível ver outros contornos. Um breve trecho é suficiente para ilustrá-lo: Discutindo uma questão sobre aporte sanguíneo e hipertrofia, o Dr. Figueiredo Araújo informa: “Tiegel, citado por Almeida Junior, diz que ‘o afluxo sanguíneo exagerado é condição indispensável para a produção de hipertrofia’²¹¹”. Não tardará muito e uma maneira ainda mais regrada de escrever aparecerá: “Em ortostatismo é notável o aumento do rendimento sistólico (Rushner – 1960). Principalmente no início do esforço, com eventual incremento em níveis próximos ao máximo (Mushoff Reindell – 1959 e Assmussen – 1964)²¹². Essa conformação de uma maneira de escrever é vetor de uma forma de se pensar ciência e de se fazer ciência, de se produzir e se consumir conhecimento científico²¹³.

Não obstante, é possível encontrar no mesmo período, outros estudos que, a despeito de pautarem-se por procedimentos realizados em laboratório, têm suas conclusões veiculadas com uma linguagem menos fria, na qual o emissor aparece como “pessoa” que revela sentimentos, expectativas e frustrações; algo distante de uma dada concepção de ciência que se deseja neutra e impessoal. No texto do médico Lauro Barroso Studart e do farmacêutico Otacílio Almeida, por exemplo, publicado na Revista de Educação Física em setembro de 1941, depois de informar sobre o resultado da “observação demorada de 81 provas de creatinina” realizadas após esforço e confrontadas com os respectivos valores dos Testes de Donagio, os autores chegam à

²¹⁰ LIRA, Antonio Pereira. Estudo dos lançamentos. *Revista de Educação Física*, n.9, 1933.

²¹¹ ARAÚJO, P.F. de Figueiredo. Fenômenos fisiológicos..., p.8.

²¹² ROCHA, Maurício Leal. Regulação cardiovascular e respiratória durante o exercício. In: Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo..., p.203.

²¹³ Um procedimento hoje tido como comum na escrita *científica* e que é possível observar no livro de 1968 (“Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo”) refere-se à listagem, ao fim de um artigo, das referências bibliográficas que foram utilizadas na sua elaboração. Nas revistas, a quase totalidade dos artigos foge a essa conduta. Entre os anos 30 e 40, apenas um artigo (uma tradução) apresentará uma listagem de referências (Cf. RORK, Rozelle; HALLEBRANDT, Frances. A capacidade de flutuação da mulher. *Revista Educação Física*, n.17, 1938.). Na década de 50, outro artigo, ainda que de maneira informal, fará o mesmo (Cf. PLANO de treinamento físico – corrida de 1000m (revezamento). *Revista de Educação Física*, n.68, 1951.) Daí em diante, apenas na década de 60 será possível encontrar artigos com semelhante procedimento.

conclusão de que “o Prof. Bubani estava com a razão, quando dizia que havia um certo paralelismo entre a intensidade do teste de Donágio e a creatinina”. Entretanto, diante do debate efusivo à época sobre a prevalência do teste da creatinina ou do teste do Donágio para verificação dos níveis de fadiga, os autores ponderam:

Os debates continuam abertos. A questão aguarda pois a solução final. Qual a melhor prova de verificação do treinamento? Será o teste de Donágio? Será a prova da creatinina?
Só as observações futuras, acrescidas das provas de metabolismo basal, poderão nos trazer uma informação mais segura a respeito. Por enquanto, contentamo-nos com as que fizemos. São insuficientes na verdade, *mas representam muito para nós que as executamos e as estudamos, uma por uma, com especial carinho, movidos pelo desejo ardente de trazer para aqui um método científico de verificação do treinamento.*²¹⁴

Aos olhos das publicações de 1968, o “carinho” dos autores seria apreendido pela psicologia do esporte, que trataria rapidamente de enquadrá-lo em alguma classificação: normalizado, não frequentaria mais as páginas de nenhum livro ou revista.

Além do artigo publicado no número 77 da Revista Educação Physica, o Dr. Figueiredo Araújo publicaria na sequência outros dois, abordando a mesma temática. No primeiro deles (“Fenômenos Fisiológicos do Treinamento Esportivo II”), o autor discute as modificações que o exercício físico provoca no sistema circulatório, afirmando que “elas manifestam-se na frequência do pulso, no volume sistólico, no tamanho do coração, na tensão arterial, na distribuição do sangue periférico, na percentagem dos elementos figurados do sangue e número global dos mesmos”²¹⁵. Como os efeitos apresentados referem-se às alterações crônicas induzidas pelo exercício sistemático, o que o autor faz, na verdade, é apresentar os resultados do treinamento sobre o sistema circulatório do indivíduo.

Já no segundo texto (o terceiro desta série), o Dr. Figueiredo de Araújo retoma uma discussão em pauta desde a década de 30: aponta “os fatores de que depende o valor de esportista”, sendo o primeiro deles a saúde. Assim, “os cuidados que o desportista

²¹⁴ STUART, Lauro Barroso; ALMEIDA Otacílio. O teste de Donágio e a creatinina na urina. *Revista de Educação Física*, n.48, setembro de 1941. Grifos meus.

²¹⁵ ARAÚJO, P.F. de Figueiredo. Fenômenos fisiológicos do treinamento esportivo II. *Revista de Educação Physica*, n.78, 1944.

precisa ter consigo mesmo, dizem respeito à manutenção da própria saúde e à observância de hábitos de vida sãos: sono e alimentação adequados, ausência de vícios, evitação de preocupações, aborrecimentos, exagêros sexuais e vida social ativa”²¹⁶. Apesar dos propósitos enunciados pelo título do artigo, o texto é superficial na sua exposição, e não enuncia os mecanismos fisiológicos dos fatores que se propõe a apresentar.

Como já tangenciado anteriormente, as contribuições da bioquímica para o sucesso no exercício também já estão presentes no contexto da época. No livro de 1920 de Fernando de Azevedo (“Da Educação Física”), será possível encontrar traços desse assunto, sobretudo nos momentos em que o autor busca compreender os processos da fadiga no exercício. Os termos são outros, mas lá está ela: a “química do organismo”²¹⁷. Nas revistas, desde o primeiro ano de circulação a palavra aparece²¹⁸. Na segunda metade da década de 30, será possível inclusive encontrar na Revista de Educação Física explicações detalhadas sobre o metabolismo de gorduras e “anidridos carbônicos”, tratados como “combustível de escolha no trabalho muscular”²¹⁹. Entretanto, apenas nos anos 40, a bioquímica dialogará com o esporte, oferecendo-lhe seus serviços. Em 1942, um artigo do médico Lauro Barroso Stuard e do farmacêutico Otacílio Almeida (ambos capitães e ex-auxiliares do Departamento Médico da E.E.F.E.) explicitaria o auxílio que os exames de laboratório poderiam prestar no campo da Educação Física. Afirmam os autores:

²¹⁶ ARAÚJO, P.F. de Figueiredo. Fenômenos fisiológicos do treinamento esportivo III. *Revista de Educação Física*, n.79-80, 1944.

²¹⁷ Citando Fauvel, Fernando de Azevedo aborda, por exemplo, a questão do “*treinamento químico*, isto é, a maior resistência que apresenta o organismo aos venenos da fadiga”. Cf. AZEVEDO, Fernando. *Da Educação Física...*, p.157.

²¹⁸ “O ensino desta matéria [Bioquímica], de caráter aplicado, deverá ser proporcionado com grande cópia das demonstrações experimentais, especialmente dos problemas ligados ao esforço físico, fazendo-se contínuas referências aos particulares efeitos dos variados exercícios físicos.” Cf. PROGRAMA Geral de Ensino de 1932. *Revista de Educação Física*, n.2, 1932.

²¹⁹ “Si, da análise do quociente respiratório de um indivíduo que trabalha, resulta que o volume de O² absorvido é igual ao de CO² eliminado, poderemos afirmar que esse indivíduo não queimou sinão glicídeos; si, ao contrário, o volume de CO² produzido não é mais que 70% do volume de O² absorvido, o indivíduo não terá queimado sinão gorduras. Como valores intermediários do quociente respiratório, teremos que o indivíduo em experiência terá queimado tanto de glicídeos e tanto de gorduras, em proporção facilmente calculável pelo valor exato do quociente respiratório.” Cf. MARGARIA, Rodolfo. O combustível de escolha no trabalho muscular. *Revista de Educação Física*, n.36, 1937.

Em resumo, quer verificando se o atleta é portador de males que diminuem as suas energias, quer prestando informações minuciosas, por intermédio das modernas reações acima citadas, sobre o grau de treinamento dos alunos, a colaboração do Laboratório, é considerada hoje, indispensável em Medicina Esportiva, trazendo uma melhor e mais forte luz na solução de problemas da Educação Física sob o ponto de vista científico.²²⁰

No mesmo número dessa *Revista*, o médico Dr. Oriot Benites de Carvalho Lima, também ex-Instrutor da E.E.F.E., apresenta um extenso texto em que discute as questões relativas ao metabolismo básico, informando acerca de aspectos como conceitos, fatores relacionados e valores médios registrados sobre esse parâmetro. Na discussão sobre a aplicação dessas informações ao campo do treinamento militar, esclarece o autor:

Para determinação do grau de treinamento, executam-se três provas: química, fotométrica e microscópica.

[...]

A prova química consiste no “Teste de Donnaggio”, que se procede na urina. É uma reação bio-química muito sensível, que reflete de um modo fiel as modificações que se passam no organismo sob a ação da fadiga, constituindo assim um teste precioso a acrescentar a outro mais, que se destinem, com ele a pesquisar as alterações do equilíbrio bio-químico humoral.

[...]

A prova fotométrica é executada no fotômetro de Pulfrich. Por este meio, determinamos a taxa de creatina da urina dos alunos, cujos resultados são comparados com os obtidos por meio do “Teste de Donnaggio”, acima referido.

Desta maneira, qualquer resultado anormal que fuja das médias estabelecidas para estas duas provas, analisadas em conjunto, é o suficiente para que o médico esportivo tenha uma idéia do comportamento do aluno em face do trabalho físico e estabeleça posteriormente, junto ao instrutor de educação física, as prescrições julgadas indispensáveis para o caso.

A prova microscópica é feita para o estabelecimento da fórmula leucocitária do aluno, antes e depois do exercício físico.

São estes, em linhas gerais, os trabalhos essenciais que constituem a Ficha adotada no Laboratório Pelo Departamento Médico.

No entanto, outros estudos são continuamente procedidos, afim de melhor elucidarem as demais questões que se prendem à cadeira de fisiologia do treinamento, tais como, a determinação da reserva alcalina, a verificação da creatinemia e da glicemia após o esforço, as modificações do pH da saliva, índice de coloração da urina, etc²²¹.

²²⁰ STUART, Lauro Barroso; ALMEIDA Otacílio. Os exames do laboratório de pesquisas. *Revista de Educação Física*, n.55, outubro de 1942.

²²¹ LIMA, Oriot Benites de Carvalho. O metabolismo básico. *Revista de Educação Física*, n.55, outubro de 1942.

Ainda perscrutando a mesma questão, em 1947, outro artigo é publicado na Revista de Educação Física, escrito pelo médico Luiz da Silva Tavares²²², então chefe do Departamento Médico da E.E.F.E. Recheado de descrições de procedimentos e gráficos, o texto, de extensão bastante significativa, faz uma explanação bem detalhada sobre o “Test de Donaggio”²²³, cujo objetivo é identificar os níveis de fadiga a partir da análise da urina. O artigo parece ser bem representativo dos novos conhecimentos e da nova estrutura de comunicação científica que então está a se hospedar no seio da Educação Física. Entretanto, nele, nenhuma menção é feita ao esporte: sua intenção parece restringir-se ao âmbito do treinamento militar, embora suas informações possam ser plenamente aplicadas ao campo esportivo.

Aliás, tal é o reconhecimento da potencialidade da bioquímica não apenas no diagnóstico e controle das funções do organismo mas, sobretudo, na sua otimização, que nos anos finais da década de 40 já começam a frequentar as publicações da área os debates sobre doping.

O professor Waldemar Areno, da E.N.E.F.D., publica um eloquente artigo sobre o assunto na Revista Brasileira de Educação Física, em 1947. A discussão do tema começa pela apresentação do conceito: “o termo ‘doping’ procura significar todo êsse conjunto de processos baseados em estímulos artificiais utilizados em desportistas, durante a fase de treinamento ou no dia da competição, com a finalidade de lutar contra a fadiga e de melhorar temporariamente a eficiência do trabalho”²²⁴. A seguir, são apresentados alguns aspectos da fadiga, relacionada como uma reação de “alarme” do organismo:

A fadiga surge naturalmente, nos indivíduos normais e sadios, após determinados períodos de trabalho, dependendo de uma série de

²²² TAVARES, Luiz da Silva. Controle da fadiga pela urina. *Revista de Educação Física*, n.56, novembro de 1947.

²²³ Vários artigos podem ser encontrados entre os anos 1938 e 1944 discutindo a validade e os procedimentos do teste de Donágio. Nesse sentido, vale esclarecer, conforme já havia apontado o tenente e farmacêutico Otacílio Almeida em 1939, que o “Test de Donnaggio [...]” data de Janeiro de 1931, quando em Modena, o seu autor comunicou ao mundo científico a existência desta nova reação bioquímica da urina. Cf. ALMEIDA, Otacílio. Controle da fadiga pela urina. *Revista de Educação Física*, n.46, outubro de 1939.

²²⁴ ARENO, Waldemar. Higiene do treinamento esportivo – do “doping”. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.41, 1947.

fatôres em causa, como por exemplo, o estado de treinamento do indivíduo e a intensidade ou duração da atividade desenvolvida. Ela se traduz por sensações as mais variadas; interessa de um modo geral, e com maior ou menor intensidade, todo o organismo, como um estado de alerta, como um aviso de que o trabalho realizado chegou a um limiar compatível com as possibilidades do indivíduo. A fadiga é portanto benéfica e não deve ser mascarada por excitantes quaisquer, que ativarão órgãos já em trabalho excessivo, com os consequentes desgastes e desajustes funcionais, nocivos ao organismo.²²⁵

Diante de tal argumentação, o autor não tardará em afirmar: “Mesmo se tratando de substâncias constituintes normais do organismo é condenável o seu uso com o fim de aumentar a capacidade de trabalho. O ‘doping’ deve ser encarado como uma manobra perigosa e nociva, fisiológica e moralmente.”

Quase dez anos mais tarde, em 1955, este mesmo texto voltaria a ser publicado na Revista de Educação Física. Mero acaso talvez, o fato suscita a impressão de que o assunto carecia de maior atenção, como o pedira o autor em 1947: “deve ser realizada uma campanha de divulgação bem dirigida, entre os atletas e treinadores, no sentido de orientá-los nesse aspecto²²⁶.”

Até 1964, nada mais foi veiculado nas Revistas sobre o assunto. Somente nesse ano, o Dr. Guilherme S. Gomes Jr. advertiria: “o atleta dopado esconde sua capacidade. O coração é forçado e podem aparecer algumas lesões irreversíveis²²⁷”. Abordando a questão de forma bastante técnica, o autor traria ainda algumas informações sobre os meios de controle deste procedimento: “a cromatografia é um processo empregado, sempre com o objetivo de determinar certas substâncias, e se são ou não consideradas “doping” de acordo com os códigos existentes ou regulamentos sobre Dopagem”. Por fim, destacaria: “por esse mesmo método podemos diagnosticar em um caso de dúvida se o atleta está ou não dopado”.

²²⁵ ARENO, Waldemar. Higiene do treinamento esportivo – do “doping”. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.41, 1947.

²²⁶ ARENO, Waldemar. Higiene do treinamento esportivo – do “doping”. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.41, 1947.

²²⁷ GOMES Jr., Guilherme S. Dopagem – Atleta dopado. *Revista de Educação Física*, n. 93, jan. 1964. p.26.

Ora, o doping, como expressão maior da manipulação do interior do corpo com vistas à produção do resultado esportivo, representa, definitivamente, não apenas uma nova ordenação das maneiras de treinar mas, destacadamente, uma nova ordenação dos modos de vencer. Dada sua potencia e as dificuldades de seu controle, em nome da saúde, médicos e especialistas logo tratarão de silenciá-lo: o doping será banido do horizonte das boas práticas. Assim, o atleta – e todo investimento feito nele – estará seguro para outras mortes. Eis a contradição velada. Não obstante a persistência de um discurso médico que supostamente prima pelo cuidado com a integridade do atleta, a definição “daquele que compete” vai gradualmente se encerrando numa narrativa mais fria: “a medicina esportiva nos ensina a prolongar e melhorar a capacidade física e técnica de uma atleta, não trazendo, porém, prejuízo algum para a *máquina humana*”²²⁸. Máquina. Na arena esportiva, os novos ordenamentos transformarão sua adjetivação: dissolve-se o “humano” para em seu lugar surgir o “atleta”. A máquina ganhará potência ao transcender os limites do seu pertencimento: obedecerá não mais ao homem, mas ao esporte. “Máquina Esportiva”: eis a roupagem com que, doravante, será pensado o atleta. Não é ao acaso, pois, que no livro de 1968 (“Introdução à moderna ciência do treinamento esportivo”), será possível olhar essa máquina conformada aos moldes laboratoriais: “é preciso ter em mente, na aplicação de cargas, como aponta Ogilvie (1967), que um atleta é *uma unidade psicofisiológica motora*”²²⁹.

Em toda essa gama de escritos que anunciam o surgimento da “máquina esportiva”, uma nota implícita pode ser francamente identificada: trata-se do suporte dado pelos meios técnicos e pela tecnologia (palavra pouquíssimo empregada à época²³⁰) para a compreensão/apreensão/conformação dos processos de treinamento, de início, corporal,

²²⁸ GOMES Jr., Guilherme S. Dopagem – Atleta dopado..., p.26. Não seria demais lembrar que a idéia de “máquina humana” é bastante antiga. Rabinbach, no seu livro clássico “The Human motor”, aponta o registro dessa metáfora no “Discurso do Método” (1637), no qual “Descartes descreve a maquina humana como ‘feita pelas mãos de Deus’, incomparavelmente mais bem ordenada e admirável nos seus movimentos do que qualquer outra que pudesse ser inventada pelo homem”. Convém ainda registrar que, na abordagem feita por Rabinbach, “a máquina humana constitui uma metáfora do trabalho e da energia que forneceu aos pensadores do século XIX uma nova estrutura científica e cultural. Através dessa metáfora, cientistas e reformistas sociais poderiam articular seu materialismo apaixonado, abarcando natureza, indústria e atividade humana num único e abrangente conceito: a energia da ação”. Cf. RABINBACH, Anson. *The human motor*. Berkeley-Los Angeles: Univeversity of California Press, 1990. Tradução livre.

²²⁹ Da COSTA, Lamartine Pereira. Treinamento total..., p. 17.

²³⁰ Em todos os textos analisados nesta pesquisa, em apenas um deles encontrei a palavra “tecnologia”. Cf. PINTO, José Rizzo. O contrôlo do treinamento..., p.370.

posteriormente desportivo. Acompanhando e, em certa medida, precedendo esse longo processo de “(bio)cientificação” das condutas ligadas ao treinamento, houve o aprimoramento de todo um aparato técnico que permitiu e conduziu à adoção de certos procedimentos em detrimento de outros, substituindo, de forma contundente, o apuro dos sentidos do homem pela análise “precisa” da máquina. A instrumentação do laboratório de medicina esportiva e o advento da cronometragem eletrônica representam, cada qual, as novas possibilidades e novas exigências colocadas para o campo desportivo desde a lógica desse novo contexto, dessa nova ordem discursiva. Dito de outra forma, pode-se pensar nessa tecnologia que dá suporte à transformação do treinamento esportivo como a base da materialização de um discurso que opera a cientificação das práticas no campo das atividades corporais, destacadamente, dos esportes. É esse aprimoramento técnico que vai permitir, em 1968, a veiculação, a partir de bases “cientificamente” sólidas, dos princípios científicos do treinamento esportivo, dos procedimentos de treinamento de força, da velocidade, da resistência e da coordenação e dos parâmetros precisos para o controle do treinamento.

Evidentemente, esse processo consiste numa inflexão lenta, gradual e descontínua, cujas “invenções” e “descobertas” representam a força a dobrar o plano onde situam-se as práticas de treinamento esportivo. Um de seus elementos mais significativos será a necessidade de cada vez medir mais e cada vez medir melhor. Medida que começa na superfície do corpo para então invadir seu interior e se projetar para fora dele: das cifras de potência dependem as de distância e de velocidade. Vigarello perscruta esse processo:

Este corpo técnico, deve-se insistir nesse ponto, é um corpo medido. Seus progressos, como seus treinamentos, são “maquinados”. Proclamam-se as eficácias, calculam-se as potencialidades. Os aparelhos se multiplicam no começo do século XX, prolongando um conjunto de dispositivos de avaliação que os trabalhos de Marey inauguraram no final do século precedente.²³¹

Não é ao acaso, então, que a cronometragem eletrônica encantar-se-á. Mostrando o que não se pode ver, representará um marco: a partir dela, um refinamento na avaliação de

²³¹ VIGARELLO, George. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dirs.) *História do corpo*. Volume 3 – As mutações do olhar: o século XX [Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine]. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p. 197-250.

resultados ultrapassará a própria capacidade humana. A máquina dirá ao homem a verdade.

Em 1938, o engenheiro Anchyses Lopes publica um artigo na Revista Educação Physica para informar sobre o equipamento de cronometragem elétrica utilizado nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936: a câmara de Kirby. Num texto minucioso, descreve com detalhes a estrutura e o funcionamento do aparelho, argumentando sobre sua importância no meio esportivo: trata-se de uma solução para sanar “a deficiência do processo de julgamento e a medida precisa do tempo nas provas em que varios correspondentes disputam, lado a lado, a collocação principal”²³². O aparelho pode “controlar perfeitamente as chegadas e chronometrar automaticamente os tempos com a precisão de um centésimo de segundo no atletismo.”

Dois anos antes, a Revista de Educação Física faria circular outro artigo interessante sobre a temática. Tratava-se da apresentação de um novo sistema de cronometragem elétrica que pretendia, a exemplo do que acontecia com o atletismo, resolver o problema do controle do tempo na natação. Suas vantagens eram tão evidentes que não precisavam ser ditas: “basta dizer que ele é *mais preciso* do que o sistema comumente usado de cronometragem manual. E a precisão é tudo em medidas de tempo. Um insignificante quinto ou décimo de segundo tanto pode fazer de um atleta um campeão como pode arrebatá-lo a coroa de louros já conquistada”²³³. Para além do aparato inovador que apresenta, o texto, intitulado “Cronometragem elétrica nos esportes – importante invento de um jovem patricio”, apresenta uma fundamentação bastante consistente assentada na “biometria do sistema nervoso”:

A biometria do sistema nervoso nos proporciona conhecimentos com os quais podemos avaliar os erros pessoais. Na cronometragem manual, à saída, aparece logo um tempo perdido: o da reatividade psico-motora auditiva do cronometrista, variável de um para outro, e, em um mesmo indivíduo, variável de uma para outra reação, sendo em média 15 a 18 centésimos de segundo. Isto sem contar o tempo gasto desde o momento em que a força muscular chegou ao dedo até que a

²³² LOPES, Anchyses Carneiro. A chronometragem electrica e o cinema no julgamento das provas esportivas – A câmara de Kirby. *Revista Educação Physica*, n.21, 1938.

²³³ A CRONOMETRAGEM elétrica nos esportes – importante invento de um jovem patricio. *Revista de Educação Física*, n.32, 1936.

pressão da polpa digital seja bastante para premer a coroa do cronômetro, o que dará um total de tempo perdido de mais de 20 centésimos, isto é, mais de $1/5$ de segundo, tempo que não pode ser desprezado em provas de velocidade. À chegada, uma outra perda de tempo aparece. Si a perda da chegada fosse rigorosamente igual à da saída, tudo estaria sanado e a mensuração seria perfeita. Mas a reatividade psico-motora da chegada é visual, sensivelmente mais lenta que a auditiva e também, como esta, muito variável. Acrescem sôbre tudo isso os erros de observação de fatos excessivamente rápidos.

Em 1949, a mesma preocupação com o controle dos tempos estará presente, mas já com diferenças significativas. Na tradução de um texto da revista “Science et vie”, o Tenente Jorge Alberto Prati de Aguiar descreve o “aparelho de cronometragem a oito cronógrafos”, cujo funcionamento ocorre mediante o emprego de célula foto-elétrica. A justificativa segue a mesma linha dos textos anteriores, alertando sobre a falta de precisão da cronometragem manual:

Há somente algumas dezenas de anos atrás, a cronometragem das provas desportivas ficava na dependência das reações individuais dos cronometristas. A precisão dos instrumentos de medida que tinham entre as mãos, ultrapassava de muito suas faculdades de apreciação. De que serve dotá-los de um aparelho sensível até um centésimo de segundo, se o erro que introduz seus tempos de reação, sua “equação pessoal”, não pode ser inferior, nas melhores condições, a um quinto de segundo? Na calma do laboratório, os pesquisadores podem se esforçar para eliminar esta causa de erro, deduzindo as leis estatísticas. Esta procura é ilusória sôbre a pista de um velódromo ou de um estádio, sôbre o cimento de um autódromo ou neve de um campo de sky. As condições atmosféricas, a fadiga, o ambiente entusiástico provocam reações psicológicas imprevisíveis e cuja amplitude desafia toda tentativa de correção.²³⁴

Feitas essas considerações, o texto sublinha a importância do apuro das medidas, lembrando que “são pequenas frações de segundo que entram em jogo e [que] de sua determinação exata pode depender a conquista de títulos entre as nações”. Por fim, sentencia: “o problema não admite, na opinião de todos aqueles que estudaram de perto, senão uma solução racional: a eliminação rigorosa de toda intervenção humana, na medida do tempo, em uma palavra – o automobilismo” (*sic*).

²³⁴ Cronometragem Desportiva (Tradução da revista “Science et vie” pelo 1º Tenente Jorge Alberto Prati de Aguiar – Intrutor da EEFÉ) Revista de Educação Física, n.61, 1949.

Se o aprimoramento dos meios técnicos é decisivo para a medida do resultado esportivo, também o será na sua produção. Ao longo das décadas, serão vários, e terão diferentes papéis nas disputas. Alguns meios servirão para otimizar o desempenho no próprio ato competitivo, outros vão potencializar a sua preparação.

Em 1938, a Revista de Educação Física apresentaria os blocos de saída para as corridas de velocidade no atletismo²³⁵, que substituiriam, com vantagens, a prática de apoiar os pés em pequenos buracos cavados no chão. Aparato simples, é verdade, mas de efeitos profundos em provas em que as frações do segundo fazem a diferença. Dez anos depois, a questão seria retomada no mesmo periódico. O técnico do Fluminense F.C., Oswaldo Gonçalves publica um artigo no qual destaca as vantagens do bloco de partida sobre os buracos. Além das questões operacionais evidentes a favor do primeiro, como os “benefícios da comodidade do atleta e ajustamentos rápidos e fáceis”, o artigo ainda relata uma pesquisa feita com 28 “sprinters” para analisar o tempo de partida deles ora utilizando o bloco, ora utilizando os buracos. Depois de cada atleta ter realizado 42 partidas com cada um dos recursos, os tempos das 1176 partidas foram computados e a comparação entre as duas saídas evidenciou que “o tempo de partida obtido com o bloco era 0,034 de segundo mais curto do que com os buracos”. O autor ainda registra ao final do texto outras vantagens do implemento: o bloco de partida inspira mais confiança ao atleta, que nele encontra maior firmeza, melhor sensação de apoio e mais ímpeto para o empurrão forte de ambas as pernas²³⁶.

Ainda no campo do atletismo, os sapatos de prego, embora não fossem uma inovação, também habitaram as páginas das Revistas. Motivados por uma questão central - em quais momentos da preparação deve-se usar os sapatos de prego? -, os autores do texto, Conceição Miranda e Brenno Mascarenhas, partem da divisão do treinamento em períodos para elaborar uma resposta. Assim, no período de condicionamento, devem ser

²³⁵ INOVAÇÕES atléticas. *Revista de Educação Física*, n.39, 1938. É interessante registrar a estrutura desse artigo. Trata-se essencialmente de uma fotografia grande, em destaque, na qual um corredor apoia-se no bloco de saída aguardando o sinal para dar início à corrida. Abaixo, uma nota breve mais contundente diria que, neste caso, a informação se antecipava à prática: “Apresentamos nesta fotografia um dispositivo para as partidas das corridas de distâncias curtas, idealizado pelo norte-americano Kirby. A Associação Internacional de Atletismo, em seu último Congresso, realizado em Paris, resolveu adotar o presente dispositivo, a partir de 1 de janeiro de 1939. Quando chegará a nós, tão importante invento?”

²³⁶ GONÇALVES, Oswaldo. Atletismo – Blocos de partidas. *Revista de Educação Física*, n.51, 1948.

realizadas “principalmente corridas em terreno acidentado, de preferência de piso macio – grama, areia, etc – com sapato leve e sem prego”. No período de treinamento especializado na prova, “procuramos o apuro técnico e a adaptação ao estilo” e “o sapato de pregos é indispensável, e só com seu auxílio, atingiremos bons resultados”. Já no terceiro período, o da manutenção da forma, “os sapatos de prego devem ser empregados com moderação, restringindo-se seu uso às práticas em que é considerado indispensável, tais como no treinamento das partidas de velocidade, nos tiros para tomada de tempo na prova, etc.”²³⁷

Nos saltos dos anos 1950, a vara utilizada pelos atletas seria a grande novidade. Vitima da fabricação de novas ligas, a antiga vara de Bambu estaria com os dias contados. Não obstante, a marca para a qual contribuíra ainda vigorava. Uma ironia? Talvez, mas em todo caso, transitória: mas cedo ou mais tarde, a vara de aço se afirmaria.

Na última Olimpíada, em Helsinki, os saltadores de vara, na sua quase totalidade, usaram varas de aço, excluindo de uma vez o emprêgo do bambú, material que vinha tendo a sua época nas mãos dos grandes saltadores, inclusive o então recordista do mundo: Cornelius Warmerdam, com 4,77m, performance ainda a desafiar o valor físico e a técnica dos maiores campeões do salto com vara, de 1941 para cá. Sem dúvida, a vara de aço de fabricação sueca, de um modo geral a preferida nos jogos Olímpicos de Helsinki, pela confiança de bom material e vantagens do seu emprêgo, está na sua fase final de experiências para a conquista de um novo recorde do mundo.

Na década seguinte, as inovações se tornariam mais complexas. No livro de 1968, por exemplo, Maria Lenk apresenta os “novos aparelhos de obtenção de força”, o “Exer-Genie” e o “Multi-Sporter”²³⁸. Sobre este último, a autora informa que ele “foi desenvolvido na Alemanha sob o patrocínio da Sociedade de Aviação no Espaço e Técnica de Teleguiados”, especificando a seguir tratar-se de um aparelho que “pesa apenas 480 g e ocupa 14 cm x 15 cm x 5 cm. A *graduação* da resistência vai de 0 g até 240 kg, [o que] não só permite um contrôle perfeito do progresso como constitui uma motivação para o esforço na ambição de superar a performance anterior”; sobre o

²³⁷ MIRANDA, Conceição N.; MASCARENHAS, Brenno Cruz. O sapato de prego e seu emprego nas provas de pista. *Revista de Educação Física*, n.51, 1942.

²³⁸ LENK, Maria. Novos aparelhos de obtenção do força: Exer-Genie e Multi-Sporter. In: *Introdução à moderna ciência...*, p. 169.

primeiro aparelho, lembrando que sua fabricação ocorre nos E.U.A., a autora relata que “a idéia nasceu da necessidade de combater às consequências da falta de gravidade nos músculos dos astronautas em suas viagens pelo espaço e onde eles não dispõem de aparelhos adequados para seus exercícios”. Em ambos os casos, Maria Lenk descreve a possibilidade de uso desses aparelhos para outros fins: “a solução dada com êsses pequenos e leves aparelhos encontra aplicação também no homem na Terra, que com êle pode exercitar-se sem perda de tempo e necessidade de instalações luxuosas”. Por fim, exemplificando a aplicação do Multi-Sporter no âmbito esportivo, atesta:

O tempo necessário aos exercícios é curto, uma vez que bastam três repetições de cada movimento para se obter o crescimento de fôrça desejado. O efeito do esforço pode ser:

[...]

d) para o preparo à aplicação nos desportos dos movimentos específicos de cada desporto em análise com pouca carga ou em aumento de fôrça com sobrecarga maior.

[...]

Para os *desportos* constitui um excelente educativo, já que se pode imitar quase todos os movimentos da técnica dos vários desportos; permite uma análise dos mesmos em execução lenta e um fortalecimento dos músculos na maneira exata como vão efetuar o movimento quando aplicado ao desporto em vista.

Se aqui, tais recursos “tecnológicos” aparecem como acessórios, há casos em que seu uso será não apenas imprescindível para a otimização da performance como, mais que isso, será o vetor a reconfigurar dada técnica esportiva, levando a resultados indiscutivelmente maiores.

Um excelente exemplo disso é apontado por Vigarello, ao tratar do salto em altura e da transformação técnica que a modificação da superfície de aterrissage permitiu introduzir:

Depois da metade dos anos 1960, a nova época é a das fibras sintéticas e seus derivados de plástico. É a mutação de hoje: os saltos de atletismos transformados pela remodelagem das zonas de aterrissage, com seus blocos de espuma ou de polyester que permitem certos movimentos e tornam possíveis as quedas sobre o dorso.²³⁹

²³⁹ VIGARELLO, Georges. *Du jeu ancien...*p.149 et seq. Tradução livre.

Em outro trabalho²⁴⁰, Vigarello aborda ainda com mais profundidade essa questão, revelando, de forma inequívoca, como a transformação dos ambientes de disputa, dos equipamentos e dos materiais esportivos provocou uma verdadeira revolução nas técnicas corporais esportivas e, conseqüentemente, no resultado possível de ser alcançado.

Se em 1935, Saito evidenciara a importância das “taboas que são empregadas nos treinos de batida de pernas”²⁴¹, em 1968 encontrar-se-ão um conjunto de meio técnicos destinados a produzir o resultado esportivo, conjunto esse elencado, nos moldes da moderna ciência, por novos modos de treinar, novos modos de competir, novos modos de vencer.

Mas o esporte alcançará mais. E o fará por todos os lados: nenhuma fresta, nenhuma brecha, nenhuma lacuna lhe escapará. Para atingir o rendimento, o atleta será perscrutado em suas minúcias, inquirido em suas fraquezas, sondado em seus desejos, esquadrinhado:

A equipe de treinamento sabe o que o atleta pode produzir. Assim, é preciso pesquisar as causas quando a performance não satisfaz. Há alguma deficiência no preparo técnico? É preciso melhorar a resistência? O desenvolvimento da potência muscular deve ser incrementado? Impõe-se a melhoria da alimentação? Torna-se necessário fazer uma apêlo às forças psíquicas? Existe defeito no calçado? A massagem tem sido aplicada com regularidade? Cumpre aperfeiçoar certos hábitos e o sistema de vida? As horas de lazer estão sendo bem aproveitadas? Quais os auxílios que poderão ser pedidos à medicina desportiva, etc. Enfim, tudo será explorado, e o plano, que não é uma peça rígida, será ajustado, alterado e aperfeiçoado.²⁴²

Perfeição; eis a magia do espetáculo! Restará ao esporte gestar ainda mais uma mutação. Tratará então de colocar a seu serviço um vasto elenco de especialistas com enredos bem ensaiados: todas as biologies celebrarão seu vigor. No centro, o atleta, “unidade psicofisiológica motora”, corpo vivo-esquartejado, cujas partes já têm destino:

²⁴⁰ VIGARELLO, Georges. *Une histoire culturelle du sport: techniques d'hier... et d'aujourd'hui*. Paris: Robert Laffont, 1988.

²⁴¹ SAITO, Takashiro. *Como vencer...*, miolo de folhas com fotos entre as páginas 24 e 25.

²⁴² RAMOS, Jayr Jordão. Os cânones atuais do treinamento desportivo. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964.

As clínicas de cardiologia, os institutos de fisiologia, os consultórios de psicologia, os serviços de nutrição, os gabinetes de fisioterapia, os laboratórios em geral, os campos de experimentação prática e os modernos processos de treinamento, de seleção e de controle prestam aos atletas reais e extraordinários serviços. Em particular, a Medicina é posta ao serviço do Desporto e este, reciprocamente, a ela fornece valiosos elementos de trabalho.²⁴³

Enfim, a associação tão proclamada pelo Dr. Rivas em 1938 atravessaria décadas e se encontraria com Mollet nos anos 60. “Treinamento Total”, diria esse. Rivas responderia: “Maravilhas por toda parte!”

Novas configurações, certamente. Novos desafios também. Para ir mais alto, para ser mais forte, para ir mais longe, aumentam-se os verbos: novas maneiras de treinar, novas maneiras de competir, novas maneiras de vencer, sim. Mas também novas maneiras de superar e transcender. No corpo do atleta, o treinamento para o esporte mira seu último objetivo: o recorde.

²⁴³ ²⁴³ RAMOS, Jayr Jordão. Os cânones atuais do treinamento desportivo. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964.

Capítulo 5

METONÍMIAS, ALITERAÇÕES, METÁFORAS: MAIS QUE VENCER, “RECORDAR”

Adhemar Ferreira da Silva que em 1952 ultrapassou o recorde mundial pertencente a Tajima por um centímetro apenas, era em 1953, ultrapassado por Sherbakov também por apenas um centímetro. [...] Entretanto, Adhemar Ferreira da Silva, desportista cem por cento, dotado de uma das mais invejáveis qualidades que se exige de um atleta – fôrça de vontade a tôda prova – não se conformou, de maneira alguma com êste estado de coisas e se propôs a tudo fazer para a reconquista do campeonato mundial da especialidade a que se dedicou. [Em 1954, ele tentaria novamente quebrar o recorde de Sherbakov no XVIII Campeonato Sul-Americano:] Porém, não seria ainda desta feita que Adhemar conseguiria atingir seu intento. Era-lhe exigido mais, mais paciência, mais perseverança, maior esforço enfim para alcançar o que desejava. Adhemar redobrou seus cuidados, trabalhou duro, procurou de tôdas as maneiras melhorar e aperfeiçoar sua técnica, seguindo um treinamento metódico, escrupuloso e eficiente, e para isso, muitas vêzes teve que treinar em horas inteiramente desfavoráveis, como por exemplo no horário do almoço, conforme declarações recentemente feitas à imprensa por sua própria espôsa. E foi assim que Adhemar veio conduzindo seu treinamento da melhor maneira que lhe foi possível, a fim de que pudesse chegar aos II Jogos Pan-Americanos recentemente disputados na Cidade do México, nas melhores condições físicas e técnicas. Com esta competição chegou felizmente a grande chance do nosso ardoroso atleta. Estamos perfeitamente lembrados da enorme satisfação e alegria com que todos os brasileiros receberam a auspiciosa notícia do grande feito de 16 de março nos Jogos Panamericanos – Adhemar Ferreira da Silva, o nosso famoso atleta, havia batido espetacularmente o recorde do salto tríplice estabelecendo a nova marca de 16,56 ms e ultrapassando o recorde anterior de Sherbakov por nada menos que 33 centímetros. Foi um feito verdadeiramente impressionante, que deixou os observadores incrédulos e boquiabertos. Os próprios juízes da prova custaram a acreditar naquilo que seus olhos testemunhavam, e durante cêrca de 20 minutos mediram, remediram e tornaram a medir aquela incrível performance tão brilhantemente conseguida perante uma numerosa assistência. Diversas trenas móveis, além da trena adaptável à caixa de saltos, foram utilizadas pelos juízes que finalmente confirmaram o espantoso resultado alcançado pelo atleta brasileiro.²⁴⁴

²⁴⁴ CUNHA, F.C. Fontanillas da. Pequena história de um recorde. *Revista de Educação Física*, n.79, 1955.

Modos de superar, modos de transcender. Romper barreiras, ultrapassar limites. Pensar no treinamento para o esporte implica em perscrutar também esse espaço de fronteira, onde minúsculas frações colocam o atleta de um ou de outro lado da história. Gravar uma marca, eternizar um registro: recordar.

“Recorde, palavra mágica que move, inflama, eletriza, estimula, hipnotiza, domina; excita e produz admiração”²⁴⁵. De indiscutível força e penetração, “a expressão recorde, significando ‘o melhor resultado’, de uma determinada realização esportiva, popularizou-se de tal modo que é hoje [1942!] comumente empregada, assinalando como marcos, as grandes conquistas de todos os ramos da atividade humana.”²⁴⁶

Mas não é toda prática esportiva que comporta medidas para que sejam estabelecidos recordes. José Maria Lamego o apontaria ainda na década de 30, lembrando a necessidade de fazer uma divisão “nítida e inconfundível” entre as provas esportivas: “aquelas com caráter de jogos ou torneios e também como fito num resultado de caráter mensurável que permita ao espectador avaliar imediatamente, e de modo insofismável, o valor do feito do atleta ou, em outras palavras, a ‘performance’”²⁴⁷. O autor ainda alertaria sobre as modalidades de performance, visto que existem as que operam “o controle preciso sobre o tempo gasto por um atleta”; as que operam a medida “das distâncias percorridas por um atleta, [...] ou por objetos lançados por uma atleta”; e ainda aquelas “em que as ‘performances’ se exprimem em quilogramas”. Modalidades, medidas, categorias, normalização. O recorde ensinará suas primeiras lições.

O tema da homologação de recordes também aparece, mas em raras notas dos anos 30. Sempre discretas, informam apenas as decisões: “a respeito da homologação de records, a Federação Internacional de Atletismo decidiu, numa reunião recente: ‘nenhum recorde batido em linha reta será homologado si a velocidade do vento ultrapassa dois metros por segundo’”. Sem maiores destaques, a regulamentação das marcas não aparece como um assunto de interesse: não são discutidas motivações, perspectivas ou implicações: tratar-se-ia apenas de entender e obedecer.

²⁴⁵ KUDILINSKI, Mincelau. A fibra do recorde. *Revista Educação Física*, n.71, 1942.

²⁴⁶ NUNES, Danilo da Cunha. O recorde a serviço da Pátria. *Revista de Educação Física*, n.52, 1942.

²⁴⁷ LAMEGO, José Maria. O valor do record no esporte. *Revista de Educação Física*, n.38, 1938.

Com a crescente projeção dos esportes e de suas marcas, intensifica-se a circulação de discursos que apontam o empenho pessoal como fator decisivo na quebra de recordes. No começo dos anos 40, tais discursos apelarão para a virtude moral daquele que compete: “o recorde, performance única, conseguida à custa de máximo esforço do corpo, é um dado do valor de seu organismo e da força de vontade que o guia. Conseguir o recorde é chegar-se ao ideal, passar além de suas possibilidades; consiste pois, num grande fim, numa grande virtude”²⁴⁸. Para atestar a verdade desse princípio, algumas histórias também seriam contadas: falaria sobre atletas determinados, que depois de árduo esforço, atingiram seus objetivos. A narrativa sobre Adhemar Ferreira da Silva, que abre este capítulo, é um exemplo notório. Mas não é o único: o expediente do modelo seria adotado outras vezes:

Gunder Hagg, depois de alguns fracassos e outros sucessos nos Estados Unidos, volta a sua Pátria [Suécia], e após ligeiro descanso, entrega-se de novo a um preparo meticuloso e tenta no dia 18 de julho de 1945, conjuntamente com seu rival e companheiro Arne Anderson, a quebra do recorde mundial da milha, o que consegue depois de forte luta com seu companheiro Anderson, terminar vencedor com o tempo fantástico de 4’01”4/10, que vem a constituir novo recorde mundial da milha, tempo êste que até o presente momento se mantem como a melhor performance homologada.²⁴⁹

Essa idéia da persistência do atleta, da sua *fibra*, da sua *garra* e da sua *determinação*, aparece já então expandida, ultrapassando as margens da performance no ato competitivo para atingir os momentos da sua preparação. Como decorrência da projeção e do sucesso do emprego de novas metodologias de treinamento, aos poucos o atleta começará a ser visto como o resultado de um processo, como o desaguar dos esforços investidos na sua produção: para alcançar seus resultados, o campeão “se dedicou de corpo e alma aos treinos e as marcas que conseguiu foram a resultante, a consequência do ‘suor’ deixado nas pistas nas longas e penosas horas de treino. O recorde não é um milagre. É, sim, o coroamento de duros esforços de indivíduos excepcionalmente bem dotados, mas que ‘ajudaram’ o físico na jornada para a glória”²⁵⁰. Diferença marcante,

²⁴⁸ KUDILINSKI, Minceslau. A fibra do recorde. *Revista Educação Physica*, n.71, 1942.

²⁴⁹ NUNES, Adrião Alves. Será possível atingir os 4 minutos na milha? A história da evolução o recorde mundial da milha (1.609,34). *Revista Brasileira de Educação Física*, n.35, 1947.

²⁵⁰ FIGUEIRA, Acrísio. Treinamento atlético – treinamento de campeão de 800 metros rasos. *Revista de Educação Física*, n.92, 1959.

sugere uma alteração significativa de sentidos: desde então, mas não para sempre, não bastarão os “dons naturais”: na busca do recorde, o treinamento será essencial.

Entretanto, um aspecto permanecerá na sombra. A afirmação do empenho pessoal do atleta como a grande *virtude* do sucesso esportivo esconderá o vultoso aparato presente nos processos de treinamento. Mais que isso, esconderá também os montantes necessários para organizá-lo: contratos e cifras que se misturam ao suor nas competições e nos locais de treinamento, e com tantos mais dígitos quanto maior for o valor da *aposta*. Desde então, igualdade de condições – uma das quimeras mais enaltecidas no campo esportivo – não entrará em quadra, não correrá na pista, não participará do jogo.

Mas o atleta competirá, e para atingir o máximo de rendimento, terá sua saúde resguardada. Posições nítidas serão assumidas nesse sentido nas primeiras décadas do período: “Eu me preocupo o mais possível pra não fazer dos meus jovens, machinas para conquista de records”²⁵¹, diria o tecnico Brutus Hamilton. Uma opinião que já circulava, é verdade. Mesmo sem expor a ideia de recorde, dois anos antes, em 1935, Milton Nogueira defenderia a integridade da pessoa, criticando a valorização do resultado. Suas palavras são severas e contundentes:

o instrutor ou treinador deve cuidar, tanto quanto possa, para ter um bom atleta no mais amplo sentido do vocábulo; bom, no maior período de tempo em que poderá repetir suas façanhas. Fazer-se um atleta para um campeonato na ânsia de obter-se um ponto para o clube ou escola, explorando sua vaidade pessoal e sua força de vontade, deixando-o depois impossibilitado de prosseguir no atletismo e na vida saudável, chega a ser deshumanidade, para não dizermos crime.²⁵²

Na década de 1940, a tônica seria mantida: circularão artigos argumentando que “a primeira condição para um indivíduo quebrar um recorde, deverá ser a de estar em ótimas condições de saúde”²⁵³. Um princípio, uma moral, uma necessidade. Em todo

²⁵¹ LIMITES das possibilidades humanas – Declarações do tecnico de educação physica Brutus Hamilton Marques que não serão ultrapassadas. [Entrevista realizada pelo chronista francez Court Reiss]. *Revista Educação Physica*, n.11, 1937.

²⁵² NOGUEIRA, Milton Campelo. Salto com vara – Generalidades – Papel do médico e do treinador. *Revista de Educação Physica*, n.29, 1935.

²⁵³ NUNES, Danilo da Costa. O recorde a serviço da Pátria. *Revista de Educação Física*, n.52, 1942.

caso, uma certeza: o recorde não deve ser maior que o atleta, não deve obliterar a sua vida.

Os anos 50 trariam consigo a grande arrancada do esporte. Quanto à saúde, coincidência ou não, os anos 50 também trariam consigo o silenciamento dessa questão: nas fontes, emudecem as vozes que a defendiam. Mas é claro que ela permanecerá lá, velada sob os auspícios do esporte. No seguir dos anos 60, a saúde será retomada mas não pertencerá mais ao atleta: caberá ao esporte, e em seu nome, definir os estados orgânicos. A saúde ganhará um novo *status*: de agora em diante, aptidão. Assim, instrumentalizada, servirá de base para que o máximo de rendimento possa ser atingido, assegurando o sucesso da performance, a vitória e, se possível, a superação.

Nos mesmos anos em que ganham corpo tais idéias, surgem também discursos que advertem sobre “os perigos do recorde”. No texto “A educação desportiva”, de 1964, o professor de atletismo Mário Muniz Pereira aborda esse tema, acautelando que “os técnicos precisam de estar prevenidos contra a paixão excessiva que pode provocar a especialização”: um atleta que vive obcecado com grandes resultados e recordes, tem seu pensamento “absorvido pela especialidade a que se devota e tem uma única preocupação”²⁵⁴.

Mais de vinte anos antes, a mesma advertência estava lá: num artigo de 1942, Mincelau Kudilinski exporia algumas idéias que corriam: “o ideal é conseguir a harmonia, o desenvolvimento integral. [...] Lutar pelo recorde deriva para a especialização, a unilateralidade, motivada pela vontade de ser superior aos outros.”²⁵⁵. E reforçando essa perspectiva, o autor ainda diria: “si para a maioria de desportistas praticantes é ele [o recorde] o alfa e o omega de tudo, é o fim e a única realidade, o único ideal – para outros, é um mal, fonte de falsas e insanas ambições, deturpação da idéia de cultura física e um veneno moral”.

Amado e odiado, o recorde instiga a imaginação. Ainda no início dos anos 30, será possível encontrar expectativas, projeções e palpites sobre resultados esportivos.

²⁵⁴ PEREIRA, Maria Muniz. A educação desportiva. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964.

²⁵⁵ KUDILINSKI, Mincelau. A fibra do recorde. *Revista Educação Physica*, n.71, 1942.

Indagações sobre distâncias e tempos mobilizam a atenção. O texto “Prognósticos Olímpicos de Natação”, de 1932, é uma excelente ilustração:

“ – 100 metros nado livre – Barany não tem na Europa, nem no mundo, concorrente capaz de inquietá-lo. O melhor europeu depois dele é Taris com 59,,8/10. Na América os dois irmãos Kalili fazem menos de 60,,; creio que Kajac é capaz de fazer 59,, e conheço no Japão dois nadadores capazes de cobrir esta distancia em menos de 60,,.”

Buscando ser mais preciso, em 1937 o tecnico Brutus Hamilton faria circular uma tabela prevendo limites de performances. Elaborada a partir do “novo systema finlandez para o calculo da tabella do decathlon, a tabela de Hamilton foi “estabelecida pelos calculos mathematicos e physiologicos, pelos precisos calculos da qualidade e rigidez, energia e fadiga de cada esporte. Os pontos para cada “performance” formam uma base sobre o dispendio de energia para conseguir um resultado”²⁵⁶. Assim fundamentada, ela fez com que estimativas de altura, tempo e distância passem pelas páginas da Revista Educação Physica, incitando dúvidas e indagações quanto às marcas do atletismo: para o recorde dos 100m rasos, fixado em 10”3, ela previra o limite de 10”; para o recorde do salto em distância, fixado em 7,98m, ela previra 8,32m. Mas será possível? Mas será só? Dúvidas que perdurariam... mas não por muito tempo: um a um, os limites que Hamilton apresentara seriam todos batidos.

Mas nas narrativas das revistas, o recorde não olharia só para a frente. Retrospectos históricos também serão utilizados para fazer perguntas e incitar resultados:

Em 1912, o hawaiano Kahanomoku, treinado nessa escola [técnica do crawl americano], estabeleceu a impressionante marca, para sua época, nos 100 metros nado livre, de 1 minuto e 2 segundos. Hoje [1938], Peter Fick, o mais veloz nadador de todos os tempos, percorre a mesma distancia em 56’,4”... Um quarto de século separou as duas “performances”. Até 1962, descerá essa marca a 50 segundos?²⁵⁷

²⁵⁶ LIMITES das possibilidades humanas – Declarações do tecnico de educação physica Brutus Hamilton Marques que não serão ultrapassadas. [Entrevista realizada pelo chronista francez Court Reiss]. *Revista Educação Physica*, n.11, 1937.

²⁵⁷ LOPES, Anchyses Carneiro. 62”! 57”,4! 56”,4! ?”!!!... Estacionada a marca dos 100 metros “crawl”?. *Revista Educação Physica*. n.22, 1938.

Os “quatro minutos para a milha americana”, particularmente, chamarão a atenção. Fato curioso, claro, visto que a prova da milha nunca fizera parte da tradição do atletismo brasileiro. Entretanto, em 1947, a Revista Brasileira de Educação Física publicaria cinco páginas sobre o assunto, com a exposição de uma longa trajetória histórica de recordes e nomes. A indagação do título pressionava uma resposta: “Será possível atingir os 4 minutos na milha?”. Adrião Nunes, autor do texto, arriscou-se a dá-la: “O caminho percorrido até o presente, e o incessante aperfeiçoamento da máquina humana, para uma melhor compreensão das possibilidades do homem, fazem supor que antes de duas décadas, ou talvez uma, se chegue ao ideal dos quatro minutos exatos para a distância da milha”²⁵⁸. Adrião subestimou a sede do esporte: sete anos mais tarde, em maio de 1954, Roger Bannister percorreu os 1.609,34m e acabou com a polêmica: 3’59”4/10.

Dez anos depois, Jayr Ramos comentaria tal feito, mas não apenas para o enaltecer: se em 1954, a barreira dos 4 minutos para a milha era um desafio, e se Bannister merece méritos por ter sido o primeiro a vencê-lo, passados dez anos “eis que surge no cenário desportivo mundial, não um, mas uma gama enorme de corredores, que ultrapassam vantajosamente o recorde estabelecido”²⁵⁹.

Olhando de 1938, José Maria Lamego dissera algo semelhante: “por mais notáveis que tenham sido as ‘performances’ dos atletas famosos do passado, vemos constantemente êsses ‘records’ superados por novos ‘astros’. Indubitavelmente, o “record” é a aspiração de todo atleta praticante de um esporte no qual êste detalhe tem valor bastante significativo”²⁶⁰.

Mas o recorde não será uma aspiração apenas do atleta: será uma aspiração de aprimoramento da própria humanidade, para a qual o esporte dará fartas vistas. Alexandre Vaz lembra que “as marcas esportivas são vistas como realização particular de uma universalidade, da espécie humana sintetizada na figura individual do recordista,

²⁵⁸ NUNES, Adrião Alves. Será possível atingir os 4 minutos na milha? A história da evolução o recorde mundial da milha (1.609,34). *Revista Brasileira de Educação Física*, n.35, 1947.

²⁵⁹ RAMOS, Jayr Jordão. Os cânones atuais do treinamento esportivo. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964.

²⁶⁰ LAMEGO, José Maria. O valor do record no esporte. *Revista de Educação Física*, n.38, 1938.

portador de rendimento máximo”²⁶¹. E na guarita da universalidade, o recordista encarnará seu mais nobre papel: ao romper os limites do esporte, reforçará a certeza da evolução do mundo; ao derrubar as barreiras das marcas, moverá o motor da crença na história enquanto progresso.

Desde os anos 40, será possível encontrar essa perspectiva nas revistas: “Bater um recorde é sinal de que a humanidade marcha para a frente e portanto a notícia de um recorde, do esforço, de um resultado que antes era inatingível – enche-nos de júbilo, de honra e de grandeza”²⁶². O recorde materializa a evolução: com seus números, empresta àquela a substância da duração; na sua efemeridade, nas suas constantes rupturas, persiste no tempo. Inevitável a constatação: “Se compararmos os resultados obtidos nos jogos olímpicos de 1896, realizados em Atenas, com os alcançados em 1936, em Berlim, isto é, 40 anos depois, poderemos ter uma idéia de quanto o homem aprimorou o rendimento de suas forças físicas”²⁶³. Na perspectiva dos anos 60, trata-se de um aprimoramento que não há de cessar:

Apesar dos elevados resultados conseguidos em tôdas as modalidades desportivas, estamos convictos que durante muito tempo ainda, com frequentes interrupções, haverá sempre uma pequena melhoria a acrescer às performances anteriormente alcançadas ou à produção das equipes. O alargamento dos conhecimentos humanos, em evolução constante, não permitirá o homem estacionar tão cedo.²⁶⁴

Sede infinita. O recorde reforça, na sutileza de seus centímetros, de seus gramas e de seus milésimos, o conjunto de narrativas que vende uma certeza sobre o avanço: sempre mais. Somar força, somar altura, somar velocidade: cifras que traduzem atletas que traduzem o esporte que traduz a si mesmo. Cresce, multiplica-se, reinventa-se. “O esporte põe em confronto com o imaginário do desenvolvimento e do progresso. Põe

²⁶¹ VAZ, Alexandre Fernandes. Do culto à performance: esporte, corpo e rendimento. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 11., 1999, Florianópolis-SC. *Anais...* [Caderno 2]. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. p.100-7. p.100.

²⁶² KUDILINSKI, Minceslau. A fibra do recorde. *Revista Educação Física*, n.71, 1942.

²⁶³ A FAVOR ou contra o recorde? *Revista Brasileira de Educação Física*, n.1, 1944.

²⁶⁴ RAMOS, Jayr Jordão. Os cânones atuais do treinamento esportivo. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964.

mais ainda em confronto com o extremo, com um “mais” sempre ultrapassado: esta “tendência para o excesso” em que Pierre de Coubertin identifica “nobreza e poesia”²⁶⁵.

Mas haverá ainda outros olhares. Num texto de 1942, Danilo Nunes colocará o recorde de frente para o futuro e o pressionará para que revele seus limites, suas potencialidades:

Não obstante, no ciclo moderno das competições olímpicas, ser efêmera a duração do Recorde Mundial, já em algumas provas como a corrida de 100 metros, o salto com vara, etc., as marcas estabelecidas serão dificilmente superadas, o que evidencia claramente que marchamos para o Recorde Absoluto que assinalará em cada ramo esportivo o limite das faculdades físicas, fisiológicas e morais do Atleta Máximo.²⁶⁶

Crença coerente, dúvida *verdadeira*. Até onde será possível chegar? Haverá um limite do corpo? Haverá um limite da vida? O esporte ficará com uma certeza: o progresso não pode parar. E não parou. Como previu Bruno Zauli em 1933: “si pudessemos dar um salto e contemplar a vida dos atletas do ano 2000, veríamos feitos espetaculares, surpreendentes”²⁶⁷.

²⁶⁵ VIGARELLO, George. Estádios – O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Gerorges (Dirs.) *História do corpo*. Volume 3 – As mutações do olhar: o século XX [Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine]. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p. 445-80. p.450.

²⁶⁶ NUNES, Danilo Cunha. O recorde a serviço da Pátria. *Revista de Educação Física*, n.52, 1942.

²⁶⁷ ZAULI, Bruno. Os atletas do ano 2000. *Revista de Educação Física*, n.5, 1933.

(In)Conclusão

TREINAMENTO ESPORTIVO: UMA GRAMÁTICA CORPORAL

O corpo treinado não é uma invenção do esporte. Desde o século XVIII e a descoberta do oxigênio por Lavoisier, uma diversidade de práticas e discursos tem sido configurada para fazer surgir no corpo, e a partir de seu próprio interior, as energias necessárias para redesenhá-lo, reescrevê-lo e enquadrá-lo nas expectativas e demandas que vão sendo dispostas em diferentes tempos²⁶⁸. O exercício físico e o treinamento corporal representarão dispositivos de grande força nesse processo: farão surgir no corpo suas energias caladas; darão a ver as possibilidades incontáveis da *máquina humana*.

Essa potência de ação logo será *incorporada* por diversas funções. Na Europa do século XIX, surgirão métodos e discursos que, intervindo sobre o corpo, colarão ao exercício novas representações e responsabilidades. A ginástica científica, por exemplo, constituirá uma importante sistematização de modos de exercitar, afirmando-se como parte significativa de novos códigos de civilidade²⁶⁹.

Numa época em que o exercício rígido e sistemático continha em si, efetivamente, uma grande função social, o esporte surge como uma prática diversa: a frouxidão de suas ações e de seus arranjos e a efusão de seus incitamentos seriam logo vistos com desconfiança. O treinamento, que para a ginástica era um aprimoramento das funções do organismo, passa a ser contestável: “iniciativa que desvia do útil, esforço muito egoísta em suma, enquanto se deveriam privilegiar outras eficácias”²⁷⁰. A partir da sua aproximação com o esporte, outros sentidos emanarão do treinamento.

Mas o que é treinar? No palco esportivo, trata-se de uma preparação cujo objeto deve culminar num acontecimento: é na competição que o treinamento mira seu olhar. O corpo não deve estar “pronto” a todo momento, mas apenas em *um* momento específico

²⁶⁸ Cf. VIGARELLO, Georges. *Le corps redressé*. Paris: Armand Colin, 2004.

²⁶⁹ “Na Europa, ao longo do século XIX, a Ginástica científica [...] Exibe um corpo milimetricamente reformado, cujo porte ostenta uma simetria nunca antes vista. Nada está solto ou largado. Nada está fora do prumo.” Cf. Soares, Carmen Lúcia. *Imagens da Educação no corpo*. São Paulo: Autores Associados, 1998. p.17.

²⁷⁰ VIGARELLO, Georges. Treinar...

e em *uma* circunstância determinada. Seguindo um dos demarcadores do esporte, tratar-se-ia de obedecer a uma lógica pautada na idéia de temporalidade e de evento. Assim, o treinamento passa a ser definido por um viés fortemente engendrado na lógica do espetáculo, com todas as decorrências que daí advém.

Seu primeiro território foi o físico: é sobre ele que são feitos os investimentos. Exercitar o corpo para aprimorar seus órgãos e enrijecer seus músculos está na origem dessas práticas de preparação. Ancorado nas ginásticas, o treinamento buscará junto aos saberes biológicos as razões das suas indicações: a anatomia e, posteriormente, a fisiologia lhe dirão sobre posturas, movimentos, intensidades e repetições; agindo sobre as carnes, operarão verdadeiros modos de preparar o homem para a vida.

Mas o esporte lhe pedirá mais que isso e o corpo precisará aprender novas ações. Um conjunto de gestos se imporá como preceito para a participação nas atividades esportivas. Para atingir a vitória será então preciso treinar não só as funções, mas os movimentos. Será preciso enrijecer não apenas os músculos, mas a conduta para o embate. O aprimoramento do gesto exigirá uma expansão de sentidos. O treinamento antes só físico preencherá novos espaços: será também técnico e tático. No transcorrer desses deslocamentos, esporte e treinamento demandarão novos saberes e uma aproximação cada vez maior com a ciência lhes será exigido. Aos poucos, práticas serão revistas e reformuladas a partir dos novos conhecimentos oriundos das pesquisas *científicas*. Novas maneiras de treinar serão estudadas, propostas e aplicadas. O resultado esportivo será então científico.

Dadas as proporções do *show esportivo*, na maneira como Vigarello o qualifica²⁷¹, uma discreta mas significativa tensão se manifesta: o esporte, enquanto prática corporal enraizada e difundida a partir de um contexto em que o positivismo havia fundado as percepções de ciência e de progresso, deverá não apenas exercitar o corpo, mas também a moral. Tal *função* acarretaria para o treinamento o que a princípio parece ser uma complexa tarefa: operando sobre o corpo do atleta, o treinamento deverá

²⁷¹ Para Vigarello, “o esporte não pode mais se manter hoje sem o universo de imagens. Ele também não pode manter-se sem os intermináveis comentários e as retransmissões. A tela se impôs ao ponto de identifica-lo”. Cf. VIGARELLO, Georges. *Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*. Paris: Seuil, 2002. p137. Tradução livre.

transbordar para o universo da moral e das emoções; deverá constituir um produto – o atleta treinado – que se dê a ver em suas habilidades, mas também em suas virtudes. Desafio lançado, bastou ao treinamento revestir seus meios com ares de “pureza” para que a tarefa fosse cumprida: a vitória *justa* seria obtida por aquele que fizesse por merecê-la. O máximo empenho, a máxima dedicação, a abnegação dos desejos, a fibra e a determinação fariam do atleta treinado o vencedor aplaudido: um exemplo a ser escutado, observado e seguido. No show do esporte, tais imagens narrativas não cessam de surgir, e fortalecidas pelo comentário, não cessam de afetar e convencer. Uma educação dos desejos se opera: corpos, gestos, condutas e sentimentos são postos na mira como um ideal. A elevação da moral e a educação das emoções se corporificam.

Alain Ehrenberg aponta um dos aspectos mais notáveis nesse movimento: a performance espetacular assinala a presença do mais familiar e do mais humano no superior e, ao fazê-lo, coloca o herói esportivo na ordem do mesmo: “a trajetória desportiva e narrativa do campeão nunca sai deste quadro. Torna visível um ideal superhumano que permanece à altura do homem. Na sua exceção, ela demonstra ainda sua humanidade²⁷².”

Não é sem razão, portanto, que o recorde seduzirá tanto. É que ele representa as proezas realizadas dentro de padrões precisos e mensuráveis que *sempre* são superadas: “recordes que sem cessar superam recordes anteriores; desempenhos em que homens (e, no seu devido tempo, mulheres) medem forças não só um contra o outro, mas também contra a escala impessoal do tempo²⁷³”. O recorde é a prova incontestada de que a humanidade avança; seus números materializam o progresso da história e o treinamento para atingi-lo arrasta consigo o emblema da preparação: desde então, treinar será evoluir. Uma dádiva? Certamente não. Há bastante tempo Benjamin advertiu: “nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie²⁷⁴”. E eis um véu de limpidez e pureza a proteger os modos de

²⁷² EHRENBURG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Lévy, 1991. p.80-1.

²⁷³ WEBER, Eugin. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das letras, 1988. p.281.

²⁷⁴ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 10ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 1996. p.225.

produzir o recorde... Para que uma marca avance, quanto retrocesso precisa ocorrer? Os prazeres do corpo serão enquadrados e suas necessidades se tornarão prescrições: sono monitorado, ingesta calculada, divertimentos controlados. Até mesmo seus orgasmos serão contidos. O esporte produzirá, em massa, esses seres especiais, *super-sub-homens* recordistas. Ao subtrair vida, somarão marcas: para que o “super” ocupe as telas, o “sub” deverá permanecer velado no corpo.

Este corpo, silenciado e adorado, carregará ainda mais segredos. Para manter-se puro, as cifras que produzem o resultado não poderão ser vistas: no pódio, o atleta, e apenas ele, receberá a medalha. Mas é necessário não esquecer que a vitória é fruto também de um investimento objetivo, material, financeiro, cujos bastidores concentram tensões entre muitos interesses. Recursos técnicos de toda ordem são empregados, laboratórios são equipados, materiais construídos, especialistas contratados. No processo de preparação, um sem-número de mãos atua na superfície e na profundidade do esporte para construir no corpo a vitória. Longe de ser uma realização exclusiva do atleta, o recorde representa também a riqueza daquele que investe na sua produção. Resultante de arranjos e negócios, o corpo treinado do recordista portará incontáveis dígitos.

Acumular dígitos, cifras e números para ter um corpo vitorioso, virtuoso e educado. Entre funções, eixos, curvas e coordenadas que representam seu conteúdo, o corpo do atleta se quantifica para revelar limites e possibilidades. Quantos cálculos são feitos para vencer uma disputa? Quantas curvas são traçadas para quebrar um recorde? Quantas equações são resolvidas para formar um campeão?

O corpo espera respostas. Mas não há palavras potentes para enuncia-las. No campo *científico* do treinamento, letras viraram números. Infinitos. Desde então, a gramática corporal do esporte é a matemática.

FONTES, REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

FONTES

LIVROS

AZEVEDO, Fernando de. Antinoüs. In: _____. *Obras completas*. V.1 - 3ª ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

_____. Da Educação Física: O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. In: _____. *Obras completas*. V.1 - 3ª ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BOIGEY, Maurice. *Manuel Scientifique d'Education Physique*. 4eme ed. Paris: Masson et Cie, Editéurs, 1939.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: MEC/DEF, 1968.

DEMENY, George. *Les bases scientifiques de l'Éducation Physique*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1931 [1ª edição de 1903].

MARINHO, Inezil Penna. *Contribuição para a história da Educação Física no Brasil*. [s.l]: [s.n], [1942?].

MOLLET, Raoul. *Treinamento de Força*. [s.l.]: Honor Editorial, 1972.

SAITO, Takashiro. *Como vencer na natação*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

TISSIÉ, Philippe. *L'Education physique rationnelle: la methóde – les maîtres – les programmes*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1922.

PUBLICAÇÕES SERIADAS

Boletim Técnico Informativo [Publicação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura], n.1, Janeiro de 1968.

Boletim Técnico Informativo [Publicação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura], n.2, Março de 1968.

Boletim Técnico Informativo [Publicação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura], n.3, Maio/Junho de 1968.

Revista Brasileira de Educação Física [1944-1952]

Revista de Educação Física [1932-]

Revista Educação Physica [1932-1945]

CAPITULOS DE LIVROS

CANTARINO FILHO, Mario Ribeiro. O aperfeiçoamento da velocidade. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p.179-90

Da COSTA, Lamartine Pereira. Histórico, evolução e fundamentos do treinamento desportivo moderno. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: MEC/DEF, 1968. p.1-16.

_____. Treinamento total e preparação generalizada. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p.17-24.

PINTO, José Rizzo. O controle do treinamento. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – Divisão de Educação Física. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: MEC/DEF, 1968.

SILVA, Athaide Ribeiro da. Como se insere a psicologia num programa de treinamento total. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p.297-307.

ROCHA, Maurício Leal. Regulação cardiovascular e respiratória durante o exercício. In: BRASIL. *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p. 193-206.

FRACCAROLI, José Luiz. Cinesiologia dos exercícios. In: *Introdução a moderna ciência do treinamento esportivo*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p. 107-18.

LENK, Maria. Novos aparelhos de obtenção do força: Exer-Genie e Multi-Sporter. In: *Introdução à moderna ciência*. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968. p. 169-78.

ARTIGOS EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

A CRONOMETRAGEM elétrica nos esportes – importante invento de um jovem patricio. *Revista de Educação Física*, n.32, 1936.

A FAVOR ou contra o recorde? *Revista Brasileira de Educação Física*, n.1, 1944.

ABREU, J.R.Toledo de. Um ano de atividade. *Revista de Educação Física*, n.1, 1933.

ALBUQUERQUE, Arcy Tenorio de. Os Jogos Olympicos de Los Angeles. *Revista Educação Physica*, n.2, 1932.

ALBUQUERQUE, Arcy Tenório de. Vocabulario Esportivo. *Revista Educação Physica*, n. 10, 1937.

ALMEIDA, Otacílio. Controle da fadiga pela urina. *Revista de Educação Física*, n.46, 1939.

AMARAL, Euclides. O physico e as provas athleticas. *Revista Educação Physica*, n.13, 1937.

AMÉRICO R. NETTO. Gymanástica e esporte: alguns critérios para diferencia-los. *Revista Educação Physica*. n.12, 1937.

APHORISMAS da Educação Física. *Revista Educação Physica*, n. 7, 1936.

ARAÚJO, P.F. de Figueiredo. Fenômenos fisiológicos do treinamento esportivo. *Revista de Educação Physica*, n.77, 1944.

_____. Fenômenos fisiológicos do treinamento esportivo II. *Revista de Educação Physica*, n.78, 1944.

_____. Fenômenos fisiológicos do treinamento esportivo III. *Revista de Educação Physica*, n.79-80, 1944.

ARENO, Waldemar. Higiene do treinamento esportivo – o “doping”. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.41, 1947.

ATOS de consciência do treinamento. *Revista de Educação Física*, n.5, 1933.

BROWN, Fred. Treinamento em vista de certos princípios physiologicos. *Revista Educação Physica*, n.6, 1936.

CARLSON, H.C. Fundamentos do Basket ball. *Revista Educação Physica*, n.1, 1932.

CASTRO, Leite de. O médico – o técnico – o dirigente. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.10, 1944.

_____. Sífilis e esporte. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.32, 1946.

CASTRO, Luiz Carlos Cardoso de. Natação – Programa de Treinamento. *Revista de Educação Física*, n.38, 1938.

_____. O complexo natatório – ensaio de uma ficha de nadador. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.5, 1944.

CHATEAUBRIAND, Assis. Dinâmica Corporal. *Revista Educação Física*, n.18, 1934.

CÓDIGO moral do atleta. *Revista de Educação Física*, n.63, 1949.

COLOMBO, Alfredo. A educação física e o futebol. *Revista de Educação Física*, n. 42, 1938.

COLUCI JUNIOR, Lourenço. Futebol. *Revista de Educação Física*, n.52, 1942.

COMO o “Bangú A.Club” se tornou campeão – O valor de um regime racional de Educação Física. *Revista de Educação Física*, n.13, 1933.

CORRIDAS de velocidade. *Revista de Educação Física*, n.23, 1935.

COUBERTIN, Pierre. Classificação dos Sports”. *Revista Educação Physica*, n.4, 1934.

CRONOMETRAGEM Desportiva [Tradução da revista “Science et vie” pelo 1º Tenente Jorge Alberto Prati de Aguiar – Intrutor da EEFE]. *Revista de Educação Física*, n.61, 1949.

CUNHA, F.C. Fontanillas da. Pequena história de um recorde. *Revista de Educação Física*, n.79, 1955.

DeMARZZI, Aquilles. Athletismo: princípios geraes de treinamento. *Revista Educação Physica*, n. 7, 1936.

DONAUGHE, Wilson. Athletas Negros Norte-americanos – O apparecimento de figuras extraordinarias: Enthusiasmo, treinos vigorosos e não qualidades racionais. *Revista Educação Physica*, n.11, 1937.

ESPIRITO esportivo – a vitória é um acidente. *Revista Educação Physica*, n.12, 1937.

ESPOSITO, José. O Bola ao cesto em São Paulo. *Revista Educação Physica*, n.1, 1932.

ESTUDO Morfológico dos Atletas – Aplicação da forma ao Desporto. *Revista de Educação Física*, n.33, 1938.

FIGUEIRA, Acrísio. Treinamento atlético – treinamento de campeão de 800 metros rasos. *Revista de Educação Física*, n.92, 1959.

FLORENTINO, Rosalvo. Ginástica pré-desportiva. *Revista Educação Physica*, n.47, 1940.

GOMES Jr., Guilherme S. Dopagem – Atleta dopado. *Revista de Educação Física*, n. 93, 1964.

GONÇALVES, Oswaldo. Atletismo – Blocos de partidas. *Revista de Educação Física*, n.51, 1948.

GONÇALVES. 100 metros rasos – Detalhes de técnica de chegada – Sua importância, forma de trabalho físico e o que é recomendável. *Revista de Educação Física*, n.74, 1953.

HÉBERT, Georges. La Folie Sportive: Nous n'avons voulu cela!. *L'Éducation Physique*, Paris, n.1, p.3, 1927.

_____. Os perigos morais do esporte. *Revista Educação Physica*, n.56, 1941.

HOFFER, John G. Athletismo. *Revista Educação Physica*, n. 3, 1933.

INOVAÇÕES atléticas. *Revista de Educação Física*, n.39, 1938.

KONDER, Alexandre. Esporte: arma de guerra. *Revista de Educação Física*, n. 52, 1942.

KUDILINSKI, Mincelau. A fibra do recorde. *Revista Educação Physica*, n.71, 1942.

LAMEGO, José Maria. O valor do record no esporte. *Revista de Educação Física*, n.38, 1938.

LENK, Maria. Treinamento desportivo: pontos a serem visados. *Revista de Educação Física*, n.93, janeiro 1964.

LIMA, Oriot Benites de Carvalho. O metabolismo básico. *Revista de Educação Física*, n.55, 1942.

LIMITES das possibilidades humanas – Declarações do tecnico de educação physica Brutus Hamilton Marques que não serão ultrapassadas. [Entrevista realizada pelo chronista francez Court Reiss]. *Revista Educação Physica*, n.11, 1937.

LIRA, Antonio Pereira. Estudo dos lançamentos – Trabalho feito após 7 anos de estudos proprios e observação dos maiores atletas do mundo. *Revista de Educação Física*, n.9, 1933.

LISTELLO, Auguste. Princípios de Educação Física Desportiva Generalizada. *Revista de Educação Física*, n.72, 1953.

LOPES, Anchyses Carneiro. 62"! 57",4! 56",4! ?"!... Estacionada a marca dos 100 metros "crawl"?.. *Revista Educação Physica*. n.22, 1938.

_____. A chronometragem electrica e o cinema no julgamento das provas esportivas – A câmara de Kirby. *Revista Educação Physica*, n.21, 1938.

LOYOLA, Hollanda. Educação Esportiva. *Revista Educação Physica*, n.50, 1941.

MARGARIA, Rodolfo. O combustível de escolha no trabalho muscular. *Revista de Educação Física*, n.36, 1937.

MAURICIO, H. VECCHIO. Aspectos médico-desportivos do basquetebol. *Revista Educação Physica*, n. 50, 1941.

MIRANDA, Conceição N.; MASCARENHAS, Brenno Cruz. O sapato de prego e seu emprego nas provas de pista. *Revista de Educação Física*, n.51, 1942.

NOEL-BAKER, Philip. Manifesto sobre o desporto - Documento do Comitê Executivo do Conselho Internacional de Educação Física. *Revista de Educação Física*, n.96, 1967.

NOGUEIRA, Milton Campelo. Salto com vara – Generalidades – Papel do médico e do treinador. *Revista de Educação Physica*, n.29, 1935.

NOSSO programa. *Revista Brasileira de Educação*, n.1, janeiro 1964.

NUNES, Adrião Alves. Será possível atingir os 4 minutos na milha? A história da evolução o recorde mundial da milha (1.609,34). *Revista Brasileira de Educação Física*, n.35, 1947.

NUNES, Danilo da Costa. O recorde a serviço da Pátria. *Revista de Educação Física*, n.52, 1942.

OS ESTADOS Unidos nos Jogos Olympicos. *Revista Educação Physica*, n.2, 1932.

OS JOGOS Olympicos de Los Angeles. *Revista Educação Physica*, n. 2, 1932.

PADILHA, Sílvio. A educação física com base do esporte. *Revista de Educação Física*, n.6, 1933.

PADILHA, Sylvio de Magalhães; MATULA, Emanuel. A corrida-velocidade – Conhecimentos fundamentais para o ensino e o aprendizado. *Revista Brasileira de Educação Física*, n.38, 1947.

PEREIRA, Mário Muniz. A educação desportiva. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964.

PINHEIRO, João Ribeiro. Militarismo e Educação Física. *Revista de Educação Física*, n.1, 1932.

PINTO, Gilson Schuch. O treinamento fracionado (IT) aplicado a natação. *Revista de Educação Física*, n. 94, 1964.

PINTO, Ruy Duarte. Salto com Vara. *Revista de Educação Física*, n.54, 1942.

PINTO, Schuch. Planos de treinamento de natação. *Revista de Educação Física*, n. 93, janeiro de 1964.

PLANO de treinamento físico – corrida de 1000m (revezamento). *Revista de Educação Física*, n.68, 1951.

PREPARAÇÃO física do atleta. *Revista Educação Physica*, n.10, 1937.

PROGRAMA Geral de Ensino de 1932. *Revista de Educação Física*, n.2, 1932.

RAMOS, Jair Jordão. Os cânones atuais do treinamento desportivo. *Revista de Educação Física*, n.94, 1964.

REZENDE, Octavio Murgel. Os esportes como elemento de coesão nacional. *Revista Educação Physica*, n.2, 1932.

RIBEIRO, Luis Gomes Nogueira. O tipo muscular em face da educação física. *Revista de Educação Física*, n. 45, 1939.

RIVAS, Álvaro. A ciência ao serviço do esporte. *Revista Educação Physica*, n. 19, 1938.

RORK, Rozelle; HALLEBRANDT, Frances. A capacidade de flutuação da mulher. *Revista Educação Physica*, n.17, 1938.

SAVANAUCH, Francis. J. Treinando para o futebol. *Revista Educação Physica*, n. 13, 1937.

STEINBERG, Isidoro Ricardo. Nem todos são iguaes em face dos esportes. *Revista Educação Physica*, n.13, 1937.

STUDART, Lauro Barroso; ALMEIDA Otacílio. O teste de Donágio e a creatinina na urina. *Revista de Educação Física*, n.48, 1941.

_____; ALMEIDA Otacílio. Os exames do laboratório de pesquisas. *Revista de Educação Física*, n.55, 1942.

TARGA, Jacinto T. Educação desportiva generalizada. *Revista de Educação Física*. n.73, 1953.

TAVARES, Luiz da Silva. A prova de Bürger – Seu valor e suas aplicações em Educação Física. *Revista de Educação Física*, n.18, 1934.

_____. Controle da fadiga pela urina. *Revista de Educação Física*, n.56, 1947.

TREINAMENTO esportivo. *Revista de Educação Física*, n.20, 1935.

UM BOM esportista. [Editorial]. *Revista Educação Physica*, n.87, 1945.

- VARGAS, Julio. O sistema esportivo. *Revista Educação Physica*, n. 25, 1938.
- VOLPE, Orestes. O valor dos esportes. *Revista Educação Physica*, n.15, 1938.
- ZAULI, Bruno. Os atletas do ano 2000. *Revista de Educação Física*, n.5, 1933.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 10ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. [Exposição introdutória ao Congresso Internacional do HISPA, realizado no INSEP (Paris), março de 1978.]. In: _____. *Questões de Sociologia*. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.
- BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Orgs.) *Esporte, história e sociedade*. São Paulo: Editores Associados, 2002.
- _____. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 2ª ed. rev. Ijuí-RS: Unijuí, 2003.
- BRITANNICA Online Encyclopedia. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/301475/Matti-Jarvinen>. Acesso em 14.01.2010
- DaCOSTA, Lamartine Pereira. Treinamento Esportivo. In: _____. (Org.). *Atlas de Educação Física e Esporte*. Rio de Janeiro, Shape, 2005.
- EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Lévy, 1991.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 11ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- FERREIRA NETO, Amarílio. Publicações periódicas de ensino, técnicas e magazine em educação física e esporte. *Proteoria*. Disponível em: http://www.proteoria.org/textos/2004_01_amarilio_pub_perio_de_ensino_tec_e_mag_em_ef_esp.pdf. Acesso em 29.01.2010.
- FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio* – Dicionário Eletrônico. Versão 5.0 – Edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo Informática, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 16ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Orgs.). Esporte: história e sociedade. São Paulo: Editores Associados, 2002. p.5-29.

GUTTMANN, Allen. *From ritual to record – the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

HOBBSBAWN, Eric J. *A era do capital – 1875-1848*. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *A era dos impérios – 1875-1914*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. “A produção em massa das tradições”. In: HOBBSBAWN, Eric J; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

LESSA, Fábio de Souza. Esporte na Grécia antiga: um balanço conceitual e historiográfico. *Recorde: Revista de História do Esporte*. v.1, n.2, p.1-18, dezembro de 2008.

LISTELLO, Auguste. *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer*. São Paulo: EPU/Edusp, 1979.

MELO, Victor Andrade de. *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

PAGNI, Pedro Ângelo. *Fernando de Azevedo Educador do Corpo (1916-1933)*. 1994, 195f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

PLATONOV, V.N. Teoria geral do treinamento desportivo olímpico. Porto Alegre-RS: Artmed, 2004.

RABINBACH, Anson. *The human motor*. Berkeley-Los Angeles: Univeversity of California Press, 1990

ROCHA, Paulo Sérgio Oliveira da. *Treinamento Desportivo*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Documentação e Divulgação, 1978. Vol I.

ROGER, Anne. El entrenamiento en atletismo en Francia (1945-1970): entre arte, ciencia y tecnica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.26, n.1, p.153-169, 2004.

SCHILLING, Voltaire. *Mundo: História*. Disponível em http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/carlos_v.htm. Acesso em 14.01.2010.

SCHNEIDER, Robert. *A arte do retrato*. Köln: Taschen, 1992. [versão em português-PT, editada em Colônia, Alemanha].

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 2ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. *Imagens da Educação no corpo*. São Paulo: Autores Associados, 1998.

SANT'ANNA, Denise Berluzzi. Prefácio à segunda edição. In: SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. 2ª ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001.

VAZ, Alexandre Fernandes. Do culto à performance: esporte, corpo e rendimento. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 11., 1999, Florianópolis-SC. *Anais...* [Caderno 2]. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. p.100-7.

_____. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Caderno Cedes*. N.48, Corpo e Educação, p. 89-108, 1999.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

VIGARELLO, George. *Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe*. Paris, Éditions du Seuil, 2002.

_____. Estádios – O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (Dirs.) *História do corpo*. Volume 3 – As mutações do olhar: o século XX [Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine]. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p. 445-80.

_____. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (Dirs.) *História do corpo*. Volume 3 – As mutações do olhar: o século XX [Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine]. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p.197-250.

_____. *Le corps redressé*. Paris: Armand Colin, 2004.

_____. *Une histoire culturelle du sport: techniques d'hier... et d'aujourd'hui*. Paris: Robert Laffont, 1988.

WEBER, Eugén. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALVINO, Italo. *Palomar*. Lisboa: Editorial Teorema, 1985.

COLI, Jorge. O sonho de Frankenstein. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.299-316.

De CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O nascimento da clínica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. O que é um autor? In: _____. *Ditos e escritos – Volume 3*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.264-98.

GLEYSE, Jacques. O diálogo das ciências humanas e das ciências da vida na educação física na França: análise e perspectivas. In: Soares, Carmen (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Fapesp, 2007. p.139-57.

Le GOFF, Jacques (dir.). *A história nova*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, Homero Luis Alves de. Ciências do Esporte. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.) *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí-RS: Unijuí, 2005. p. 66-70.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUZ, Madel Therezinha. *Natural, racional, social; razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MACHADO, Roberto. Prefácio. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARCHI JUNIOR, Wanderley. Desporto. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.) *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí-RS: Unijuí, 2005. p.126-30.

NOVAES, Adauto. A ciência no corpo. In: _____. (Org.). *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.7-14.

PEREIRA, Elias; Gleyse, Jacques. O doping ao longo do século XX na França: representações do puro, do impuro e do segredo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.27, n.1, p.55-74, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. 9ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.6, n.11, p.78-88, 1993.

SOARES, Carmen; TERRA, Vinícius. Lições de anatomia: geografias do olhar. In: Soares, Carmen (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Fapesp, 2007. p.101-16.

Vaz, Alexandre Fernandez. Doping, esporte, performance: notas sobre os "limites" do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.27, n.1, p.23-36, 2005.

_____. Competição. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.) *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí-RS: Unijuí, 2005. p.84-6.

APÊNDICE A

MEMORIAL DE EXAME DE QUALIFICAÇÃO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MEMORIAL

Carlos Rogério Ladislau

**Campinas-SP
Maio de 2009**

Carlos Rogério Ladislau

MEMORIAL

Memorial apresentado ao programa de Pós-Graduação Stricto-sensu em Educação, nível doutorado, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Campinas-SP

Mai de 2009

Refletir sobre um percurso é sempre uma oportunidade de avaliar escolhas, o que implica, desde então, em revisitar possibilidades, renúncias e esperanças.

Em 1989, ingressei no curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais. Tinha então 17 anos. Como consequência dessa escolha, tive minhas primeiras experiências no universo acadêmico, universo esse constituído, naquele momento e naquela instituição, sobretudo nas bases das ciências duras, ou pelo menos, nas bases duras de algumas ciências. Foi assim que estabeleci, nos domínios da Educação Física e dos seus ramos, meu primeiro convívio com a histologia, com a anatomia, com a fisiologia, com a cinesiologia, com a estatística e com a ciência do treinamento. Nesse período, tive também a oportunidade de dar meus primeiros passos no campo da investigação científica, participando como bolsista do CNPq, pelas mãos das professoras Sílvia Chiapeta e Maria Aparecida Sperancini, de uma pesquisa para levantar *parâmetros físicos e motores de mulheres submetidas a uma programa de atividade física*. Por dois anos, investi leituras e pensamentos nas veredas desses campos: força, resistência muscular, resistência cardiovascular, flexibilidade, coordenação. Testes, tabulações, cálculos, estatísticas, discussões, conclusões.

Paralelamente a essas elaborações, especificamente nos três últimos semestres da minha graduação (em 1991 e 1992), fui sendo enlevado por outros ares, outros sons, outros olhares. O ingresso de novos professores no quadro da UFV trouxe consigo o descortinamento de horizontes até então por mim desconhecidos: foi quando comecei a descobrir e a compreender que por trás das “biologias”, havia homens e mulheres cujos corpos, além de carne e osso, portavam também desejos e histórias. Foi quando concebi a possibilidade de outras “ciências”, menos duras, mais humanas. Nesse processo, não poderia deixar de mencionar os nomes dos professores Sílvio Ricardo da Silva e Andrea Moreno, referências sobretudo de afeto, que definitivamente constituíram, cada qual com seu brilho, marcos na minha trajetória. Devo a essa última, inclusive, mais do que a orientação, a co-autoria da minha monografia de graduação, através da qual, discutindo a prática pedagógica do professor universitário, tive a oportunidade não apenas de realizar meu primeiro exercício sistemático de avaliação de uma trajetória (a da minha graduação!) como também de ser apresentado a autores que ainda hoje me ajudam a olhar e pensar o mundo.

Nesse movimento, encontrei pela primeira vez a professora Carmen Lucia Soares, nas páginas finais de uma publicação emblemática dos anos 90: A obra “Metodologia do Ensino de Educação Física”, constituída sob os auspícios de um “Coletivo de Autores” formado por nomes que hoje continuam embalando discussões fundamentais na área de Educação Física e Esportes.

Pois bem. Foi no permeio dessas ambiguidades que construí meu primeiro chão: “Matheus e Fox” e “Coletivo de Autores”; fisiologia do treinamento e didática da educação física; biologias e humanidades; cada qual desses termos me seduzindo, cada qual delineando horizontes, conformando olhares e percepções.

Após formado, tive uma rápida experiência com professor da educação básica (então, ainda “Primeiro Grau”), momento em que pude tentar converter em prática a vontade turbilhonante de “transformar o mundo” começando pela sala de aula. Entretanto, as experiências ligadas às biologias durante a graduação tinham deixado raízes profundas e, pela intervenção de uma outra professora da UFV, ingressei no “mundo das academias”, esses celeiros de promessas de transformação de perfis e silhuetas, de metabolismos e psiques... E eu, que queria fazer diferença, comecei a fazer igual. Sempre igual. Fabricava corpos encorpados de si, calibrados em centímetros e repletos de vazio.

Nesse momento de vida, minha história não me negou. Meus dois eternos professores, então já amigos Sílvia e Andrea, me despertaram da letargia e, pelas mãos deles, ingressei no curso de Especialização em Educação Física Escolar da mesma UFV na qual eu havia me formado, experiência que representou um novo salto qualitativo na minha vida acadêmica: ampliação de perspectivas teóricas, novas possibilidades de práticas, novos exemplos profissionais, novas esperanças, novas aspirações. Não por acaso, nesse período tive minha primeira experiência como professor universitário, ingressando na Universidade Federal de Ouro Preto num contrato de substituição. Experiência tão preciosa que não pude deixar de registrá-la: virou “objeto” de pesquisa no meu curso de pós-graduação, fornecendo o material para minha monografia de especialização.

Dois anos depois, eu ingressaria no Mestrado em Educação Física desta Instituição (Unicamp), ainda embalado pelas mãos dos meus dois “tutores” (não encontro palavra mais adequada para nomear Sílvia e Andrea, meus professores-amigos...). Aventurei-me, então,

pelas veredas dos estudos do lazer e, absorto que estava pelas atividades de excursionismo e escalada que eu desenvolvia como práticas de divertimento no Pico do Itacolomi em Ouro Preto (MG), fiz desse um problema de estudo. Devo a Heloísa Turini Bruhns a orientação nesse percurso que me proporcionou uma riqueza indefinível de experiências e saberes.

Em 2000, ingressei em definitivo na carreira do magistério superior ao ser contratado pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, no norte das Gerais, instituição que me abriga até hoje e a qual devo, entre outras coisas, a oportunidade de estar agora escrevendo este memorial para o exame de qualificação de minha tese de doutorado.

Na Unimontes, novamente fui provocado a lidar com as ambiguidades da minha história. Eu, que estava prestes a concluir o mestrado em Estudos do Lazer, fui ministrar aulas de treinamento esportivo... Fundamentos biológicos, princípios metodológicos, constituintes e fatores, periodização. Comecei a me divertir com isso então. Pareciam ecos da minha graduação, os quais, para minha felicidade e a de meus alunos, anunciavam o sucesso da minha formação inicial: não tive nenhuma dificuldade em lidar com os conceitos e as práticas dessa disciplina e, em pouco tempo, passei a ser creditado por isso entre meus pares.

Entretanto, àquela época, o curso de Educação Física na Universidade dava ainda seus primeiros passos, e entre idas e vindas, acabei me tornando professor de didática da Educação Física, de Prática de Ensino e de Estágio Supervisionado. E eis de novo a ambiguidade, quase mesmo um paradoxo para mim, que via sempre à minha porta baterem dois distintos cidadãos, um a me falar das descobertas do laboratório, outro a me falar dos desafios da educação. E, a despeito das sábias advertências de Clarice Lispector, com isso fui convivendo.

Em 2005, por ocasião do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), realizado na cidade de Porto Alegre-RS, eu assistia atentamente à exposição que Vinícius Terra fazia sobre sua dissertação de mestrado no GTT de Memórias da Educação Física. Sua orientadora havia sido a professora Carmen Lúcia Soares, que eu tivera a oportunidade de conhecer pessoalmente anos antes enquanto realizava o curso de mestrado. Finda a exposição de Vinícius, iniciaram-se as discussões sobre o trabalho. A certa altura do debate, a professora Carmen, que também acompanhara empolgadamente a exposição de seu orientando, lançou a seguinte provocação (não me lembro das palavras exatas, mas a idéia

jamais me abandonou a memória): “Não entendo por que no Brasil ninguém realizou até agora um estudo sobre treinamento esportivo desde uma perspectiva das humanidades...”. Certamente ela não sabia, mas naquele exato momento, com a sua pergunta, ela me oferecera uma resposta para a questão que desde 1991 afligia minha história... Não se tratava de optar pelo laboratório ou pela escola, pelas biológicas ou pelas humanidades, mas de por em tensão esses dois lugares, de fazê-los dialogar. De lá mesmo, do Conbrace de 2005 em Porto Alegre, regressei para o sertão das Gerais cheio de idéias, livros e esperanças.

Em agosto de 2006, eu ingressaria no programa de doutorado em Educação da Unicamp, orientado pela professora Carmen Lúcia Soares, a Carminha. Um sonho. Um projeto de vida. Uma história.

História. Era da História e sobre histórias que eu iria elaborar. Porque os corpos são enciclopédias, nas quais estão inscritas narrativas de vida em sua riqueza e sua miséria, em sua escassez e sua opulência, em sua luz e sua opacidade. Livros fartos que gritam mesmo calados, porque o silêncio porta muitas histórias. Histórias do corpo e, portanto, da educação no corpo, das intervenções desde sempre operadas sobre esse corpo, fornecendo pistas muito significativas acerca de homens, mulheres, culturas, sociedades. Pistas de uma dada forma de perceber, de pensar, de agir: pistas de uma educação datada, que indo com o tempo, matiza o olhar, orienta o pensamento e conforma a ação.

Ora, o esporte e as maneiras de ser esportivo constituem, sobretudo a partir do século XX, uma verdadeira pedagogia corporal e, se assim o admitirmos, será impossível negar que os modos de produzir o resultado esportivo operados nos entremeios do treinamento constituirão verdadeira “cartilha”, ensinando, do bê-á-bá à sintaxe, todos os meandros de uma alfabetização corporal.

Decorre daí a importância de se buscar compreender como as maneiras de treinar vão sendo constituídas na história recente do Brasil, perscrutando não as práticas, mas as informações veiculadas num dado momento e que, se não promoveram de imediato tais práticas, permitiram que elas fossem pensadas, analisadas, suprimidas ou executadas.

Perseguindo esse projeto, frequentei excelentes cursos até o momento. O “Seminário de Pesquisas em Imagens”, desenvolvido pelo conjunto de professores do Grupo Olho, logo no início do curso de doutorado, constituiu o átrio desse novo espaço a ser habitado, revelando modos de pensar e fazer pesquisa que, justamente por entender a “ciência”, não se permitia limitar-se aos enquadramentos do “método”. O curso do Prof. Milton Almeida, “Cenografias da memória”, consolidou fortemente essa perspectiva: “outras” narrativas que não a tradicional; “outras” religiões que não a científica; “outros” argumentos que não o explicável; “outras” verdades que não a evidência. Simplesmente liberdade para pensar, para imaginar, e para fazer dessa matéria o alicerce de outro lugar, se não melhor, ao menos mais verdadeiro que esse que ocupamos.

A disciplina “Tópicos especiais em História V” muito contribuiu nesse processo. Fortemente embasada em Foucault e Deleuze, a professora Margareth Rago tratou com grande apuro as possibilidades de pensar o impensado, colocando em foco não apenas “o absurdo do presente” e suas condições de possibilidade, mas, sobretudo, a perplexidade dos críticos contemporâneos diante da familiaridade com que tal absurdo é percebido, assimilado, reproduzido e potencializado no cotidiano.

Contribuição indiscutível também foi prestada pela professora Jeanne-Marie Gagnebin que, de maneira brilhante e a despeito da greve que atravessou o semestre letivo (1º semestre de 2007), desenvolveu com extrema propriedade um curso apaixonante cujo eixo central foi o estudo das narrativas literárias, fornecendo elementos importantíssimos para o trato acadêmico de escritos e documentos, ferramenta indispensável para quem se envereda pelo campo dos estudos históricos.

Entre as disciplinas, resta apontar, por fim, dois cursos que, para mim, operaram verdadeiras orientações no caminho de construção da minha tese. Refiro-me às disciplinas oferecidas pela professora Carmen Lúcia Soares na Faculdade de Educação Física, “Seminários Avançados em Corpo e Educação” e na Faculdade de Educação, “Imagens, corpo e educação”. Com a habilidade acadêmica que lhe é característica patente, a professora apresentou vasta rede de informações a partir de fontes nacionais e estrangeiras, situando o corpo e muitos de seus fazeres num movimento histórico extremamente articulado, revelando discursos e práticas que constituem continuidades mas também rupturas nos modos de fazer corporal e nos seus desdobramentos.

Uma contribuição insubstituível nesse processo está sendo dada pelo Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Carmen Lúcia e do qual fazem parte seus orientandos e ex-orientandos dos diversos níveis acadêmicos. Tratando das questões referentes à história da Educação Física e seus ramos, são desenvolvidas reuniões periódicas em que são discutidos os textos produzidos pelos próprios integrantes, textos esses constituídos por esboços de pensamento, intenções de estudo, fragmentos de pesquisa, artigos a serem encaminhados ou mesmo capítulos de teses e dissertações. Cabe ressaltar que a leitura e a discussão desses textos tem servido de vigoroso estímulo à produção intelectual, posto o franco envolvimento dos integrantes, a franqueza da crítica, a cordialidade do diálogo e, acima de tudo, o desejo irrepreensível de contribuir para o alavancar de pesquisas honestas, sérias, densas e bem colocadas.

Seria irresponsável terminar esse exercício de “não esquecer” sem enaltecer os méritos dessa Instituição que ora abriga tantos sonhos. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas políticas educacionais implantadas (ou não implantadas!), responsáveis pelo empobrecimento das condições de trabalho, a Unicamp, sobretudo por meio do envolvimento e da dedicação de seus funcionários e de seu quadro docente, brilha por sua grandeza de projeto e de realização. É motivo de orgulho, portanto, fazer parte dela e registrar aqui uma parte da minha história.

Por fim, e não por último, devo dizer da minha sorte em ter a professora Carmen Lúcia como orientadora. Sim, porque o trabalho da minha tese tem tanto dela que borraram-se as fronteiras. Desde o início, não reconheço mais onde pensei. Porque, para ser justo, ao pensar, preciso do plural. Sou eu quem escrevo, ao arbítrio da minha mão e dos meus pensamentos. Realizo o ato motor. Mas no canteiro da imaginação, lá onde brotam as idéias, conjugo o “nós”. Eu seria pena sem tinta se não fosse a inspiração que você, Carminha, representa para mim.

Campinas, SP

Maio de 2009